



GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS



SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE
NARRATIVAS ORAIS DE ALTO PARAGUAI - MT**

Sinop - MT

2018

SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE
NARRATIVAS ORAIS DA CIDADE DE ALTO PARAGUAI - MT**

Trabalho de Conclusão
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação Profissional em Letras –
PROFLETRAS – da Universidade do
Estado de Mato Grosso, *Campus*
Universitário de Sinop, como requisito
para obtenção do título de mestre em
Letras.

Área de concentração: Linguagens
e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Marta
Helena Cocco

Sinop - MT

2018

Batista, Sunair Pereira Fonseca.
B333p Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais de Alto Paraguai - MT / Sunair Pereira Fonseca Batista – Sinop, 2019.
190 f. ; 30 cm. Il. color.

Trabalho de Conclusão Final – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019

Orientador: Marta Helena Cocco

1. Letramento Literário. 2. Narrativas Orais. 3. Memória Coletiva. 4. Valorização Cultural. I. Autor. II. Título.

CDU 821.134.3(817.2)

SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO A PARTIR DE
NARRATIVAS ORAIS DA CIDADE DE ALTO PARAGUAI - MT**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Helena Cocco
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra/MT
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Tangará da Serra/MT

Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop/MT

SUPLENTES

Profa. Dra. Divanize Carbonieri
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Cuiabá

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop/MT

Aprovada em: 27/02/2019
Local da defesa: Sala H-5 – *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

Dedico este trabalho ao povo de Alto Paraguai.

MEUS AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedeu saúde e sabedoria para concluir mais esta etapa de minha vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Marta Helena Cocco que com sabedoria e paciência ajudou-me com suas experiências e conhecimentos, transmitindo-me confiança e ânimo para chegar ao final desta jornada. Meus sinceros agradecimentos.

Ao meu esposo Evail, minhas filhas Even Nayre e Ellen Nayara e ao meu filho Joaby.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, meu pai e minha irmã Sunamita.

A todos os meus professores e aos colegas da turma IV do Profletras.

À equipe gestora da Escola Estadual Alexandre Gomes da Silva Chaves, especialmente ao compreensivo Diretor Júlio Magalhães e à secretária Andreia May.

Aos meus queridos alunos do 8º e 9º ano e aos moradores de Alto Paraguai, sujeitos participantes desta pesquisa.

À professora Alcione Modesto, nascida nesta cidade cheia de belas histórias das quais faz parte e que foi uma grande companheira, ajudando-me de todas as maneiras possíveis durante a trajetória do projeto. Fonte de informação sobre Alto Paraguai e uma das peças fundamentais para movimentar as engrenagens deste trabalho.

À professora Etelvina Santos Oliveira, filha de Alto Paraguai, por indicar-me os pioneiros que fizeram parte da história da cidade desde o início de sua fundação e por demonstrar interesse e boa vontade em ajudar-me nesta árdua e gratificante tarefa.

À minha amiga Kelma por acompanhar-me em vários momentos das entrevistas e aulas de campo.

A todos que me ajudaram direta ou indiretamente para que este projeto se concretizasse.

Muito obrigada!

RESUMO

A pesquisa “Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais de Alto Paraguai-MT” é uma proposta de intervenção pedagógica desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras – Profletras – da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT/SINOP e foi realizada na Escola Estadual Alexandre Gomes da Silva Chaves” município de Alto Paraguai/MT, com alunos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental. Os objetivos da pesquisa foram desenvolver atividades que contribuíssem com o letramento literário dos alunos; resgatar e preservar as narrativas orais de Alto Paraguai, por meio do registro escrito para que não se percam no tempo. Como metodologia desta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, com delineamentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa-ação, sugerida principalmente por Minayo (2001) e Thiollent (1988) cujo objetivo centra-se em observar e compreender os fatos da realidade, trabalhando com o universo de significados e não com a representatividade numérica. Como embasamento teórico sobre a produção das narrativas orais por meio da memória coletiva, nos apoiamos nas obras de Halbwachs (1990) e Eclea Bosi(1994), além de contarmos com os posicionamentos do folclorista Câmara Cascudo (1976/2014) o qual denomina as narrativas orais como literatura popular. No tocante às práticas de letramento literário contamos com os pressupostos de Rildo Cosson (2012), Antônio Cândido (2001), Walter Benjamim (1987), Magda Soares(1999), Tzvetan Todorov (2009), entre outros. Sobre a importância da oralidade e a retextualização de narrativas orais para o letramento literário, nos embasamos em Antônio Marcushi (2010). Para desenvolver as atividades de intervenção pedagógica na sala de aula, utilizamos a metodologia sugerida por Teresa Colomer (2007) e Roxane Rojo (2012), denominada pelas autoras de *Projeto de trabalho* que constitui-se em eleger um tema oriundo de um problema e, a partir dele, definir os objetivos a serem alcançados, apresentar uma justificativa explicando o porquê ou a necessidade de se abordar determinado assunto, desenvolver atividades que geralmente são divididas em etapas e apresentar um produto final a ser compartilhado com a sociedade na culminância do projeto. No decorrer do projeto os alunos fizeram atividades de resgate e retextualização das memórias, lendas, músicas, causos e poemas colhidos na oralidade e passados para a escrita, usando recursos expressivos da linguagem literária. No final do projeto apresentamos dois produtos finais para divulgação do trabalho.

Palavras chave: Letramento literário. Narrativas orais. Memória coletiva. Valorização cultural.

ABSTRACT

The research "Literary literacy practices from oral narratives of Alto Paraguay-MT" is a proposal of pedagogical intervention developed in the Professional Master's Degree in Letters - Profletras - of the State University of Mato Grosso-UNEMAT / SINOP and was held at the State School Alexandre Gomes da Silva Chaves "municipality of Alto Paraguai / MT, with 8th and 9th grade students. The objectives of the research were to develop activities that contributed to the literary literacy of the students; rescue and preserve the oral narratives of Alto Paraguay, through written records so that they do not get lost in time. As a methodology of this research, we use the qualitative approach, with a delineation of bibliographical research and action research, mainly suggested by Minayo (2001) and Thiollent (1988) whose objective is to observe and understand the facts of reality, working with the universe of meanings and not with numerical representativeness. As a theoretical basis on the production of oral narratives through collective memory, we rely on the works of Halbwachs (1990) and Eclea Bosi (1994), besides counting on the positions of folklorist Câmara Cascudo (1976/2014), which he calls oral narratives as popular literature. As for literary literacy practices, we have the assumptions of Rildo Cosson (2012), Antônio Cândido (2001), Walter Benjamim (1987), Magda Soares (1999) and Tzvetan Todorov (2009). On the importance of orality and the retextualization of oral narratives for literary literacy, we are based on Antonio Marcushi (2010). In order to develop pedagogical intervention activities in the classroom, we use the methodology suggested by Teresa Colomer (2007) and Roxane Rojo (2012), called by the authors of the Work Project, which is to elect a theme arising from a problem and, from it, define the objectives to be achieved, present a justification explaining the why or the need to address a particular subject, develop activities that are usually divided into stages and present an end product to be shared with society at the culmination of the project. In the course of the project, the students performed activities of retrieving and retextualizing the memories, legends, songs, causes and poems collected orally and passed to the writing, using expressive resources of the literary language. At the end of the project we present two final products to publicize the work.

Keywords: Literary literacy. Oral narratives. Collective memory. Cultural valorization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTOS DA PESQUISA	13
1.1. A memória coletiva e a produção das narrativas orais	16
1.2. Narrativas orais como prática de letramento literário	21
1.3. A recontação de narrativas como aliada ao processo de letramento literário	30
1.4. Retextualização de narrativas orais	33
2. O CONTEXTO DA PESQUISA	40
2.1. A cidade e sua história	40
2.2. Perfil da comunidade escolar e dos moradores	46
2.3. A metodologia da pesquisa	53
2.4. Apresentação da proposta de pesquisa aos alunos e pais	55
3. O PROCESSO PARA CHEGAR À RETEXTUALIZAÇÃO	56
3.1. Desenvolvimento do projeto de trabalho - Primeira etapa: Estudo de gêneros textuais orais e leitura de obras literárias provenientes da oralidade	61
3.1.1. Lendas	61
3.1.2. Memórias literárias	73
3.1.3. Causos	81
3.2. Segunda etapa: Entrevista e coleta de narrativas orais	90
3.3. Terceira etapa: Conhecendo os locais onde ocorreram os fatos das narrativas orais.	103
3.3.1. Visita aos arredores do município	103
3.3.2. Locais que marcaram a história no centro da cidade	114
3.4. Quarta etapa: Da oralidade para a escrita - Transcrição e retextualização de lendas, memórias e causos – aprendendo a escrever textos literários	121
3.4.1. Retextualização de lendas	121

3.4.2.Retextualização de memórias	132
3.4.3.Retextualização de causos	136
3.4.4.Retextualização de poemas narrativos e músicas sobre Alto Paraguai	138
4.RECONTAÇÃO DE NARRATIVAS	151
5.PRODUTO FINAL E SOCIALIZAÇÃO	154
5.1.Produutos finais: blog e livro	154
5.2.Socialização: Noite cultural	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ANEXOS	171
ANEXO A – Lenda “O couro velho”	171
ANEXO B – Memória “Inesquecíveis momentos da juventude”	174
ANEXO C – Reconhecimento: moção de aplausos e um dia de passeio	177
Um dia de passeio	178
APÊNDICES	182
APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada	182
APÊNDICE B – Questionário Socioeconômico dos Moradores	183
APÊNDICE C – Termo de Assentimento do Aluno	185
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	187

INTRODUÇÃO

Desenvolver práticas de letramento literário na sala de aula tem sido um desafio para os professores, tendo em vista que estes se constituem como principais agentes de letramento responsáveis por ensinar o aluno de forma que garanta “a função essencial da literatura de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (Cosson, 2012, p.23). O autor confirma essa função ao dizer que

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2012, p.17)

Assim sendo, a literatura é importante para a formação humana, por isso ações em favor da leitura são urgentes para melhorar as competências leitoras e de escrita dos alunos.

Trabalhar a leitura literária na sala de aula, contribuindo com o processo de formação dos alunos, valorizar a identidade cultural da comunidade a que pertencem, bem como resgatar e preservar as narrativas orais que ainda estão no imaginário da população são os objetivos propostos no Projeto “Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais da cidade de Alto Paraguai-MT”.

Sabemos que no início da história do ser humano, o único veículo de transmissão dos textos literários era a oralidade e que hoje a linguagem oral continua, ao lado da escrita, a desempenhar um papel preponderante na interação humana. Assim, o presente trabalho apresenta reflexões teóricas sobre a literatura na sala de aula e estabelece um diálogo entre oralidade e escrita, propondo estratégias para o desenvolvimento das práticas de letramento literário a partir de narrativas orais colhidas da memória coletiva. A divisão deste trabalho foi organizada em cinco capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O capítulo um – **Fundamentos da pesquisa** – apresenta toda a base teórica que fundamentou o trabalho, sendo dividido nos seguintes subtítulos: A memória coletiva e a produção de narrativas orais; Narrativas orais como práticas de

letramento literário; Recontação de narrativas como aliada ao processo de letramento literário; e Retextualização de narrativas orais.

Para embasamento teórico sobre a produção das narrativas orais por meio da memória coletiva, nos apoiamos nas obras de Halbwachs (1990) e Eclea Bosi(1994), além de contarmos com os posicionamentos do folclorista Câmara Cascudo (1976/2014) o qual denomina as narrativas orais como literatura popular.

No tocante às práticas de letramento literário contamos com os pressupostos de Rildo Cosson (2012), Antônio Cândido (2001), Walter Benjamim (1987), Magda Soares(1999), Tzvetan Todorov (2009), entre outros.

Sobre a importância da oralidade e a retextualização de narrativas orais para o letramento literário, nos embasamos em Antônio Marcushi (2010) Ademais, utilizamos várias outras valiosas referências para ancorar este trabalho.

O capítulo dois – **A pesquisa na prática** – foi dividido nos subtítulos: A cidade e sua história; Perfil dos moradores e da comunidade escolar; Metodologia da pesquisa; e Apresentação da proposta aos pais e alunos. Como metodologia desta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, com delineamentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa-ação, sugerida principalmente por Minayo (2001) e Thiollent (1988) cujo objetivo centra-se em observar e compreender os fatos da realidade, trabalhando com o universo de significados e não com a representatividade numérica.

O Programa de Mestrado do Proletras propõe o desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógica, a partir da pesquisa. Assim sendo, fundamentamos as práticas da sala de aula na metodologia sugerida por Teresa Colomer (2007) e Roxane Rojo (2012), denominada pelas autoras de *Projeto de trabalho*, no qual as atividades são divididas em etapas conforme descrevemos abaixo, no capítulo quatro.

O capítulo três – **O processo para chegar à retextualização** – descreve todas as etapas desenvolvidas ao longo da realização do projeto e divididas em vários subtítulos, a saber: Desenvolvimento do projeto de trabalho – Primeira etapa: Conhecendo alguns gêneros textuais da oralidade na sala de aula; Lendas; Memórias literárias; Causos. Segunda etapa: Entrevista e coleta de narrativas orais. Terceira etapa: Conhecendo os locais onde ocorreram os fatos das narrativas orais. Quarta etapa: Da oralidade para a escrita – Retextualização de lendas;

Retextualização de memórias; Retextualização de causos; Retextualização de poemas narrativos e músicas de Alto Paraguai.

Durante as atividades práticas os alunos leram quatro obras de origem popular, sendo um livro de memórias, dois de lendas brasileiras e um de causos, isso despertou o gosto pela leitura e permitiu que eles conhecessem alguns recursos utilizados na escrita literária os quais foram utilizados na retextualização das narrativas coletadas.

O capítulo quatro – **Recontação de narrativas** – descreve como os alunos atuaram recontando as narrativas retextualizadas para crianças de uma escola municipal e comprova que recontar narrativas pode ser um indispensável recurso para contribuir com o letramento literário dos alunos.

O capítulo cinco – **Produto final e socialização** – faz uma demonstração de dois produtos finais onde foram registradas as lendas, memórias, músicas, poemas e causos de Alto Paraguai retextualizados pelos alunos, bem como as atividades realizadas ao longo do projeto

Enfim, as – **Considerações finais** – resumem e descrevem nossa percepção sobre o resultado da pesquisa.

1 FUNDAMENTOS DA PESQUISA

As narrativas orais não têm autoria definida, sendo resultado da criação coletiva de uma sociedade. Por meio delas, as pessoas contavam seus feitos de forma criativa, misturando realidade e fantasia. Com o avanço da escrita, muitas dessas narrativas foram compiladas em livros, tornando-se importantes obras.

No início da história da humanidade, as informações eram armazenadas somente na memória e depois exteriorizadas na fala dos narradores. A oralidade era a única forma de transmissão e cada vez que as narrativas eram retomadas, recebiam marcas de autoria deixadas pelos sentimentos e expressão do narrador, assim elas iam sendo modificadas e ressignificadas como acontece até os dias de hoje.

As narrativas orais contam a história dos povos desde a antiguidade e deram origem a belos textos que hoje existem na cultura escrita. O folclorista Luiz Câmara Cascudo (2014) diz que as narrativas orais não só nos fascinam e mexem com nossa emoção, permitindo-nos refletir sobre a vida em sociedade, mas também são poderosas fontes de pesquisas das ciências afins. Sobre o ato de narrar Marcuschi diz

O ato de narrar oralmente, ou de ouvir narrativas continua existindo entre pessoas de todas as idades, entretanto, diminuiu devido ao surgimento da escrita e ao avanço tecnológico, porém continua sendo a base da comunicação entre os seres humanos. A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. (MARCUSCHI, 2010, p. 36)

Assim, a oralidade é intrínseca ao homem, uma prática social insubstituível mesmo com o avanço da tecnologia e da cultura escrita. E como afirma o autor, é

por meio da oralidade que uma sociedade ou grupos de indivíduos expressam sua cultura, sua identidade social.

O advento da escrita surge como importante meio de registro da oralidade e da preservação das culturas, das leis e das narrativas que eram contadas de geração em geração.

Desde então foram compiladas incontáveis obras com uma infinidade de tipos e gêneros textuais. A escrita tornou-se uma das necessidades básicas no dia-a-dia do ser humano.

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. (MARCUSCHI, 2010, p.16)

Diante das citações sobre oralidade e escrita, percebemos que Marcuschi (2010) destaca a importância de ambas as modalidades da língua, a falada sendo inerente ao ser humano como “um grande meio de expressão e de atividade comunicativa” (p.36) e a escrita como “manifestação formal dos diversos tipos de letramento” (p.16). O autor diz ainda que “Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários”. (p. 22) Para ele, “predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais”. (MARCUSCHI, p. 16)

O autor também destaca a inquestionável precedência da oralidade sobre a escrita no sentido do surgimento de cada uma e não como grau de mais ou menos importância de uma modalidade sobre a outra.

Se é bem verdade que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita, isto não torna a oralidade mais importante ou prestigiosa que a escrita. Trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma primazia cronológica indiscutível sobre a escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 17)

Mediante o posicionamento de Marcuschi, compreendemos que, cronologicamente, a oralidade surgiu primeiro que a escrita, mas que esse fato não altera a importância de ambas no âmbito social e cultural dos seres humanos.

Em se tratando de narrativas orais, elas sempre acompanharam os povos desde os tempos mais remotos e foram sendo repassadas para os pais, filhos e netos. A vida dos reis e soberanos, as lendas, os contos, os causos, as cantigas de roda, as anedotas e outros inúmeros gêneros da oralidade fazem parte da cultura que, nos primórdios, era exclusivamente oral. Hoje, muitas dessas narrativas estão registradas na forma escrita e constituem-se em fascinantes obras literárias que informam, humanizam, encantam e contribuem com o letramento literário de ouvintes e leitores tanto crianças quanto adultos.

Apesar da infinidade de obras escritas e das inúmeras possibilidades tanto de aprendizagem quanto de entretenimento oferecidas pela modernidade, pais, avós, professores e novos contadores de história continuam utilizando as narrativas orais como ferramenta imprescindível para acalantar, entreter, acalmar, ensinar, encantar, humanizar e contribuir com o processo de formação, principalmente das crianças e dos adolescentes.

Ademais, as narrativas da tradição oral valorizam a identidade dos grupos dentro da sociedade, proporcionando-lhes um sentimento de pertença. Cada país, região, cidade ou lugarejo têm suas lendas, credices, contos, personagens folclóricos e outros elementos culturais armazenados na memória de seus moradores e que afloram durante a verbalização das narrativas. Ao ouvir, as pessoas adultas se identificam, rememoram os tempos de glória e de dificuldades, participam, interagem, riem, choram ou silenciam mergulhados no passado, enquanto os mais jovens perguntam com curiosidade sobre a história do povo ao qual pertencem. Em suma, as narrativas orais estão inerentemente ligadas à constituição da história da humanidade e em paralelo com as obras escritas, sempre haverá o lugar insubstituível da oralidade e da tradição popular na trajetória do ser humano

Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies,

finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato. (CASCUDO, 2014, p. 17)

Entendemos, no fragmento citado, que ao lado da literatura canônica, das obras renomadas, dos estilos literários e da cultura escrita, as histórias orais continuam povoando o imaginário popular e assim como as cachoeiras e rios insistem em existir no meio das matas, a “outra literatura”, que são os textos da oralidade, continuará existindo na memória coletiva e contribuindo com a transmissão e aquisição de conhecimentos do ser humano.

Enfim, sendo atividade essencial e característica do homem, a oralidade jamais será inferior ou superior à escrita, mas complementar e indispensável à construção da história da humanidade.

Durante a realização deste Projeto, os alunos ouviram, dos anciãos da cidade de Alto Paraguai, narrativas orais de diferentes gêneros como lendas, memórias, causos, e até poesias e músicas. Eles relacionavam o que ouviam com as histórias de suas famílias as quais residem ou mudaram para a pequena cidade desde a sua fundação. Muitos dos idosos entrevistados eram parentes ou vizinhos dos alunos, o que fez com que aflorasse um sentimento de pertencimento e valorização das raízes culturais, confirmando que narrativas orais têm essa característica importante de transmitir e fazer conhecer a cultura de um povo entre suas gerações.

1.1. A memória coletiva e a produção das narrativas orais

O francês Maurice Halbwachs, um dos primeiros e o mais citado entre os teóricos que pesquisaram sobre memória coletiva, em sua obra póstuma *A Memória Coletiva* (1990), explica que tudo que está guardado em nossa memória individual é baseado no coletivo ao afirmar que “Só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”. (p. 23).

Sendo assim, nossa memória é fruto das lembranças que adquirimos coletivamente, pois “se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo”. (p.34) E essas lembranças adquiridas a

partir do coletivo, também são oriundas de acontecimentos ocorridos em algum espaço:

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 99,100)

O autor destaca a importância do espaço na evocação das lembranças, mas também adverte que não se deve levar em consideração somente o espaço físico com suas formas e cores, tendo em vista que “isto está longe de ser suficiente para explicar que, representando-nos a imagem do lugar, sejamos conduzidos a pensar em tal situação do grupo que a ela esteve associada” (p.100). Portanto, é natural que as memórias se desenvolvam em algum local e que o espaço físico seja importante para a rememoração, como por exemplo, as antigas calçadas, as velhas construções, as árvores centenárias e os rios que sempre escoaram no mesmo lugar; no entanto, há outras inúmeras situações que aguçadas pelos sentidos do ser humano, também contribuem para nos reportar ao passado, como o aroma de um perfume, a visualização de uma foto ou de um objeto antigo, a audição de uma música, entre tantas outras possibilidades de lembranças possíveis de partilhar com o grupo de determinada época. Assim, “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (Bosi, 1994, p. 55)

A memória coletiva guarda as lembranças principalmente dos idosos que por sua vez as propagam para os mais jovens. Ecléa Bosi (1994), em sua obra *Memória e Sociedade*, fala-nos da importância dos velhos na participação da memória coletiva. Sobre as lembranças das pessoas idosas a autora diz que

Elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (Bosi, 1994, p. 60)

Isso significa que o adulto está envolvido nas atividades do momento presente e não costuma evocar o passado para seu dia a dia. Sobre a capacidade de evocação do adulto a autora afirma

Este, entretido nas tarefas do presente, não procura habitualmente na infância imagens relacionadas com sua vida cotidiana; quando chega a hora da evocação, esta é, na realidade, a hora do repouso, o relaxamento da alma, desejo breve, mas intenso de evasão. O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. (BOSI, 1994, p. 60)

Por outro lado, o velho já viveu sua vida e se ocupa conscientemente do passado. A autora diz que ele procura reviver suas lembranças, compartilha com outros velhos, escreve algo que lhe veio à mente, revê velhos papéis, relê suas cartas, conta tudo de que se lembra. Bosi diz que eles são os guardiões das tradições e só eles dispõem de tempo para conversar com outros velhos e para ensinar suas experiências aos mais jovens.

Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (BOSI, 1994, p. 63)

No ciclo vital as pessoas nascem, crescem, envelhecem e morrem. Durante o período desse ciclo elas constroem suas histórias em um espaço de tempo tão curto quanto imperceptível e ao envelhecer, perdem a vitalidade, passando a maior parte de seus dias relembando os acontecimentos ocorridos em sua vida, em sua família e em sua comunidade.

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento da velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

Entendemos então que, quando o homem deixa de participar ativamente dos afazeres da vida, a tendência é de se ocupar em rememorar o passado. No entanto, para os velhos lembrar não é divagar ou desfrutar momentos de descanso e sim

uma tarefa trabalhosa. A eles compete a obrigação singular de lembrar, e lembrar bem.

Sobretudo os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. O velho de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer. (BOSI, 1994, p. 20)

A autora afirma que os idosos não rememoram pelo simples deleite ou fuga como acontece com os adultos. É um trabalho de reflexão e reconstrução do passado. Para desempenhar essa tarefa, o velho conta com a ajuda de seus coetâneos que são pessoas da mesma faixa etária, que viveram no mesmo tempo, compartilharam do mesmo espaço e testemunharam os mesmos acontecimentos, seus contemporâneos. Esta é a função da memória coletiva, armazenar as lembranças do grupo, e quando os membros se encontram, um conta com o outro para evocação da memória coletiva, por isso foi comum durante as entrevistas, ouvirmos as repetidas frases: “verdade, eu tinha me esquecido dessa parte, bem lembrado” ou “é mesmo, agora me lembro” e a partir daí a narração das lembranças se prolongarem por horas.

Nesses momentos de rememoração, os velhos reconstroem o passado com a laboriosa tarefa de refletir sobre ele e repassá-lo aos mais jovens como forma de compreensão do momento presente e preparação para o futuro. Conforme Bosi (1994), a memória poderá por um lado, conservar o passado repetindo-o sempre e por outro, inová-lo. A autora esclarece que durante o processo das lembranças, o material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso torna-se nítido, considera-se o trivial como singular; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.

Portanto, relembrar é desempenhar uma tarefa mental. Ao narrar, o velho faz uma seleção natural e involuntária em sua memória. Ele conserva o passado, ao mesmo tempo em que, sem falsificar a verdade dos fatos, o elabora e o inova da forma que lhe é mais apropriada.

Ouvir os velhos é uma oportunidade de reviver aquilo que já se foi, mas que de certa forma continua presente nos espaços frequentados, nas tradições que acompanham as famílias, no jeito peculiar de um dos membros que se parece com alguém que não está mais entre nós. O idoso tem essa capacidade de trazer o passado à tona e fazer-nos senti-lo no momento presente.

Sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. (BOSI, 1994, p. 74)

A autora leva-nos a refletir sobre a importância das pessoas idosas em contribuir com a educação dos mais jovens, repassando-lhes as experiências acumuladas ao longo do tempo por meio da revivência dos fatos ocorridos no passado, mas que podem interferir no presente.

De acordo com Silva (2008, p.86) “falar da memória é, antes de tudo, falar de uma faculdade humana. A faculdade de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles. A faculdade da memória é responsável por nossas lembranças”. Assim, é na memória que guardamos preciosas informações, vivências, risos, lágrimas, tristezas, alegrias, amores conquistados, amores perdidos, lutas, fracassos, conquistas, vitórias, histórias dos lugares, perguntas, respostas, explicações dos porquês. Esses fatos e experiências vividas no passado vão sendo repassadas ou retransmitidas para as gerações, trazendo à tona algo que às vezes nos inquieta, às vezes nos revolta; que nos traz respostas ou suscita mais interrogações; ora nos imerge em um ambiente nostálgico; ora simplesmente nos encanta ou nos dá prazer, e que de certa forma leva-nos a refletir sobre a reconstrução do momento presente.

Na verdade, partilhar das memórias nos permite refletir sobre a vida e nos ajuda a nos tornarmos mais humanos. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 55). A autora diz ainda que “Um mundo

social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente” (p. 82).

Para que as memórias ultrapassem o tempo de geração em geração, os idosos usam como ferramenta primordial, a linguagem oral. Foi socializando as memórias por meio da linguagem falada que as narrativas contadas pelos nossos ancestrais chegaram até nós. Na sociedade atual eles continuam contando histórias de sua vivência, do lugar onde moram e de sua cultura, não mais em volta de uma fogueira com a família reunida, como nos tempos mais remotos, todavia cumprem a função de lembrar e contar. E por mais que as pessoas têm acesso ao mundo cibernético, com velocidade de informações e infindáveis manuais para bem viver em todos os aspectos, o patriarca da família ainda é respeitado e suas experiências continuam a influenciar na formação de seus descendentes.

Por fim, os velhos são os depositários da memória. A eles cabe o privilégio da experiência e da sabedoria adquiridas durante os anos. Escutá-los é aprender sobre a vida, é refletir sobre o passado, entender o presente e criar novas expectativas para o futuro. Além do aprendizado, ouvir os velhos é ter a oportunidade de lembrar os fatos que marcaram nossas famílias e de nossos amigos; desvendar segredos, saber sobre os antigos romances, entender as intrigas, ouvir sobre as festas e tradições, entoar cantigas de roda, lembrar brincadeiras antigas, chorar em alguns momentos quando a lembrança é dolorosa, rir e debochar em outros.

Neste projeto de pesquisa, ouvimos narrativas de velhos entre 65 a 91 anos de idade. Uma indescritível experiência de resgate cultural de inestimável aprendizado e valor.

1.2. Narrativas orais como prática de letramento literário

As narrativas orais constituem-se como excelentes recursos para o desenvolvimento de aulas que propiciem o letramento literário, pois a maioria dos alunos sente-se atraída por textos como lendas, causos, memórias, contos, mitos, entre outros, por provocarem a imaginação e os conduzirem a momentos de fabulação. A partir desse interesse por histórias fantásticas, o professor poderá

realizar diferentes atividades que promovam o hábito da leitura e conduza o aluno a gradativamente ler textos mais complexos, como sugere Cosson

É necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. (COSSON, 2012, p. 47/48)

As narrativas da tradição oral podem ser usadas para desenvolver o hábito da leitura e conseqüentemente provocar os alunos a ler outros textos mais eruditos. Elas apresentam inúmeras possibilidades de se planejar aulas criativas e dinâmicas que podem contribuir com o letramento literário.

Na concepção de Magda Soares (1999), letramento é a condição do sujeito em participar de práticas sociais que envolvam a leitura e a escrita. Segundo a autora, ainda que a pessoa não seja alfabetizada, mas consegue interagir, interpretar e alcançar seus objetivos de interação por meio da linguagem, pode-se considerar que é letrada. É o caso de quem não tem domínio da leitura, mas consegue identificar o letreiro dos ônibus que costuma utilizar para se locomover, utiliza aplicativos do celular e consegue se comunicar, pede para alguém ler algum documento e interpreta o que estava escrito, enfim, se houve envolvimento e compreensão de leitura ou escrita, esta pessoa já está inserida nas práticas de letramento.

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a esse adjetivo sentido de letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1999, p.6)

Marcuschi concorda com a ilustração feita por Magda Soares e com outras palavras confirma a definição da autora:

O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas, etc. , mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramentos e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 17)

Dessa forma, os autores explicam que o letramento está intrinsecamente ligado às práticas sociais de leitura e escrita. Por isso, sabendo que a linguagem é um fenômeno social, é incoerente e inconcebível desenvolver práticas de ensino descontextualizadas da realidade e que em nada contribuem para a inserção do aluno na sociedade letrada. Ângela Kleiman diz que

O impacto do letramento, nessa época de mudanças e de transformações, toma grande proporção na vida das pessoas... E para acompanhar as novas demandas da sociedade contemporânea, o estudante precisa ler, interpretar e posicionar-se... O agente de letramento, que pode ser o professor, um voluntário da comunidade, um pesquisador, orienta o trabalho do aluno fornecendo materiais relevantes e modelos de atividades significativas (KLEIMAN, 2014, p.88).

O professor é um agente de letramento privilegiado por ter constante acesso a um espaço específico de ensino-aprendizagem de leitura e escrita que é a escola. A ele cabe a responsabilidade de planejar aulas com atividades que possibilitem a participação do aluno nas práticas sociais.

Enquanto Soares, Marcuschi e Kleiman discorrem sobre letramento, Cosson (2012) especifica letramento literário o qual “possui uma configuração especial pela própria condição de existência da escrita literária”. (p. 12)

O letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON 2012, p. 11 e 12)

O autor reitera que “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita”. (p.16). Ele sugere, em sua obra intitulada *Letramento Literário*, dois métodos para os professores trabalharem literatura na escola: as sequências básica e expandida, afirmando que é necessário ensinar literatura. O ensino de literatura tem de estar em consonância com os usos em sociedade e com a formação do aluno como ser humano.

Já vimos que letramento, na concepção de Magda Soares (1999) é o estado ou condição de quem se utiliza da leitura e da escrita em práticas sociais. Em letramento literário veremos a importância da literatura na formação do aluno como ser humano sensível aos acontecimentos na sociedade, porque como diz Cosson (2012, p. 16), “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” e “aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, confirma Antônio Cândido. (2011, p.176).

O texto literário nos ajuda a refletir sobre a realidade que nos cerca possibilitando-nos posicionar criticamente e compreendê-la melhor. A respeito da literatura, Todorov expressa para si mesmo:

Ela me ajuda a viver... em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. A literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar, mais pleno e mais belo. (TODOROV, 2009, p.23)

O autor diz ainda que a leitura do texto literário não é simplesmente entretenimento, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano conhecendo melhor a si mesmo, interagindo com os outros e também ressignificando o mundo.

Antônio Cândido (2011, p. 177) afirma ainda que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Ela tem o poder humanizador e torna o leitor mais sensível, ampliando a visão do mundo e abrindo novos horizontes.

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós, a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 2011, p.182)

Além de destacar a capacidade de humanizar, o autor focaliza a relação da literatura com os direitos humanos afirmando que ela é uma necessidade universal e um instrumento que desmascara situações de restrição dos direitos como a miséria e a servidão.

Por fim, são várias as possibilidades de reflexão, reconstrução, mudança e posicionamento frente à realidade que o texto literário pode propiciar ao homem.

Utilizando-se da ficção, da linguagem poética e da estética, o autor do texto pode narrar, descrever, expor, argumentar e inserir o leitor nos acontecimentos que permeiam a sociedade, porém de uma forma extremamente criativa, bela, fascinante e prazerosa.

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização. (COSSON, 2012, p. 17)

É bem pertinente o posicionamento do autor, ao afirmar que precisamos mudar os rumos da escolarização da literatura. Para alguns, ela deve ser ensinada aos alunos, objetivando uma leitura literária somente por prazer ou deleite. É claro que a leitura de ficção ou de poesias, de certo modo, mexe com o leitor permitindo-lhe momentos de fabulação e de descontração, mas a função do texto literário não é somente essa. Outros dizem que é importante ler as obras para conhecer as sociedades e as épocas em que foram escritas. Há ainda a prática de ensino acirradamente concentrada na estrutura e nos períodos literários. No entanto, o objetivo principal da leitura literária é muito mais do que tudo isso, conforme afirma Todorov:

É preciso ir além. Não apenas estudamos mal o sentido de um texto. Se nos atemos a uma abordagem interna estrita, enquanto as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto; não apenas

os meios não devem se tornar o fim, nem a técnica nos deve fazer esquecer o objetivo do exercício. É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (TODOROV, 2009, p. 32)

Diante da importância da literatura em contribuir com a formação do ser humano e em especial do aluno que ainda está em processo de formação, afirmamos que a forma como o trabalho com textos literários tem sido feito na sala de aula não contempla as capacidades que ela promove, por isso é urgente a mudança no ensino. É necessário que o professor realize atividades que conduzam o aluno ao letramento literário, pois “no ambiente escolar, a literatura é um locus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada.” (Cosson, 2012, p. 26)

Geralmente, nas chamadas aulas de literatura no ensino fundamental, é comum a leitura de textos do livro didático, seguida de questionários com perguntas quase sempre superficiais que em nada contribuem com a reflexão do aluno. Já no ensino médio, na maioria das vezes os alunos leem fragmentos dos textos canônicos, fazem fichamento, estudam sobre a cronologia dos períodos literários, os principais autores, características e obras. Outro fato que sempre acontece nas duas modalidades de ensino é a “aula especial” ou “aula diferente” na biblioteca ou nos cantinhos da leitura para onde o professor leva os alunos e distribui ou pede para escolherem livros tanto clássicos, quanto contemporâneos para ler naquele momento. Depois da leitura eles retornam para a sala sem compartilhar ou se posicionar sobre o que leram. Objetivando provar que a leitura realmente foi feita, é pedido ao aluno que faça um resumo ou um parágrafo descrevendo o texto lido. No final do bimestre, os alunos do ensino médio são submetidos a avaliações escritas e devem ter memorizado nomes das obras, autores e períodos para que possam ser bem sucedidos na média que vai para o boletim. Em relação ao estudo apenas da estrutura, Todorov nos alerta:

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim. (TODOROV, 2009, p. 31)

Trabalhar a literatura na sala de aula a partir da perspectiva do letramento literário não significa abandonar o estudo da estrutura da obra, a história da literatura ou dos períodos literários, uma vez que o conhecimento desses elementos estruturais também contribui com o sentido da obra. O problema é que geralmente só se trabalha esses aspectos, deixando de lado o essencial que é a compreensão do significado no conteúdo das obras.

Cosson (2012) ratifica que a proposta de trabalhar com o letramento literário

busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo. (COSSON, 2012, p. 12)

Consoante às palavras do autor, é necessário que os professores desenvolvam práticas que contemplem o processo do letramento literário e contribuam para a real formação dos alunos como autênticos leitores, capazes de relacionar a leitura com suas vivências no mundo.

Retomando as narrativas orais como uma das alternativas de se praticar o letramento literário, podemos sugerir-las como valiosas ferramentas para uso do professor, nas aulas de literatura. Somos cientes de que a literatura canônica deve ser levada para a sala de aula oportunizando ao aluno, uma formação pela leitura clássica e erudita. Certamente essas obras devem ser exploradas, pois constituem a história dos povos e de nossa pátria, representando de maneira peculiar e artística a realidade em diferentes contextos e épocas e traduzindo o comportamento humano no decorrer da história da humanidade. No entanto, nada impede que a literatura popular, criada por pessoas comuns seja também valorizada e levada para a sala de aula. Os textos produzidos pela comunidade de uma determinada região são ricos em informação sobre a cultura local e trazem uma linguagem criativa aprazível não só ao leitor aluno, como para quem se propor a lê-los.

Sabemos que muitos textos que hoje suscitam infindáveis pesquisas para os estudiosos e momentos de deleite para outros, são advindos da cultura popular. Citando apenas alguns, podemos começar pelos textos da antiguidade como *Ilíada* e *Odisseia* atribuídos ao poeta Homero, *Eneida* de Virgílio, as tragédias gregas como a de *Édipo Rei* do dramaturgo Sófocles, e passarmos pela coletânea dos encantadores *Contos de Mamãe Gansa* publicados por Charles Perrault, também os contos nas versões de Andersen e dos Irmãos Grimm que, só de ouvir falar ou ler os nomes nas capas dos livros, levam crianças e adultos ao devaneio. Falar de *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve*, *O pequeno Polegar*, *Os três porquinhos* e outros tantos causam em crianças, adultos e jovens uma sensação de familiaridade e encantamento. Todos esses textos, entre muitos outros, foram ouvidos de boca em boca, compilados em livros e hoje fazem parte de importantes obras da cultura escrita. Todos eles nasceram do meio do povo e hoje são utilizados como reconhecidos textos de obras literárias.

Textos também da tradição oral, já citados neste trabalho, como as lendas, os mitos, os causos, as memórias literárias e outros gêneros populares regionais suscitam curiosidade, despertam o gosto pela leitura e podem ser utilizados na sala de aula como recursos para promover o letramento literário do aluno.

Muitos autores já recolheram textos da oralidade, produzidos em diferentes regiões brasileiras e os compilaram em obras escritas, entre eles um dos mais importantes folcloristas do Brasil, Luís da Câmara Cascudo. No livro *Lendas Brasileiras para jovens*, ele apresenta lendas das cinco regiões do país e em *Contos Tradicionais do Brasil*, reúne cem contos criados pelo povo Brasil afora. Cascudo (2014, p. 5) declara que “Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular”.

A memória conserva os traços gerais, esquematizadores, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando pela assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores, certos aspectos da narrativa. O princípio e o fim das histórias são as partes mais deformadas na literatura oral. O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. (CASCUDO, 2014, p.5)

Assim, o que está armazenado na memória coletiva da população é externado por meio da linguagem oral, sendo modificado, ampliado e organizado

pelo imaginário popular, transformando-se em narrativas orais. E como o autor já frisou, elas revelam significativas informações, sobre a sociedade, em diferentes aspectos das ciências afins.

Quando se trata da literatura oral produzida na comunidade local, há também muitas possibilidades de desenvolver um trabalho visando o letramento literário. Estudar sobre a própria cultura enobrece a história de vida do aluno, de seus familiares, de seu povo e ensina-o a perceber e valorizar sua identidade cultural. É uma forma de produzir conhecimentos com liberdade de expressão artística e valorização dos conhecimentos da comunidade. A partir do trabalho com narrativas orais da cidade onde o aluno mora, ele se sentirá parte do processo de aquisição do conhecimento por estar lidando com um vasto número de textos orais que de alguma forma lhe são familiares, isso resultará no progresso do aprendizado ao realizar atividades de leitura e produção escrita, não com a sensação de obrigatoriedade, mas de responsabilidade e iniciativa própria. Dessa forma, a construção de sentido ao ler e escrever será dinamizada com naturalidade e fluidez.

As histórias contadas pelos idosos evocam lembranças dos mais diversos momentos vividos pela população. Alguns tristes, outros engraçados e alegres, alguns que exigiram garra e coragem, enfim retratam a constituição da comunidade com suas crenças, sonhos e conquistas. Com um misto de reflexão, divertimento e fascínio, elas tocam profundamente o aluno, ensinando-o sobre valores como o senso de justiça, de respeito, solidariedade e amor ao próximo, luta e persistência, cumprindo a função humanizadora da literatura.

O ato de ouvir narrativas provoca o imaginário, desperta a criatividade, estimula a reflexão crítica, suscita emoções, enriquece o vocabulário, auxilia na leitura e escrita, amplia o conhecimento, possibilita a interação social. Quando essas narrativas fazem parte da história vivenciada pela comunidade do aluno, o senso de pertencer, de também saber alguma coisa sobre o que está sendo narrado e de contribuir como integrante da história ouvida elimina totalmente a sensação de estudar obrigatoriamente como um aluno passivo diante de um professor prescritivo que o obriga a fazer as atividades em troca de não reprovar no final do ano letivo e o torna corresponsável do aprendizado.

Ao utilizar narrativas orais, o professor pode também provocar o gosto e a capacidade de leitura, trazendo para a sala de aula, obras já publicadas com

narrativas oriundas da oralidade para que os alunos possam ler e entender a importância do registro escrito para preservação das histórias populares, como foi feito no decorrer deste projeto. Paralelo às pesquisas de narrativas da cidade de Alto Paraguai, os alunos leram e fizeram atividades de compreensão de quatro obras originadas da cultura oral: *O menino no espelho* de Fernando Sabino, *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, *Lendas Brasileiras* de Câmara Cascudo e *Contos e Lendas do Brasil* de Theobaldo Miranda. Demonstrando interesse e curiosidade, eles liam e as relacionavam com os textos que colheram dos idosos. Dessa forma, ouvir narrativas orais e ler diferentes obras provenientes da oralidade permite que o aluno amplie seu conhecimento e conheça outras culturas. A maioria dos alunos leu um livro inteiro pela primeira vez, neste projeto. Acreditamos que essa primeira experiência suscite a descoberta do prazer de ler outros livros e desperte a consciência da importância da leitura.

Diante do exposto, confirmamos que ouvir, ler e escrever narrativas orais na sala de aula pode melhorar as competências de leitura e escrita dos alunos e contribuir com o letramento literário.

1.3. A recontação de narrativas como aliada ao processo de letramento literário

A contação de histórias é uma das muitas possibilidades de iniciar a inserção do aluno no universo da literatura, pois serão motivados a ler, ouvir e também a contar histórias para os próprios colegas da sala de aula, para a comunidade escolar nas datas comemorativas, encerramentos de projetos e momentos culturais da cidade.

O relato de histórias ouvidas ou lidas é um valioso recurso para desenvolver as competências de oralidade, leitura e escrita dos alunos. Oralidade, neste capítulo, não é tratada em seu sentido amplo, como uma capacidade inata ao ser humano, mas como uma prática que deve ser ensinada para usos em diferentes contextos de interação na sociedade.

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua

adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1997, p.49)

Acreditamos ser responsabilidade da escola auxiliar o aluno nos usos da oralidade, incentivando-o a interagir socialmente. Geralmente, os alunos se comunicam com os colegas na escola, no campo de futebol, na rua e com os familiares em casa. Porém, quando são solicitados a participar de alguma prática de oralidade em contextos comunicativos específicos como, por exemplo, nas apresentações culturais, auditórios e roda de conversa, muitos deles demonstram timidez ou desinteresse. Nesse caso, promover momentos de recontação de histórias que os alunos já ouviram pode ser uma importante forma de desenvolver a oralidade, romper com a timidez, controlar as próprias emoções e exercitar a criatividade.

O ato de recontar histórias também pode ser eficiente para despertar o gosto pela leitura e capacidade artística, bem como para a troca de experiências e expressão de sentimentos e gostos. As atividades podem acontecer gradativamente, proporcionando segurança e tranquilidade ao aluno, até que ele consiga se apresentar em diversas situações de comunicação.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. (BRASIL, 1997, p. 25)

A apresentação das histórias em ambiente público exigirá uma preparação anterior dos alunos, ensaios e capacidade de controlar o tempo disponível, permitindo que eles se sintam envolvidos pela dinamicidade da atividade de contação.

Contar oralmente uma história está relacionado ao reunir, ao criar intimidade, ato de entrega coletiva. É um ato agregador de pessoas; é o exercício do encontro - consigo, com os outros, com o universo imaginário, com a realidade, por extensão! Por isso, esse costume milenar é também socializante! (CISTO, 2017, p.2).

Ouvir e recontar lendas, causos, contos e outros tantos gêneros da oralidade é dar espaço à manifestação de capacidades e talentos; é aprender e também transmitir conhecimentos, tendo em vista que o ser humano se vê refletido, de uma forma ou de outra, em uma narrativa ou em outra, identificando-se em personagens ou partes do enredo condizentes com sua própria história.

Ao ser recontada, a história é ressignificada e sem perder sua originalidade, ganha novos sentidos, novas versões e vai rompendo o tempo e o espaço como se fosse vários fios ligados a um fio principal: o condutor, a essência.

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzam, prolongando o original, puxados por outros dedos. Quando Scheerazade contava, cada episódio gerava em sua alma uma história nova, era a memória épica vencendo a morte em mil e uma noites. (BOSI, 1994, p. 90)

Quando o aluno ouve ou lê uma história e depois reconta para alguém, ele a ressignifica com seu jeito individual de narrar, aumenta algumas palavras, suprime outras e vai recriando com singularidade. Assim, as narrativas vão sendo ouvidas, armazenadas e reproduzidas. Por isso, o ato de recontar estimula a criatividade do aluno, sendo necessário que passem por um engenhoso exercício mental.

A recontação oportuniza um aprendizado produtivo e gratificante: provoca o desejo de ler outras histórias, resgata a cultura oral e incentiva a escrita, estimula a capacidade mental, ajudando o aluno a contar a mesma história de forma diferente; ensina o dever de compreender melhor o próximo, por se encontrar na posição de personagem enquanto narra; aguça a percepção e a capacidade de observação; desenvolve a imaginação, melhora a capacidade de falar em público, estimula a criatividade.

Ao recontar narrativas, o aluno também aprende a regular a voz nos diferentes momentos da narração como suspense, alegria, tristeza, admiração, raiva; romper com preconceitos ao representar a fala de diferentes personagens que pode ser um sapo, uma princesa, um escravo, um rei, uma bruxa entre tantos; organizar mentalmente a sequência da trama, gesticular corretamente, prender a atenção do público.

A atividade de recontar histórias pode ser utilizada na sala de aula desde os primeiros anos escolares. É certo que algum aluno não apresentará a vocação natural de contação de histórias que é um recurso necessário ao contador, porém, o fato de o professor promover momentos que explorem essa capacidade poderá por

um lado, descobrir talentos e por outro diminuir a timidez e desenvolver a habilidade de falar em outras situações comunicativas com as quais os alunos irão se deparar no percurso de sua vida, principalmente profissional.

Portanto, o recurso de recontação de narrativas na sala de aula pode ser um forte aliado ao processo de letramento literário do aluno.

1.4. Retextualização de narrativas orais

Ouvir histórias e refletir sobre elas, retextualizá-las (organizá-las na modalidade escrita), ler as próprias produções e depois recontá-las: eis um conjunto de atividades que aprimoram as habilidades de oralidade, leitura e escrita e inserem os alunos nas práticas de letramento literário.

Há vários motivos e propósitos para a retextualização de narrativas orais. Podemos citar, como exemplo, os depoimentos que são retextualizados pelo escrevente para depois serem julgados, as entrevistas que são transformadas em artigo para publicação em revistas e jornais, as anotações de quem assiste a uma palestra para estudo posterior, etc.

Nesta pesquisa, o objetivo principal de retextualizar as narrativas populares foi registrá-las por meio da escrita para que não desapareçam com o tempo e caiam no esquecimento, devido à morte dos idosos, fonte de armazenamentos dessas histórias. Assim, juntamente com os alunos, colhemos, transcrevemos e retextualizamos diversas narrativas orais: lendas, causos, memórias, poesias e músicas com o propósito de incentivá-los a iniciar a prática da retextualização, a fim de desenvolverem suas habilidades com os usos da língua e preservar as histórias contadas pelos idosos.

Sobre a possibilidade de desaparecimento das narrativas orais, Bosi diz

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. (BOSI, 1994, 75)

A autora está fazendo alusão à morte dos idosos e conseqüentemente das narrativas que morrem com eles. Daí surge a importância da retextualização como forma de preservar essas narrativas.

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Em outras palavras, Halbwachs diz que o grupo no qual a memória coletiva estava armazenada já não existe mais e alguns indivíduos do grupo que ainda estão vivos se dispersaram e pertencem a outras sociedades para as quais os fatos não importam. Quando isso acontece, a única forma de preservação das lembranças é por escrito porque a oralidade morre, mas a escrita permanece. Destarte, esse é um dos motivos de retextualizamos as narrativas orais de Alto Paraguai, preservar a memória coletiva dos altoparaguaienses na história escrita.

Contudo, é necessário lembrar que o fato de transformar uma narrativa oral em narrativa escrita não significa sobrepor uma à outra em importância. Para isso, antes de abordarmos o passo a passo de como retextualizar, faremos alguns esclarecimentos sobre as duas modalidades da língua.

Diante da possibilidade de ainda existir quem analise oralidade e escrita como dicotômicas e não como complementares nas práticas socioculturais, julgamos ser imprescindível explicar que ambas as modalidades da língua apresentam características próprias para situações comunicativas específicas, sendo igualmente necessárias à interação entre os seres humanos. E como adverte Marcuschi (2010) para evitar mal-entendidos, faz-se necessária uma observação preliminar em relação ao que está em jogo nestas atividades:

Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito). Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem. Em resumo: a retextualização não é, no plano da cognição, uma atividade de transformar um suposto

pensamento concreto em um suposto pensamento abstrato. Este mito da supremacia cognitiva da escrita sobre a fala já foi superado. (MARCUSCHI, 2010, p. 47)

Esclarecidas as questões sobre as duas modalidades, oral e escrita da língua, prossigamos sobre o tema do capítulo que é retextualização de narrativas orais, à luz das sugestões de Marcuschi (2010).

O primeiro passo para a retextualização é ouvir e registrar a narrativa por meio de algum aparelho eletrônico como gravador ou celular, o segundo é fazer a transcrição da fala para a escrita. Sobre transcrição Marcuschi esclarece que

Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. (MARCUSCHI, 2010, p.49)

O autor explica que transcrição é a passagem do texto oral para o escrito e chama a atenção para que não haja interferência na produção, assim sendo, entendemos que transcrever é procurar manter ao máximo, nesta primeira escrita, a fidelidade do que foi colhido na oralidade.

Assumimos aqui que essa transcrição deve ser fiel e não pode interferir na produção (evitam-se a pontuação, as inserções e qualquer tipo de eliminação ou idealização até onde isso for possível) devendo trazer indicações específicas da situacionalidade e da qualidade da produção (por exemplo, indicações como sorriso, movimento do corpo, etc.). (MARCUSCHI, 2010, p. 73)

Assim, transcrever, na visão de Marcuschi, é escrever o texto aproximando-o da forma mais fidedigna possível ao que foi falado e a partir deste primeiro passo, começar a transformação textual propriamente dita, nomeada por ele de retextualização.

Em contrapartida, o autor considera que o fato de passar o texto da oralidade para a escrita já é uma primeira transformação, pois a “transcrição representa uma passagem, uma transcodificação (do sonoro para o grafemático) que já é uma primeira transformação, mas não é ainda uma retextualização”. (p. 51). Ele diz ainda que “não existe uma fórmula ideal para a transcrição “neutra” ou pura, pois toda a transcrição já é uma primeira interpretação na perspectiva da escrita” (p. 53) Por

isso, o transcritor deve se esforçar para aproximar a transcrição ao que foi ouvido, mas jamais conseguirá manter cem por cento a originalidade do texto.

Outro importante detalhe destacado por Marcuschi é o esforço exigido de quem está transcrevendo porque “a tarefa da transcrição não é algo simples, nem natural” (p.53) e “é necessário considerar que há uma atividade onipresente na atividade de transcrição, que é a compreensão. Sempre transcrevemos uma dada compreensão que temos do texto oral” (p. 51) Depois de colher a narrativa oral por meio de um gravador e fazer a transcrição, o próximo passo é começar as operações de retextualização.

As atividades de transformação, que constituem a retextualização em sentido estrito, dizem respeito a operações que vão além da simples regularização linguística, pois envolvem procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudanças de estilo, desde que não atinjam as informações como tal. Seguramente, haverá, em consequência, mudanças de conteúdo, mas essas não devem atingir o valor-verdade dos enunciados. (MARCUSCHI, 2010, p. 62).

O autor deixa claro que na retextualização pode ser usada a criatividade para substituir, aumentar ou reduzir palavras, mudar o estilo e reordenar o texto, deixando-o criativo e bem estruturado, o que não pode alterar é a essência do conteúdo, o que realmente foi contado, a verdade dos fatos.

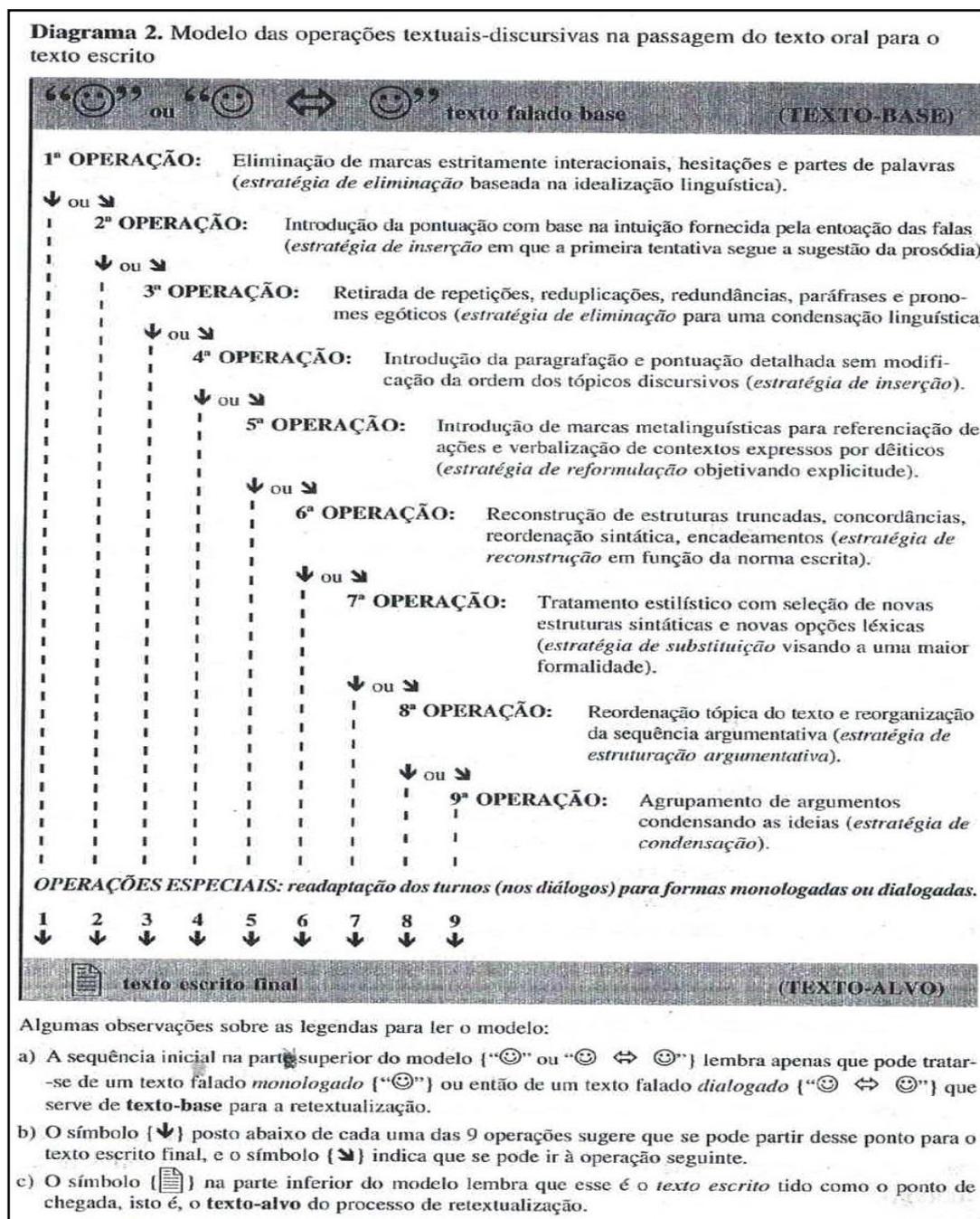
Marcuschi apresenta um modelo com nove operações de retextualização mais as operações especiais e as agrupa em dois grandes conjuntos organizados da seguinte forma:

I – operações que seguem **regras de regularização e idealização** (abrangem as operações 1-4) e se fundam nas estratégias de eliminação e inserção. Ainda não se introduz, nesses casos, uma transformação propriamente.

II – operações que seguem **regras de transformação** (abrangem as operações 5-9 e as operações especiais) e se fundam em estratégias de substituição, seleção, reordenação e condensação. São propriamente as que caracterizam o processo de retextualização e envolvem mudanças mais acentuadas no texto-base. (Marcuschi, 2010, p. 74)

Estas operações foram explicadas detalhadamente pelo autor no diagrama abaixo:

Figura 1 – Modelo de operações de retextualização



Fonte: (Marcuschi, 2010, p. 75)

O diagrama acima demonstra, com clareza, o passo a passo de como retextualizar uma narrativa oral em narrativa escrita. Conforme já foi exposto, além das nove operações de retextualização, o autor acrescenta as operações especiais que são os turnos da fala, isto é, a opção de manter ou não o diálogo ou o monólogo, o discurso direto ou o indireto.

O autor tem o cuidado de esclarecer que o modelo apresentado não é uma receita a ser seguida e alerta:

É sempre temerário construir um modelo. Além disso, é perigoso, pois ele passa imediatamente a ser tomado como uma fórmula mais ou menos mágica que deve produzir resultados tão logo seja aplicada. Tenha-se, portanto, claro que o modelo representado no Digrama 2 é apenas heurístico no sentido genuíno do termo, ou seja, representa um método de descoberta relativamente intuitivo, não tão rigoroso a ponto de com ele se chegar a resultados definitivos, mas também não tão vago a ponto de não poder com ele operar significativamente projetando expectativas bastante definidas e comprováveis. (MARCUSCHI, 2010, p. 73-74)

Sendo assim, Marcuschi alerta sobre o perigo do modelo ser tomado como uma forma de resolver imediatamente tudo que é necessário em uma retextualização com resultados imediatos. Ele adverte ainda que “Ninguém pode iludir-se a ponto de acreditar que as coisas se dão na sequência sugerida. Não se trata de uma receita, tal como as que permitem a confecção de um gostoso bolo” (p. 74)

O autor deixa claro também que não é necessário seguir a ordem linear das nove operações, por isso no diagrama 2 há uma seta em cada uma, indicando o texto escrito final. Isso significa que a partir de qualquer uma das operações, dependendo do grau de maturidade linguística do retextualizador, pode-se ir diretamente para o texto final e concluir a atividade de retextualização.

As sugestões do linguista foram utilizadas durante a realização do trabalho de intervenção pedagógica que ora se apresenta, porém com uma ressalva feita pelo próprio autor:

Como ponto de partida, suponho serem relevantes as seguintes variáveis: o propósito ou o objetivo da retextualização; a relação entre o produtor do texto original e o transformador; a relação tipológica entre o gênero textual e o gênero da retextualização; os processos de formulação típicos de cada modalidade. (MARCUSCHI, 2010, p. 53 e 54)

No contexto da sala de aula, o propósito foi retextualizar as narrativas contadas pelos velhos como forma de preservar as histórias de Alto Paraguai e utilizá-las como material de incentivo à leitura e à escrita. Sendo assim, as operações de retextualização sugeridas por Marcuschi foram adaptadas de acordo

com as variáveis relacionadas ao contexto em que foram utilizadas, alcançando os objetivos propostos.

Não pretendemos, neste trabalho, que o produto final da retextualização alcançasse o estatuto de um excelente texto literário, mas procuramos incentivar os alunos a aprimorarem a reescrita a fim de que o produto se tornasse o mais agradável possível, para que essas narrativas do garimpo possam atingir mais leitores. Sabemos que a escrita literária é uma arte ou um ofício que exige, além da vocação, o conhecimento, o profundo saber, a capacidade de tecer artisticamente a realidade do mundo e transformá-la em belíssimos textos. No entanto, acreditamos que todo escritor de literatura iniciou, algum dia, com pequenos passos, até se tornar um grande artista da palavra escrita. Portanto, cremos que a escola pode instigar a prática da escrita literária, ensinando os alunos a utilizar em suas produções textuais, uma linguagem plurissignificativa, expressiva, conotativa e cheia de recursos próprios da literatura como as figuras de linguagem que enriquecem e embelezam os textos. Quem sabe descobriremos talentos que um dia poderão se tornar excelentes escritores.

2. O CONTEXTO DA PESQUISA

Sabendo da importância das narrativas orais como patrimônio cultural imaterial da sociedade e consciente de que elas se constituem como um precioso recurso didático para ser utilizado nas aulas de leitura e produção escrita é que decidimos realizar, junto com os alunos, um projeto que visa resgatar as narrativas da cidade de Alto Paraguai e publicá-las para que sejam preservadas, evitando que desapareçam ou caiam no esquecimento.

2.1. A cidade e sua história

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE/2016), o município de Alto Paraguai é uma pequena cidade com área territorial de 2.053 km², e índice populacional de 10.844 habitantes, incluindo a zona rural. Cercada de serras, banhada pelo Rio Paraguai e cheia de belas lagoas e cachoeiras, a cidadezinha guarda mistérios e encantos de seu glorioso período aurífero que chegam até nós por intermédio dos simpáticos idosos. Eles contam histórias de bravura, derrotas e conquistas, mas também relatam acontecimentos sobrenaturais, farras e diversões da juventude que acompanhou a trajetória da cidade desde o início de sua fundação.

Conforme Ferreira (2001), o município de Alto Paraguai localiza-se no Centro sul matogrossense e foi criado pela lei nº 709, de 16 de dezembro de 1953, de autoria do deputado Penn Gomes.

Sobre alguns episódios ocorridos na região garimpeira de Alto Paraguai, Ferreira (2001) informa:

Em 1938, existiam no Garimpo do Gatinho, hoje Alto Paraguai, alguns garimpeiros que ali trabalhavam durante o período das chuvas, abandonando-o durante a estiagem. A três quilômetros, aproximadamente, ficava a Fazenda Velha e um pouco mais além, outro garimpo chamado “come feito”, com uma pequena turma. A região era muito insalubre, sendo constantemente assolada pela malária e máculo, mais conhecida por cesão ou corrução. (FERREIRA, 2001, p. 31).

A currutela Gatinho, onde iniciou o garimpo e que atualmente é Alto Paraguai recebeu essa denominação devido a um pequeno felino, uma oncinha, que visitava o córrego onde os garimpeiros trabalhavam.

O autor (2001) ainda informa que o povoamento só se efetivou em 1940 quando o pioneiro José de Vasconcelos ali se estabeleceu como comprador de pedras preciosas, atividade que já exercia como ambulante há dois anos, além de ser organizador de garimpagem.

O primeiro obstáculo com que se deparou e impediu a intensificação dos garimpos foi a falta de água para lavagem do cascalho; para removê-lo, adquiriu uma carroça, a primeira da cidade, conduzida por um homem de nome Alexandre e sobrenome não informado, para o transporte do cascalho dos monchões à beira dos ribeiros.

Como estabelecimento comercial existia apenas um botequim pertencente ao “Velho Antônio”, com algumas garrafas de bebidas e poucas latas de conservas.

Então, o já citado comprador de pedras preciosas, José de Vasconcelos imediatamente instalou uma casa comercial destinada ao abastecimento da pequena população que crescia.

O transporte de mercadorias era feito em caminhão, de Cuiabá até Diamantino, cidade vizinha, daí para frente em animal, num percurso de 18 quilômetros, até o garimpo do Gatinho.

Os garimpeiros construíam seus barracões improvisados, desordenadamente, junto aos locais de trabalho, como simples proteção, sem antever, contudo, que ali lançavam, os alicerces de uma nova cidade.

O autor prossegue narrando que procedentes de Diamantino, visitaram o povoado em 1941: o prefeito municipal, Sr. Caetano Dias, o delegado de polícia Sr. Vespasiano Martins, o coletor estadual Sr. Manoel Pedro de Campos e outras autoridades do município. Nesse mesmo ano, a população acolheu com grande júbilo o Reverendo Alfredo Marien, ministro palestrante, o primeiro a visitar o povoado em missão religiosa.

Novos estabelecimentos comerciais foram instalados, entre os quais uma farmácia – a primeira do gênero, pertencente a Paulo Modesto.

O trecho que separava a cidade de Diamantino do povoado, até então percorrido apenas por veículos de tração animal, foi arrojadamente vencido por

veículos motorizados, cabendo ao motorista Antônio Cesário Asckar, mais conhecido pela alcunha de “Canguru”, o mérito pela primeira viagem.

Os garimpos foram aumentando e o valor do diamante também; em 1943 o número de carroças para o transporte do cascalho se aproximava de 300.

Ainda de acordo com Ferreira (2001), em 1946, a povoação já contava com numerosas casas comerciais, uma farmácia, pensões, um cinema, bares, um mercado municipal, vários açougues, alfaiates, alfaiatarias, barbearias e algumas oficinas para prestação de serviços.

Em 1950, descobriram a Mancha da Melgueira, da qual extraíram muitos diamantes. Ali existia um senhor chamado de Baianinho Farrista que teve a sorte de sempre pegar diamante, mas por ali mesmo deixava todo o lucro que conseguia, jogando-se às farras. Certa vez, após vender bons quilates de “pedra”, comprou um burro para cada um de seus companheiros, a fim de descer à cidade, levando um burro em separado para tomar banho de cerveja e perfume na frente da casa do “fecha nunca”, enquanto a vitrola tocava sem parar um disco, antecipadamente pago para tocar até furar.

Até aqui, todas as informações sobre Alto Paraguai foram extraídas da Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso, de João Carlos Vicente Ferreira (2001).

Entretanto, as maiores e melhores fontes de pesquisa sobre o município são os idosos, os antigos garimpeiros que até hoje se sentam nas calçadas das ruas de paralelepípedos, das senhorinhas ex-cozinheiras de dragas e das mulheres também já avançadas na idade, mas que se lembram com detalhes, do período em que os garimpeiros gastavam tudo o que conseguiam em troca de uma noite nos quartos da rua do cabaré. Como afirma Walter Benjamim, que distingue em seus estudos dois tipos de narradores, o viajante e o sedentário, ainda “escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. (BENJAMIM, 1987, p.198/199). Nesta pesquisa, este homem é o narrador sedentário representado pelos moradores que continuam em Alto Paraguai, envolvidos nas lembranças que deixaram muitos resquícios.

Eles contam histórias reais, porém que nos conduzem ao mundo da fantasia, já que narram acrescentando elementos misteriosos e sobrenaturais aos fatos acontecidos.

Os idosos dizem que no Bairro Campo de aviação, misturado ao som dos aviões que chegavam trazendo os compradores de Diamante vindos de vários estados do Brasil, ouvia-se um forte assobio vindo das serras, um som tão estridente que “dava arripio no corpo, era o pé de garrafa que morava nas furnas. Hoje ele não existe mais porque de tanto ser perseguido, e de derrubarem as matas, resolveu ir embora. Meu pai mesmo era um caçador de pé de garrafa, nunca pegaram, mas muita gente viu ele por aqui na Serra da Pimenta até no Rio Purga. O sinal do pé dele ficava igual uma garrafa, era um pé só” (Sr. Otávio)

Para os moradores mais velhos, onde há ouro há mistérios porque é um metal encantado e onde ele está aparecem luzes ou tochas de fogo. “O ouro e diamante só aparece pra quem ele quer, senão vira cristal ou carvão daí a gente picha fora... hoje quase não acha mais porque os home fizeram muita arte, muita sabedoria”. (Sr. Elizeu)

Eles dizem que aqui morria muita gente assassinada no período do garimpo, depois os espíritos voltavam para pedir justiça e andavam pelas ruas de Alto Paraguai a pé ou em cima de uma carroça. Aqui em Alto Paraguai tem muito pé de figueira, segundo os moradores, já ouviram choro de bebê quando passam embaixo da árvore, e dizem que são os espíritos infantis das crianças que foram abortadas e enterradas ali. No Bairro fazenda velha há uma cruz de aroeira debaixo de uma árvore onde mataram um rapaz muito honesto, ali mora o Sr. Adão que afirma ter recebido milagre no período da seca. Ele diz que bastava banhar a cruz de perfume para fazer a chuva vir, além de ter acontecido outros milagres como encontrar animais desaparecidos e receber curas. Em Alto Paraguai também existem as sete lagoas onde nasce o Rio Paraguai. As pessoas idosas contam que em uma delas chamada Lagoa da princesa mora uma linda moça que tem as pernas cheias de escamas de peixe, mas não é sereia, ela ganhou essas escamas devido ao tempo em que mora no fundo da água. Alguns idosos contam que essa jovem cuida da preservação da lagoa e tudo que jogam lá dentro, no outro dia está amontoado fora da margem. Assim, os antigos habitantes da cidade vão contando suas crenças e insistindo com o ouvinte que é verdade, que aconteceu com fulano, que beltrano viu, que sicrano prova e que “não é lenda, viu? É verdade”

Bem no começo da fundação da cidade não havia água encanada, mas existia um poço natural que recebeu o nome de Poço azul devido à cor azulada.

Essa riqueza natural matou a sede da população por muitos anos e também gerou lucros, pois aqueles que tinham mais condições financeiras, por achar o poço muito longe, compravam a água vendida nas carroças ou em carrinhos de mão. O sr. Dalvo, que na época anunciava os filmes do cinema, disse que os adolescentes vendiam latas de água para garantir o ingresso do filme mais tarde. No lugar do poço ainda mina um pouco de água que escorre formando um lamaçal entre os buritis.

O senhor Adolfo e o senhor Dalvo foram responsáveis pelo sistema de som do cinema “Cine São José” por muitos anos. Eles contam que os filmes eram anunciados em dois alto falantes presos a um enorme mastro de madeira. O som se esparramava pela cidade e quando tocava a música *Tema de Lara*, todos já sabiam que a programação da noite iria começar e corriam para o salão, onde cabia 200 pessoas na época.

Alto Paraguai foi crescendo por força da extração do ouro e principalmente do diamante. Em muitas regiões se ouvia falar do Gatinho, lugarzinho encantado, onde as pessoas se divertiam muito e tinham a pedra brilhante do sucesso econômico. Os anciãos da cidade contam que os diamantes eram colhidos com um prato e que era comum achá-los nos papos das galinhas. Fato interessante é que a grande maioria dos garimpeiros entrevistados diz que o dinheiro dos diamantes era amaldiçoado, pois pegavam bastante em curto período de tempo e vendiam por uma boa quantia de dinheiro que desaparecia rapidamente, sem que conseguissem juntar fortuna ou economias para o futuro.

Havia na cidade um cabaré com uma rua principal de onde saíam três ruazinhas em forma de becos. Conforme relatos, esse local era a parte mais movimentada da cidade. As mulheres “de vida livre” como eram chamadas, ficavam à disposição dos garimpeiros que podiam escolher as mais belas e pagar com o dinheiro conseguido com a venda dos diamantes. Hoje, muitos homens daquele tempo já anciãos com os cabelos embranquecidos pela idade, sentam nas calçadas dos casarões daquela rua, calçada até hoje com paralelepípedos e relembram os tempos de juventude, cujo frescor da idade lhes permitia divertir com as moças, que segundo eles, além de lindas eram muito simpáticas. A maioria delas vinham de Goiás, exclusivamente para atendê-los nos cabarés na “Rua da Zona”.

De acordo com a população mais idosa, mesmo havendo brigas e mortes nos bares e na zona, havia também muita alegria, festas religiosas, festivais e bailes.

Aqui havia cantores e sanfoneiros que alegravam os bailes, desfile de carnaval e de 07 de setembro e muita diversão para todos. A professora Alcione Modesto conta que “As moças banhavam-se nas águas do córrego no Bairro Fazenda Velha e tomavam sol no lajedo de pedras formado pela própria natureza. Eu banhei lá muitas vezes, hoje está quase seco”, relata emocionada. “Na época da chuva, as crianças catavam pozinhas de ouro que ficavam na areia depois que a enxurrada passava. Eu catava bastante e os vendia para comprar doces”. Diz a professora aposentada, Maria Machado.

Com o passar dos anos e com a extração descontrolada, o garimpo se exauriu. Muitos moradores foram embora da cidade em busca de recursos para a sobrevivência. Todavia, ainda há senhores que continuam a trabalhar esperançosos. Existe também uma vila, bem próxima da cidade, a “Vila dos Garimpeiros”. Ali moram idosos garimpeiros daquela época e até hoje vivem como no início da história de Alto Paraguai. Utilizam água do rio e da chuva, moram em barracos de palha e felizes da vida, insistem no trabalho de garimpagem. O conhecido sr. Paraíba Quinze Dias, garimpeiro dos tempos áureos da cidade, mora na vila e diz que “vida de garimpeiro é assim, “dona professora” uma hora tem bastante, outra hora não tem nada, mas a gente é feliz desse jeito”.

Alto Paraguai atualmente é um lugar onde a economia não é definida e muitas pessoas não conseguem suprir suas necessidades básicas. Uma boa parte da população vive da aposentadoria, alguns vivem da extração de minhocas para a pesca, outros trabalham em uma pequena Piscicultura que foi instalada há pouco tempo na cidade. Há também aqueles que vivem do trabalho assalariado pela Empresa JBS (frigorífico de carne bovina) e na SUÏNO BRÁS, empresa de carne suína, situadas no município próximo, Diamantino. Na cidade há ainda uma boa parte dos moradores que trabalham como funcionários públicos estaduais e municipais.

A população de Alto Paraguai conta as narrativas da cidade, retratando um passado que deixou muitas lembranças. Assim, o povo vai transmitindo de geração em geração, um patrimônio cultural de valor imensurável. Os idosos participaram dos fatos ocorridos, por isso narram com precisão e riqueza de detalhes, enquanto

os ouvintes sentem-se inebriados ao ouvir as lendas, causos, memórias, contos e poemas.

Essas narrativas constituem-se em um excelente material para trabalhar o letramento literário na sala de aula, provocar o gosto pela leitura e iniciar os alunos na produção escrita literária, além de resgatar essa riqueza imaterial que é a memória coletiva da cidade, oportunizando ao aluno conhecer e valorizar suas origens e identidades culturais.

2.2. Perfil da comunidade escolar e dos moradores

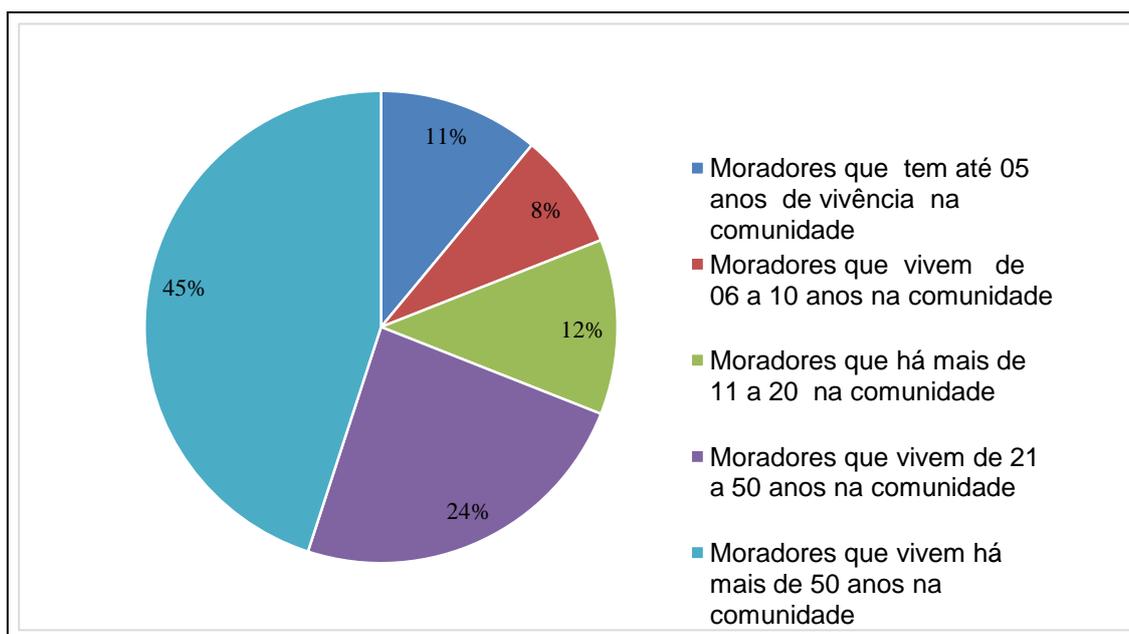
O projeto foi realizado na Escola Estadual “Alexandre Gomes da Silva Chaves”, situada no Município de Alto Paraguai – MT, lugar que em décadas áureas, foi grandemente beneficiado pela extração de ouro e diamante que se exauriu, resultando numa população socialmente desigual e carente. Esta Escola localiza-se na Rua Santos Dumont, nº 70 Bairro Centro do Município de Alto Paraguai - Mato Grosso, é instalada em prédio próprio, mantida pela Secretaria de Estado de Educação – SEDUC. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola - PPP, esta Instituição de Ensino foi criada no ano 1981, através do decreto 828/81, publicado no Diário Oficial 12/08/81, reconhecida pela Portaria nº. 2.227/92, Diário Oficial de 29/12/92. O atual diretor da Escola é o professor Júlio Cezar Souza Magalhães.

A alfabetização de alunos fora da faixa etária tem sido preocupação da equipe gestora e docente dessa escola bem como a falta da presença dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos. Por isso, têm sido levantadas discussões em busca de alternativas para a produtividade e construção do conhecimento e também para resolver este problema. Uma das estratégias apresentadas por este grupo além da execução dos programas institucionais é a implantação de projetos interativos com o objetivo geral de promover a aprendizagem, construir valores, motivar o convívio dos alunos e participação dos pais na escola.

A Escola atende alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, sendo a única escola do município de Alto Paraguai, na área urbana, que oferece as séries finais desta etapa. Por este motivo todos os adolescentes deste município estudam

nesta escola. De acordo com a Secretaria desta escola, O Sistema Integrado de Gestão Educacional - SigEduca, da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso - SEDUC informa que, neste ano de 2018 esta escola obteve o total de 430 alunos matriculados, na faixa etária de 6 a 14 anos e a maioria destes alunos pertence às famílias pioneiras do município. Para análise do perfil desta comunidade escolar foi realizado um Questionário Socioeconômico com 100 famílias dos alunos desta escola (Anexo A). A maioria dos pais ou responsáveis por estes alunos reside nesta comunidade há mais de 20 anos, o que faz entender que apenas 23% dos alunos desta comunidade escolar vieram de outras localidades, (Gráfico 1), os demais nasceram neste município.

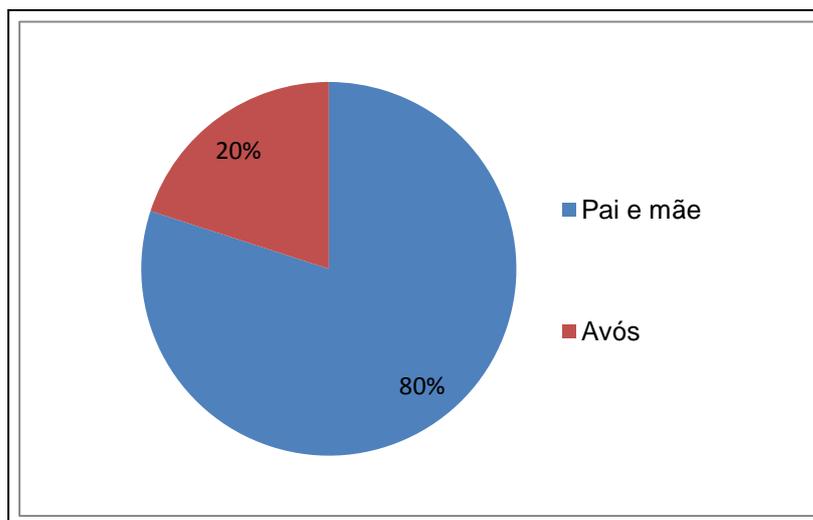
Gráfico 1 – Tempo de Moradia no Município de Alto Paraguai



Fonte: Sunair Batista(2018)

A responsabilidade da família sobre os alunos desta comunidade é bem diversificada, 20% dos alunos moram com os avós que participam da vida escolar dos estudantes e quando solicitados, comparecem aos eventos e reuniões escolares, os demais, 80% vivem com os pais, (Figura 2).

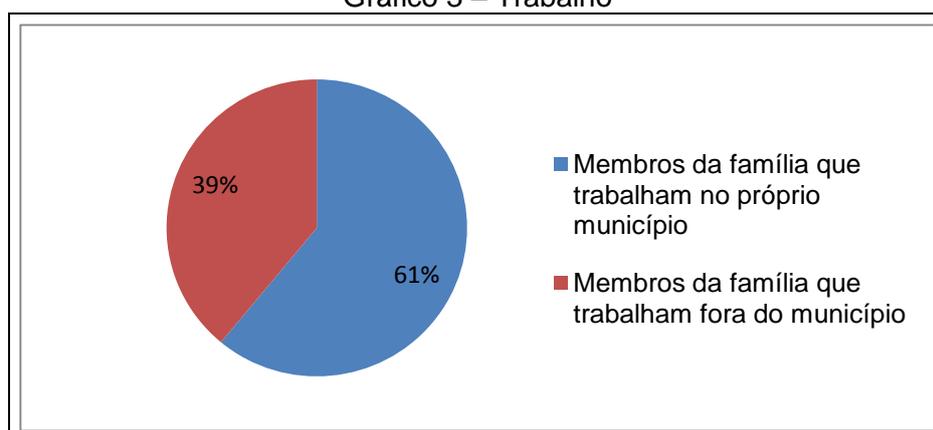
Gráfico 2 – Responsáveis pelo aluno



Fonte: Sunair Batista(2018)

Devido à escassez de oportunidades de trabalho neste município e para garantir o sustento da família, 39% dos pais entrevistados afirmaram que são empregados em frigoríficos das cidades circunvizinhas, por isso, os pais destes alunos não conseguem acompanhar devidamente a vida escolar dos filhos, deixando-os na responsabilidade de outrem, o que dificulta o trabalho da escola, principalmente no que diz respeito à disciplina escolar, (Gráfico 3).

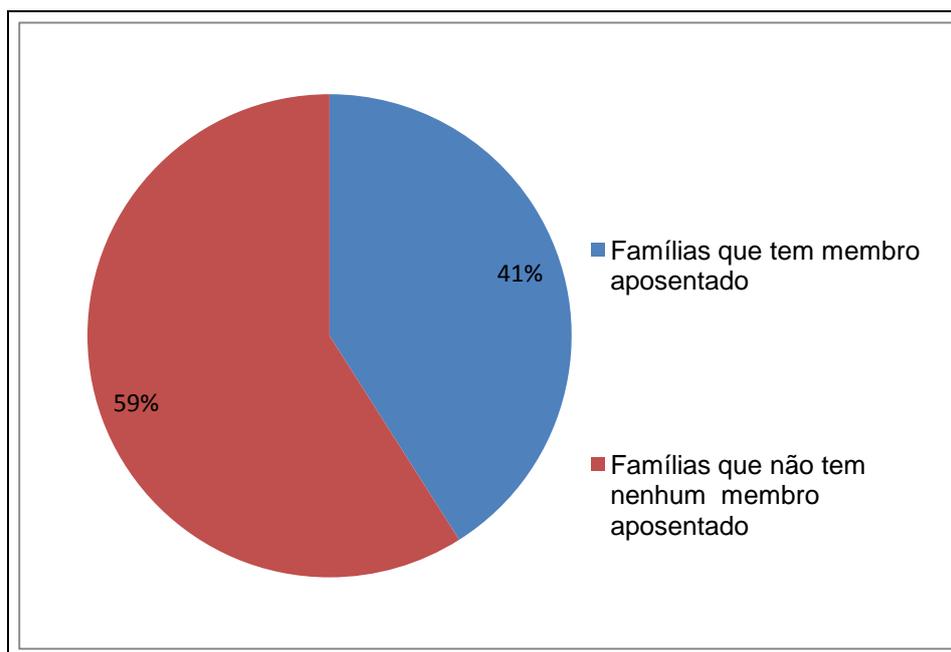
Gráfico 3 – Trabalho



Fonte: Sunair Batista(2018)

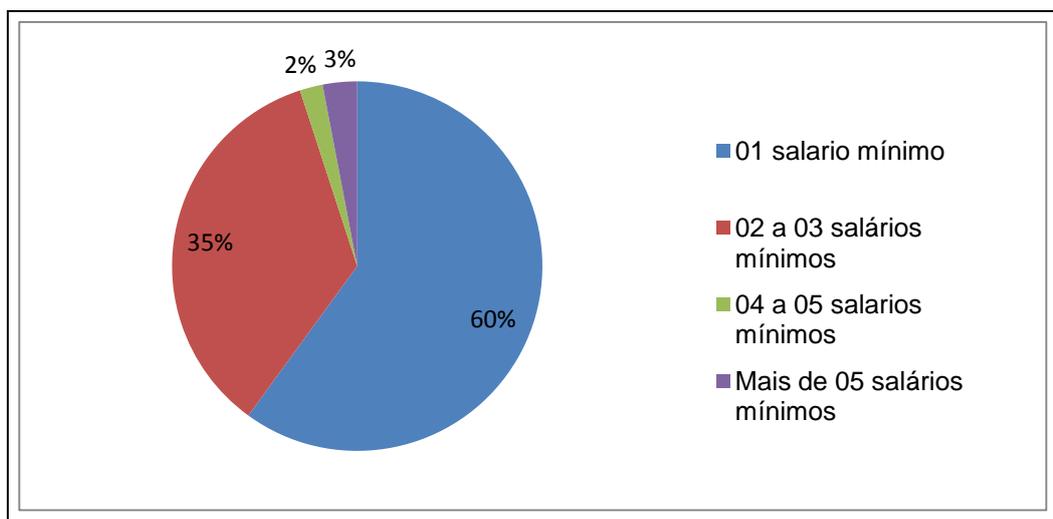
Com relação à situação econômica das famílias às quais pertencem os alunos da Escola Estadual Alexandre Gomes da Silva Chaves considera-se que são carentes, pois 60% destas sobrevivem com 01 salário mínimo, alguns contam com a ajuda dos aposentados que pertencem à família, (Gráficos 4 e 5).

Gráfico 4 – Aposentados na família



Fonte: Sunair Batista(2018)

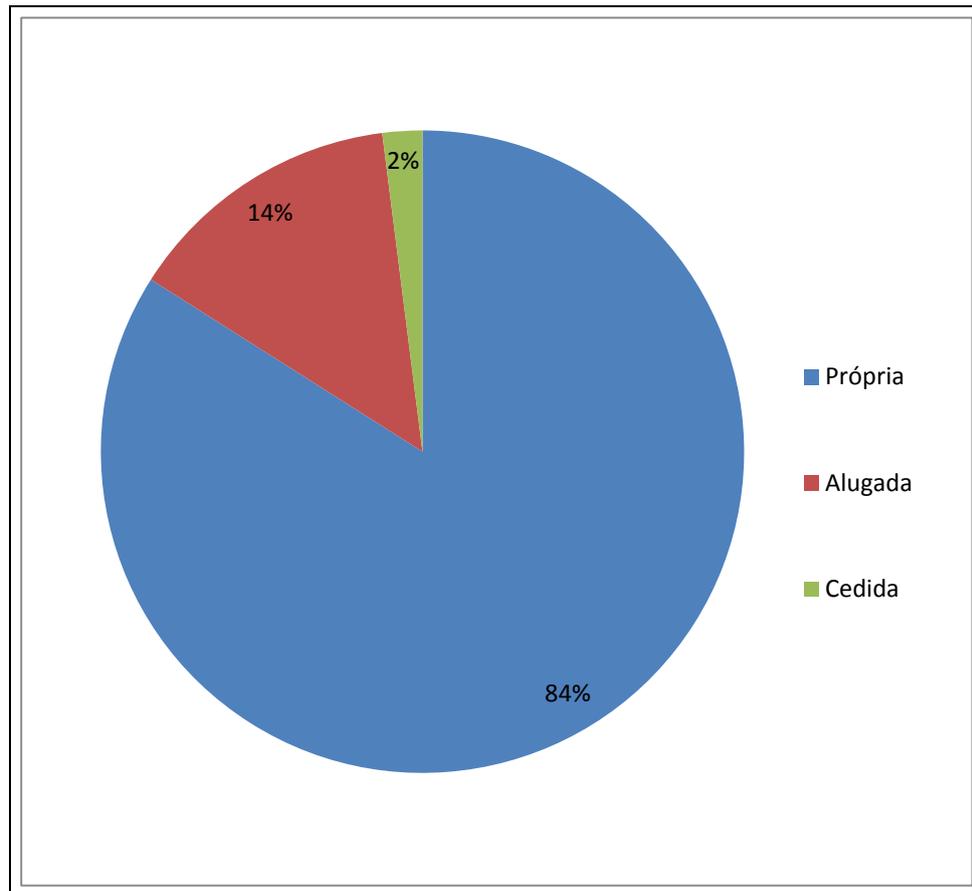
Gráfico 5 – Renda familiar mensal



Fonte: Sunair Batista(2018)

Em se tratando da moradia, as casas de Alto Paraguai, praticamente em sua totalidade são de alvenaria e a maioria da população entrevistada possui residência própria (Gráfico 6).

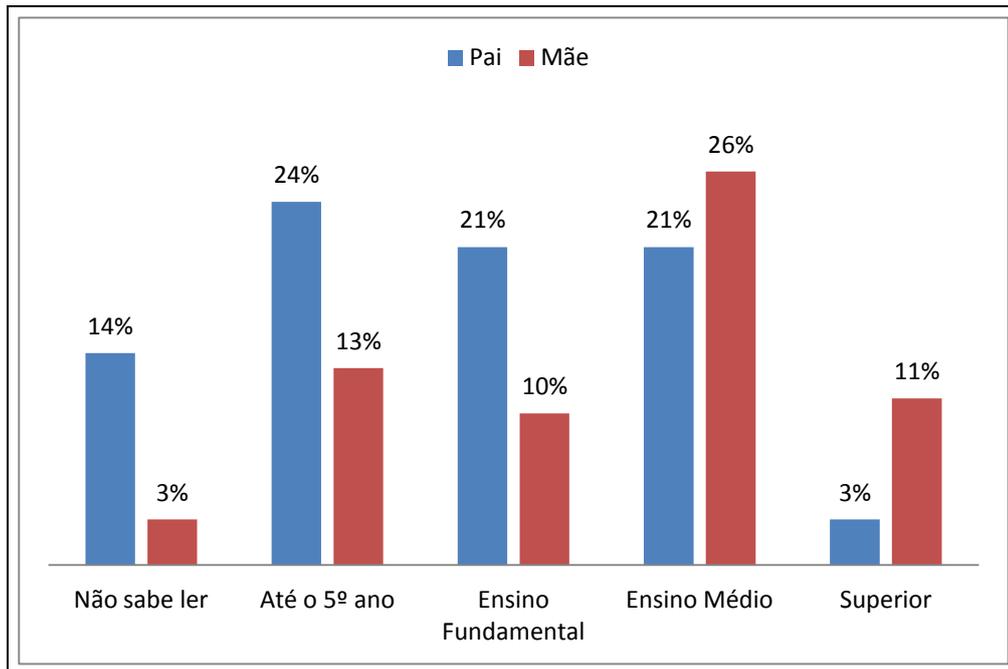
Gráfico 6 – Moradia das famílias



Fonte: Sunair Batista(2018)

Na formação acadêmica dos pais dos alunos, nota-se uma considerável diferença entre o pai e a mãe. Nas famílias entrevistadas, o maior índice de analfabetismo é dos homens, 14% comparando com 3% das mulheres; também no nível superior as mães superam com 11% e os pais apenas 3%, (Gráfico 7).

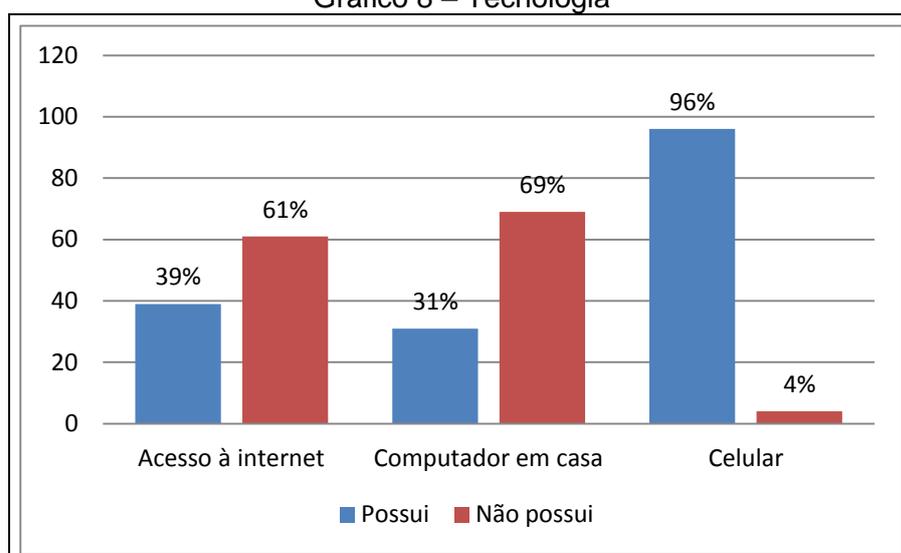
Gráfico 7 – Escolaridade dos pais



Fonte: Sunair Batista(2018)

Os alunos da Escola Alexandre Gomes da Silva Chaves têm acesso às tecnologias da informação na realização de pesquisas e atividades desenvolvidas no laboratório escolar. A grande maioria tem aparelho de celular, mas poucos possuem computador com acesso à internet em casa, (Gráfico 8).

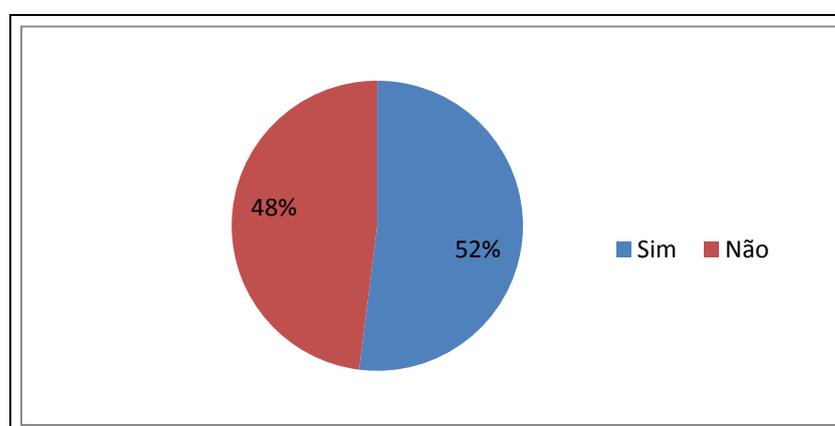
Gráfico 8 – Tecnologia



Fonte: Sunair Batista(2018)

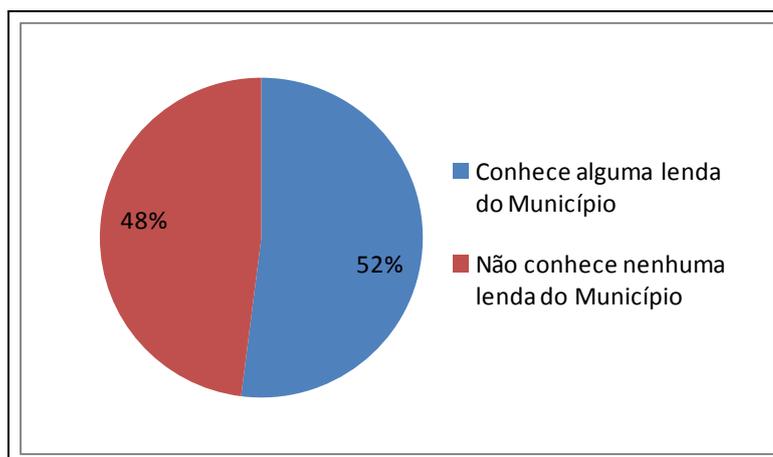
Seria impossível o desenvolvimento deste Projeto sem a participação dos veteranos de Alto Paraguai. Estas pessoas que residem há mais de 50 anos neste município conhecem a história dos tempos áureos do garimpo e testemunharam os períodos dos grandes minas de ouro e diamantes. Das famílias entrevistadas 52% confirmam que tem algum membro que trabalhou no garimpo(Gráfico9). Interessante notar que todas essas pessoas conhecem e contam histórias e lendas de Alto Paraguai, que é foco principal dessa pesquisa, totalizando o mesmo percentual de 52% dos moradores pioneiros da região, (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Garimpeiros na família



Fonte: Sunair Batista(2018)

Gráfico10 – Conhecimento sobre lendas do município



Fonte: Sunair Batista(2018)

2.3. A metodologia da pesquisa

Para realização deste projeto de pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, centrada na observação e compreensão dos fatos da realidade e não na representatividade numérica, considerando que “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos...” (MINAYO, 2001, p. 14).

Gil, n o livro *Como elaborar Projetos de Pesquisa*, salienta que

para analisar os fatos do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa. Como o delineamento expressa em linhas gerais o desenvolvimento da pesquisa, com ênfase nos procedimentos técnicos de coleta e análise de dados, torna-se possível, na prática, classificar as pesquisas segundo o seu delineamento. Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de "papel" e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo, estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-postfacto, o levantamento e o estudo de caso. Neste último grupo, ainda que gerando certa controvérsia, podem ser incluídas também a pesquisa-ação e a pesquisa participante. (GIL, 2002, p. 42).

Utilizamos dois tipos de delineamentos: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação. A primeira porque é de fundamental importância que o trabalho científico seja pautado primeiramente na pesquisa bibliográfica e em uma boa base de fundamentação teórica.

Fonseca, (2002, p. 32) argumenta que

a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi de fundamental importância para embasar os trabalhos realizados na prática.

A pesquisa-ação que ocorreu mediante a implementação de formas de ação planejada, de caráter social, educacional e técnico, com vistas a incentivar a produção de ações deliberadas de transformação da realidade e, ao mesmo tempo, elaborar conhecimentos esclarecedores da prática realizada com o objetivo de melhorá-la. Thiollent (1988) ressalta que a pesquisa-ação é orientada por três finalidades que correspondem à resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento.

O autor objetivamente ainda define

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, (THIOLLENT, 1988, p. 14).

Iniciamos a pesquisa ação pela fase exploratória que foi a determinação do campo de investigação, nesse caso, o município de Alto Paraguai-MT; os sujeitos da pesquisa que são alunos do 8º e 9º da educação básica, da Escola Estadual Alexandre Gomes da Silva Chaves e indiretamente os moradores, principalmente os

garimpeiros do local; o tempo da pesquisa que durou aproximadamente 07 meses com carga horária de 12 horas semanais.

Após a fase exploratória, formulamos o problema e as questões da pesquisa:

- 1) Quais narrativas orais desde o período do garimpo da cidade de Alto Paraguai permanecem na memória da população e qual é a possibilidade de preservá-las pelo registro escrito?

- 2) O trabalho com narrativas orais do período do garimpo de Alto Paraguai contribuirá para desenvolver o interesse, o gosto e as competências de produção literária oral e escrita, como também a capacidade de expressão artística dos alunos?

- 3) O trabalho de ouvir histórias, registrá-las pela escrita e depois recontá-las, poderá levar os alunos a refletir sobre as identidades culturais e a cidadania?

Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada por ser mais espontânea e flexível, e diversos instrumentos ao longo da pesquisa como registros gravados em áudio e vídeo, fotografias e anotações. Para Manzini,

A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (MANZINI, 1990/1991, p. 154).

As perguntas da entrevista semiestruturada foram elaboradas previamente, em forma de questionário.

2.4. Apresentação da proposta de pesquisa aos alunos e pais

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso com o Parecer: 2.575.648, no dia 02 de abril de 2018. A proposta de pesquisa foi apresentada em cinco turmas, aos alunos de 8º e 9º anos do ensino fundamental. Depois de ler o Termo de Assentimento nas salas de aula e esclarecer todas as dúvidas sobre a realização do projeto, 21 alunos do turno matutino assinaram o documento e se propuseram a participar das aulas que seriam

realizadas no horário contra turno, isto é, no turno vespertino. Em seguida, eles levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais que leram e assinaram liberando a participação dos filhos no Projeto de Intervenção Pedagógica. A realização do projeto durou sete meses, tendo quatro aulas nas segundas, terças e sextas-feiras, totalizando 12 aulas por semana.

3. O PROCESSO PARA CHEGAR À RETEXTUALIZAÇÃO

Na sala de aula, utilizamos a metodologia de projetos de trabalho a qual se constitui em eleger um tema oriundo de um problema e, a partir dele, definir os objetivos a serem alcançados, apresentar uma justificativa explicando o porquê ou a necessidade de se abordar determinado assunto, desenvolver atividades que geralmente são divididas em etapas e apresentar um produto final a ser compartilhado com a sociedade na culminância do projeto. Há vários autores que recomendam a metodologia de projetos na sala de aula, porém utilizam-se de diferentes nomenclaturas. Rojo (2012), em sua obra *Multiletramentos na escola*, nomeia-os como “projeto didático”, “protótipo didático” e “projeto temático”; Anderson Moço, que publicou uma matéria sobre projetos na Revista *Nova Escola* (2011) também os denomina de “projeto didático”; já Teresa Colomer (2007) os chama de “projetos de trabalho”, denominação utilizada nesta pesquisa.

Existem várias possibilidades de organização do ensino de leitura literária e escrita na sala de aula, mas em se tratando de um trabalho mais amplo e abrangente, o qual envolve diferentes gêneros de textos literários, a metodologia de projetos parece ser a mais indicada, conforme sugere Teresa Colomer, autora da obra *Andar entre livros: A leitura literária na escola*:

As formas de organização são muito diversas e os professores devem encontrar aquelas nas quais se sintam mais cômodos e seguros. Em nossa experiência com docentes nas aulas, o trabalho em projetos prolongados mostrou ser uma das mais eficazes. Os projetos de língua definem-se como uma proposta de produção (oral ou escrita) com uma intenção comunicativa concreta; por isso, respondem a parâmetros explícitos da situação discursiva e contêm objetivos específicos de aprendizagem. (COLOMER, 2007, p. 119)

Entendemos assim, que a metodologia de projetos possibilita desenvolver um trabalho docente no qual estamos conscientes de onde queremos chegar ou o que queremos alcançar no final das atividades. Como os objetivos já são claramente estabelecidos, não ocorrerá o fato de ler um texto somente para acompanhar o livro didático escolhido para o ano letivo, ou ler uma obra apenas para obter a média no boletim. As atividades de leitura e escrita estarão inseridas em um todo coerente da situação comunicativa e farão sentido para os alunos.

Moço (2011) publicou uma matéria na revista eletrônica *Nova Escola*, orientando sobre as etapas de um projeto didático:

Um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolve uma situação problema. Seu objetivo é articular propósitos didáticos (o que os alunos devem aprender) e propósitos sociais (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém). Além de dar um sentido mais amplo às práticas escolares, o projeto evita a fragmentação dos conteúdos e torna a garotada corresponsável pela própria aprendizagem. (MOÇO - NOVA ESCOLA, 2011).

Articular propósitos didáticos com propósitos sociais é uma das relevâncias da metodologia de projetos, os alunos sentem-se envolvidos e motivados a participar das atividades de forma responsável, porém sem a temida obrigatoriedade de fazer enfadonhos exercícios desarticulados da realidade. O autor da matéria explica que o projeto pode ser realizado na sala de aula apenas por um professor com intenções claras de ensino e possibilidade de novas aprendizagens, mas também pode ser interdisciplinar e institucional com o objetivo de envolver toda a comunidade escolar, como, por exemplo, produzir uma campanha. Ele diz que os projetos podem ser planejados e organizados de inúmeras formas, porém algumas ações são fundamentais:

Tema: delimitar e conhecer bem o assunto que será estudado e pesquisá-lo previamente. **Objetivos:** escolher uma meta de aprendizagem principal e outras secundárias que atendam às necessidades de aprendizagem. **Conteúdos:** ter clareza do que as crianças conhecem e desconhecem sobre o tema e o conteúdo do trabalho. **Tempo estimado:** construir um cronograma com prazos para cada atividade, delimitando a duração total do trabalho. **Material necessário:** selecionar previamente os recursos e materiais que serão usados, como sites e livros de consulta. **Apresentação da proposta:** deixar claro para a sala os objetivos sociais do trabalho e quais os próximos passos. **Planejamento das etapas:** relacionar uma etapa à outra, em uma complexidade crescente.

Encaminhamentos: antecipar quais serão as perguntas que você fará para encaminhar a atividade. **Agrupamentos:** prever quais momentos serão em grupo, em duplas e individuais. **Versões provisórias:** revisar o que a garotada fez e pedir novas versões do trabalho. **Produto final:** escolher um produto final forte para dar visibilidade aos processos de aprendizagem e aos conteúdos aprendidos. **Avaliação:** prever os critérios de avaliação e registrar a participação de cada um ao longo do trabalho. (MOÇO – NOVA ESCOLA, 2011)

Baseando-nos na estrutura acima, porém com algumas adaptações, elaboramos o projeto de trabalho organizando-o em: tema, problema, justificativa, objetivos, tempo estimado, apresentação da proposta, material necessário, conteúdos, planejamento das etapas, avaliação, produto final e culminância. O tema foi “Narrativas orais de Alto Paraguai-MT”, o problema questionado foi o desaparecimento das histórias populares que estão caindo no esquecimento, conforme os fundadores da cidade vão morrendo e como justificativa destacamos a necessidade de preservar a identidade cultural dos alunos e dos moradores por meio do registro escrito. Os objetivos do projeto de trabalho foram, além do resgate e preservação da cultura local, propiciar o letramento literário aos alunos, utilizando as narrativas orais da cidade e desenvolver as competências de oralidade, leitura literária e produção escrita. O tempo de duração do projeto foi oito meses. Utilizamos diversos materiais como recursos didáticos, entre eles celulares, data show, aparelho de som, computadores e livros literários. Depois de apresentarmos a proposta aos pais e mães e aos alunos, começamos a realizar as atividades que foram divididas em etapas. Os alunos foram avaliados em todas as participações ocorridas ao longo do projeto. A partir do tema, intitulamos o projeto de trabalho como “Histórias de Alto Paraguai”. A culminância do projeto aconteceu em uma noite cultural com a divulgação do produto final.

Ainda conforme Colomer (2007, p.121), “os projetos de trabalho supõem uma situação de leitura e escrita global, que requer fixar-se em aspectos concretos”. E nesta pesquisa, realmente lidamos todo o tempo com aspectos concretos. Os alunos participaram de atividades “in loco”, leram obras literárias relacionadas ao tema em estudo e produziram textos condizentes com os propósitos previamente estabelecidos e com os objetivos a serem alcançados. Durante o projeto, os alunos vivenciaram situações reais de comunicação, ouvindo narrativas orais dos

moradores com o objetivo de resgatar e valorizar os elementos culturais que fazem parte da formação do povo ao qual pertencem e preservá-los na forma escrita.

A autora adverte que, nas atividades com projeto, é necessário sabermos para quem o texto será contado, lido ou escrito e que aprendizagem será obtida por meio das atividades.

A condensação verbalizada de *o que e para quem se vai ler e escrever*, assim como o que se vai aprender com isso, constitui um a série de critérios compartilhados, que se pode usar para produzir e avaliar os textos dos alunos. Assim, editar uma coleção de contos de um gênero determinado, elaborar um guia turístico do local, realizar uma campanha publicitária, fazer uma exposição de poesia, escrever um romance de cavalaria, inventar um jogo coletivo de formas poéticas ou preparar um fichário informativo de personagens mitológicos podem ser projetos de trabalho que liguem a consciência dos alunos do produto final que se espera obter. (COLOMER, 2007, p. 119.)

Nessa citação a autora sugeriu alguns temas possíveis de se desenvolver um projeto de trabalho literário e a necessidade dos envolvidos (aluno e professor) estarem conscientes dos motivos pelos quais estão realizando determinadas atividades. Os alunos participantes do projeto “Histórias de Alto Paraguai” sabiam do objetivo de aprendizagem a ser alcançado e do produto final a ser publicado. Eles entenderam desde o início que, para alcançarmos as metas, teríamos de ler obras literárias de origem popular e praticar a escrita, usando recursos expressivos e plurissignificativos da linguagem.

Uma das muitas vantagens da metodologia de projetos é a flexibilidade, pois permite adaptações ao que foi planejado, de acordo com as circunstâncias ou necessidades surgidas ao longo do processo.

Um projeto de trabalho bem planejado desenvolve atividades atrativas e os temas estudados são condizentes com a realidade em que vivem os alunos. Os livros de leitura selecionados são concatenados com o conteúdo pesquisado e com o desenvolvimento das práticas. Os alunos sabem o motivo pelo qual estão lendo tal obra e sentem-se provocados pela curiosidade e o gosto de ler, ao contrário do tradicional hábito da maioria dos professores que exigem uma leitura da obra com um fim em si mesma, ou seja, ler apenas para cumprir com o exercício escolar, o que causa desânimo e desinteresse. Colomer (2007) confirma a importância de ensinar leitura e escrita por meio de projetos ao frisar que:

O que desejamos ressaltar é que os projetos, ao oferecerem um motivo para ler, mais do que superar os exercícios de habilidades leitoras ou de compreensão do texto, estabelecem as melhores condições para sua aprendizagem. (COLOMER, 2007, p. 121)

Concordamos com o posicionamento da autora porque as condições oferecidas pela metodologia de projetos são aprendizagens a partir de atividades de leitura e escrita em situações comunicativas concretas relacionadas à sociedade. No decorrer do projeto, os alunos leram textos literários, os quais estavam diretamente ligados ao tema em estudo. Utilizamos obras consagradas e oriundas da tradição oral como o livro de memórias *O menino no espelho* de Fernando Sabino, os causos de *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, as lendas dos livros *Lendas Brasileiras para Jovens* de Luís da Câmara Cascudo e *Mitos e Lendas do Brasil* de Toboaldo Miranda. Ainda conforme Colomer (2007, p.121), “os projetos de trabalho supõem uma situação de leitura e escrita global, que requer fixar-se em aspectos concretos”. E nesta pesquisa, realmente lidamos todo o tempo com aspectos concretos. Além da leitura de obras condizentes com os objetivos a serem alcançados, os alunos vivenciaram situações reais de comunicação, ouvindo narrativas orais dos moradores com o objetivo de resgatar e valorizar os elementos culturais que fazem parte da formação do povo ao qual pertencem e transformaram a oralidade em textos escritos, de acordo com os propósitos previamente estabelecidos. Inquestionavelmente, os projetos de trabalho oferecem amplas condições de aprendizagem, envolvendo os alunos em práticas de letramento que superam os exercícios de memorização, geralmente descontextualizados e que ainda são exigidos em muitas aulas de língua portuguesa.

Depois de esclarecer sobre o tema, objetivos e justificativa do projeto para alunos e pais e mães, passamos para o desenvolvimento das atividades em etapas. O objetivo da primeira etapa foi preparar os alunos para as atividades práticas, assim fizemos atividades na sala de aula sobre alguns gêneros narrativos da oralidade que provavelmente os alunos encontrariam nas aulas de campo.

3.1. Desenvolvimento do projeto de trabalho - Primeira etapa: Estudo de gêneros textuais orais e leitura de obras literárias provenientes da oralidade

A primeira aula sobre narrativas orais iniciou-se com um vídeo ¹ motivacional de uma reportagem sobre a cidade de Alto Paraguai. Esse vídeo mostrou o centro da cidade, ruas, comércios e pessoas conhecidas. Em seguida falamos sobre as atividades que seriam realizadas e os alunos deram sugestões com bastante entusiasmo.

A participação ativa dos adolescentes nessa aula introdutória fez com que eles entendessem com clareza o propósito do projeto que seria ler, ouvir, recontar e escrever textos da tradição oral, bem como perceber a importância de resgatar e preservar a cultura local presente na memória coletiva da população. No final da aula, distribuimos uma tarefa para que os alunos ouvissem alguém de sua casa, ou morador de sua rua contar-lhes uma história acontecida na cidade. Quando trouxeram as narrativas, algumas em áudio, outras em vídeos e também em textos escritos, guardamos para as utilizarmos posteriormente. Assim começamos nossas atividades do Projeto de trabalho “Histórias de Alto Paraguai”.

3.1.1. Lendas

Nas aulas seguintes fomos com a turma ao laboratório de informática para assistirmos a alguns vídeos da série *Caçadores de lendas*, em um canal do youtube². Os vídeos começam com o apresentador contando uma lenda enviada por alguma pessoa inscrita no canal. Depois, ele e sua equipe vão até o local dos acontecimentos à procura de resquícios que indiquem se a história realmente aconteceu naquele lugar. Eles visitam casas, escolas e presídios abandonados; grutas, matagais, poços d’água desativados e outras localidades, causando suspense em quem está assistindo. Depois tivemos um animado debate e

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOtMUjPJviE&t=103s>

² Canal do *yotubber* Renato Garcia, bloco *Caçadores de Lendas*, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKsUHhNeMveVjM8-hF9Dv4g>.

sugerimos que assim como os caçadores de lendas do vídeo, nós também poderíamos “caçar as lendas de Alto Paraguai” e visitar os locais que originaram as lendas de nossa cidade. O entusiasmo tomou conta da sala.

As lendas se originam de acontecimentos reais, com personagens definidos e lugares específicos. Esse aspecto real acoplado aos elementos misteriosos e sobrenaturais cativa a atenção dos alunos que comparam o misto de realidade e encantamento com suas próprias vidas e com o lugar onde vivem, imprimindo, ainda que inconscientemente, momentos de reflexão sobre a identidade cultural e a cidadania.

Nelly Novaes Coelho, em sua obra *Literatura Infantil: teoria, análise, didática* afirma que

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. Literatura oral ou Literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados. (COELHO, 2000, p.16)

A possibilidade de utilizar as narrativas orais como instrumento que provoca, além do prazer, a possibilidade de ressignificação da realidade, por meio dos valores herdados, nos faz conceber a ideia de que a “Literatura oral”, como nomeia a autora, é um excelente recurso para trabalhar as práticas de letramento literário na sala de aula.

Na obra *História das lendas*, o escritor Jean-Pierre Bayard assim define esse gênero textual:

A lenda é um conto no qual a ação maravilhosa se localiza com exatidão; os personagens são precisos e definidos. As ações se fundamentam em fatos históricos conhecidos e tudo parece se desenrolar de maneira positiva. Frequentemente a história é deformada pela imaginação popular(BAYARD, 1957, p. 11).

O autor confirma a “ação maravilhosa” e também o embasamento em fatos reais quando explica que as ações acontecidas “se fundamentam em fatos históricos conhecidos”. Assim sendo, a lenda é uma narrativa da tradição popular e é composta por fatos históricos reais, aos quais são agregados elementos fantasiosos ao longo do tempo, por isso a história é “deformada pela imaginação popular”.

Outra característica da lenda é que mesmo sendo originada de pessoas ou acontecimentos reais e em lugares específicos, quando vai passando de geração em geração, a origem da história ou as pessoas envolvidas caem no anonimato, sendo representados por personagens tipo, como a mulher de branco, a loira do banheiro, o homem que virava lobisomem e outros que representam alguém ou uma classe de pessoas da sociedade, porém sem lembrar de fato, o nome da pessoa envolvida.

O folclorista Brasileiro, Luiz da Câmara Cascudo, confirma que

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade (CASCUDO, 1976, p. 348).

Logo, as lendas são antigas porque contam fatos históricos que aconteceram há muito tempo em algum lugar ou espaço geográfico específico. Ela é persistente porque perpassa o tempo e as gerações, continuando a subsistir. Seus personagens são anônimos, pois o que importa não é mais a pessoa com quem aconteceu e sim o que aconteceu e representará a comunidade com um personagem tipo. Por fim, ela faz parte dos textos de tradição oral da comunidade.

Bayard (1957) diz que a lenda é um precioso documento, ela registra a vida do povo e conta-nos os fatos com ardor de sentimentos. Além de resgatar os fatos que estão adormecidos na memória coletiva, a lenda provoca diferentes sensações no ouvinte que, de acordo com o enredo, pode sentir alegria, tristeza, raiva, revolta, angústia ou necessidade de tomar uma atitude. Em muitos momentos da pesquisa, os alunos falavam impulsivamente frases como “Ah se fosse eu”, “Se fosse comigo agiria assim”, “Se fosse hoje poderia ser feito de tal forma”. Isso nos mostra o quanto o momento de ouvir narrativas tem o poder de inquietar e de contribuir com a formação do ser humano.

As lendas conduzem o aluno a momentos de fabulação devido aos temas retratados como tesouros enterrados, espíritos que surgem na noite, casas assombradas, lagoas encantadas, luzes misteriosas e assim por diante. Como já foi referido, apesar dos elementos misteriosos que lhe são agregados, as lendas são

narrativas que contam fatos reais, ocorridos com pessoas de um determinado lugar, mas que com o passar do tempo são deformadas com acréscimos sobrenaturais explicados pela população como encantamento, maldição ou sina a ser cumprida por alguém que fora injustiçado ou que cometera algum delito em vida.

Um exemplo de acontecimento real, mas que foi deformado pelo povo e transformou-se em lenda é a conhecida narrativa oral “A loira do banheiro”, exibida em uma reportagem no programa Balanço Geral da rede Record³. Os alunos assistiram a reportagem sobre a lenda e os locais dos acontecimentos, depois fizeram atividades de compreensão escrita.

Na aula seguinte, a turma fez a primeira atividade de transcrição e retextualização com a lenda “A loira do banheiro”. Durante as atividades, usamos as operações do modelo de Marcuschi (2010) para orientá-los, porém sem seguir a ordem linear do diagrama proposto.

Primeiramente, os alunos fizeram a transcrição, tendo como objetivo passar a narrativa da modalidade oral para a escrita sem muitas alterações. Essa atividade exige esforço do aluno ouvinte, pois é necessário habilidade de interpretação e compreensão do texto para que seja transcrito com encadeamentos de ideias e clareza dos acontecimentos narrados. Caso sejam gêneros textuais diferentes, a dificuldade é ainda maior por não seguirem a uma linearidade comum. Tendo como exemplo a transcrição da lenda “A loira do banheiro”, os alunos assistiram a uma reportagem, na qual havia demonstração do espaço onde a história ocorreu, entrevista com diferentes pessoas que comprovavam os fatos, intervenções do apresentador que interrompia a repórter pedindo explicações e demais elementos próprios desse gênero jornalístico. Para transcrever, os alunos tiveram que adequar a reportagem para o gênero textual lenda, transcrevendo os fatos de forma cronológica e linear. A reportagem foi feita em uma linguagem compreensível e atrativa ao público, porém foi a mudança na organização textual dos dois gêneros que exigiu um trabalho mais elaborado por parte dos alunos transcritores. Para facilitar a transcrição, perguntamos aos alunos se algum deles poderia recontar a lenda para os colegas. Dois deles se dispuseram e ambos foram ouvidos. Isso

³ Programa disponível no *youtube* no link <https://www.youtube.com/watch?v=IZGoKoUI5Hc&t=383s>

facilitou o trabalho, porque os alunos narraram de forma linear, contando o início, o meio e o fim da narrativa.

Todos os alunos fizeram a transcrição e depois começamos a orientá-los na retextualização, a partir da quarta operação do modelo sugerido por Marcuschi(2010) que é organizar os tópicos dos parágrafos observando a ordem cronológica dos acontecimentos e a terceira pessoa do discurso, própria desse gênero. Depois eliminaram, inseriram, substituíram, selecionaram, reordenaram e condensaram as palavras e parágrafos do texto, corrigindo problemas de concordância, letra maiúscula, pontuação e outros desvios linguísticos, conforme as nove operações sugeridas pelo autor.

Há nessas atividades de retextualização um aspecto geralmente ignorado e de uma importância imensa. Pois para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente compreender o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão. (MARCUSCHI, 2010, p. 47)

Logo compreendemos que, passar o texto da ordem falada para a ordem escrita é um exercício que pode desenvolver as competências de compreensão e produção escrita do texto, além de contribuir com o conhecimento do aluno a respeito das diferenças entre fala e escrita. Ao fazer atividades de retextualização, os alunos aprenderam que tanto a oralidade quanto a escrita são importantes nos usos sociais da língua e que exigem diferentes mecanismos de produção, o que não as torna opostas, mas complementares, conforme já vimos nos postulados de Marcuschi:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 17)

Assim sendo, ao retextualizar a reportagem em lenda, os alunos puderam compreender que ambos os gêneros, um transmitido oralmente na reportagem de um programa de televisão e outro escrito em um suporte de papel para depois ser

lido, apresentam características diferentes para contextos comunicativos e objetivos específicos a serem alcançados. E como já dizia (Marcuschi, 2010), tanto a oralidade quanto a escrita são igualmente importantes na interação humana.

Dessa forma, os alunos fizeram a primeira retextualização conscientes de que retextualizar não significa sobrepor importância entre as modalidades oral ou escrita da língua, mas atender a um objetivo previamente proposto dentro da situação comunicativa. Todos os alunos fizeram a transcrição e a retextualização, individualmente no caderno, alguns com mais facilidade, outros com menos. Por isso, resolvemos retextualizar a lenda em coletivo no quadro, para que todos pudessem compartilhar da aprendizagem. O objetivo desta atividade foi passar as noções básicas do que é transcrever e retextualizar para a turma, preparando-os para o trabalho com as narrativas que colheríamos na cidade posteriormente.

Após as atividades com a lenda “A Loira do banheiro”, os alunos assistiram ao curta-metragem “Minhocão de Cuiabá” e participaram de uma roda de conversa sobre essa lenda de Mato Grosso.

Ao conhecer as lendas “A loira do banheiro”, “Minhocão de Cuiabá” e as demais assistidas no canal do youtube, os alunos aprenderam um pouco da história de vários lugares. Isso nos permite refletir que utilizar o gênero lendas nas aulas abre oportunidades para o aprendizado de outras culturas, amplia o conhecimento e o respeito às diversidades culturais.

Apresentaremos a lenda “A Loira do banheiro” retextualizada por um dos alunos, apenas como exemplificação da primeira atividade de retextualização de narrativas, feita neste projeto.

Figura 2 – Primeira transcrição e retextualização – Lenda: A loira do banheiro

Retextualização 5
A Loira do Banheiro

Por volta do ano de 1860, em Guaratinguetá, São Paulo, uma moça chamada Maria Augusta foi obrigada, por sua mãe e seu pai, a casar-se com um político muito importante a quem não amava. Na época, ela tinha apenas 15 anos e ficou revoltada por ter que se submeter a um casamento forçado. Por isso, quando completou 18 anos, vendeu seus joias e fugiu para Paris, França.

Depois de alguns anos, a jovem queria voltar para casa de seus pais, porém eles não a aceitaram. Um tempo depois, Maria Augusta morreu com uma febre muito alta. Sua família, muito entristecida, mandou embalsamar o corpo e trazê-lo para sua mansão no Brasil. Arrepentida de ter sido incompromissada e por isso da consciência, a mãe não queria enterrar o corpo da filha que somente ia aparecer-lhe em sonhos dizendo que fora rapitada.

Atualmente, a casa é uma escola. Onde dizem que o espírito da moça sempre aparece vestida com perfume doce, alando pratos e fazendo os torneios no banheiro. Depois das aparições, Maria Augusta passou a ser chamada de "Loira do Banheiro" e dizem que ela aparece assistando nos passeios nos banheiros das escolas de vários lugares, até hoje.

Fonte: Sunair Batista (2018)

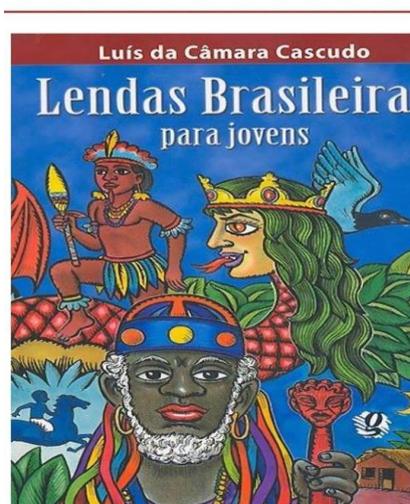
Outra atividade que fizemos sobre o gênero lenda foi a leitura do livro *Lendas Brasileiras para Jovens* de Luís da Câmara Cascudo, compartilhada em PDF no grupo de whatsapp da turma.

Figuras 3 e 4 – Leitura compartilhada



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 5 - Versão editada da obra *Lendas Brasileiras para jovens*



Disponível em: <https://edoc.site/luis-da-camara-cascudo-lendas-bras-jov-2-pdf-free.html>

Os alunos liam as lendas no grupo e socializavam suas opiniões sobre as narrativas, quantas páginas já haviam lido e de qual lenda mais gostaram, até chegar o dia marcado para compartilharmos as leituras na sala de aula. Na sala, colocamos o livro em PDF no telão do data show e cada aluno lia uma lenda em voz alta, enquanto os demais acompanhavam silenciosamente. Nesta turma, temos uma

aluna que era semialfabetizada e dois que liam com muita dificuldade, por isso, na hora de compartilhar a leitura, eles demonstravam apreensão e timidez. Esse fato comprova a pesquisa feita sobre o perfil da escola que enfrenta dificuldades com a alfabetização de alunos fora da faixa etária. Porém, um fato interessante sempre ocorria nesses momentos, um dos alunos se oferecia voluntariamente para ajudar e sussurrava a palavra próximo ao ouvido do colega, enquanto ele, orgulhosamente, lia em voz alta. Um assunto bastante polêmico levantado pelos alunos durante a discussão sobre o livro foi a questão do vocabulário utilizado pelo autor. Eles comentaram que os textos seriam mais fáceis e mais “gostosos de ler se não fossem cheios de palavras desconhecidas e difíceis de falar” Apesar de ter uma página de informações e vocabulário no final do livro, eles questionaram que as palavras muito estranhas “atrapalharam a leitura das lendas”. Durante os questionamentos, intervimos explicando que o vocabulário utilizado na obra faz parte da cultura e do linguajar das comunidades de cada região brasileira.

Sobre leitura compartilhada, Teresa Colomer (2007, p.106) diz que “Pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores.” A autora afirma ainda que pode-se “compartilhar o entusiasmo, a construção do significado, as conexões que os livros estabelecem entre eles”.(p. 107) Ela sugere que a socialização pode ocorrer de diversas formas como em clube de leitores, leitura em pares, em grupos através da internet, etc, mostrando que “incentivar a leitura e ensinar a ler são dois eixos sobre os quais discorre a inovação no ensino da literatura”.(p.198)

Na próxima aula aconteceu algo que consideramos inusitado, uma aluna, cujo pai é professor em outra escola da cidade, trouxe um livro intitulado *Lendas e Mitos do Brasil*, do escritor Theobaldo Miranda Santos. Ela disse que a obra trazia as mesmas lendas das regiões do Brasil que lemos na obra de Câmara Cascudo, mas que havia gostado tanto que já tinha lido várias vezes e que os textos do outro livro eram mais difíceis e quase não entendia o que lia. Analisamos o livro e aproveitamos para explicar aos alunos que cada autor tem um estilo próprio de escrever e que o leitor tem o direito de se identificar ou não com a obra, porém não se esquecendo de que é necessário também fazer leituras mais complexas para aguçar a compreensão e enriquecer o vocabulário. Em seguida, lemos alguns trechos do livro e constatamos que realmente constavam as mesmas lendas, porém

com um vocabulário mais acessível, além de várias outras das regiões brasileiras. Naquela aula, os alunos começaram a leitura de mais um livro de narrativas da tradição oral do país.

Figuras 6, 7 e 8 – Leitura do livro *Lendas e Mitos do Brasil*



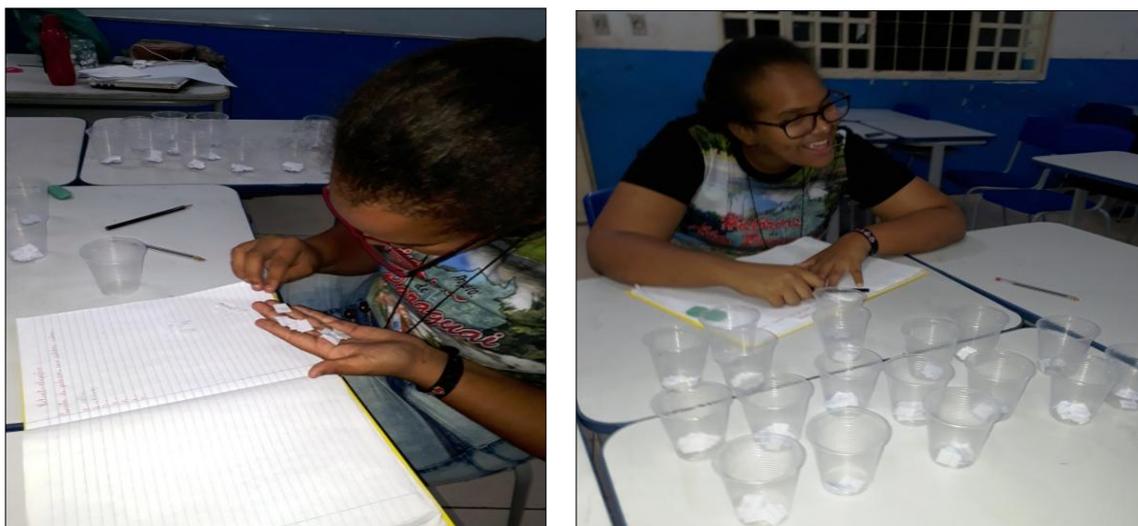
Fonte: Sunair Batista (2018)

No livro havia 54 lendas das cinco regiões brasileiras. Os alunos leram algumas, principalmente as que foram acrescentadas e que não se encontravam na obra de Câmara Cascudo. Percebemos resistência à leitura por parte de vários alunos, durante a leitura das duas obras de lendas, alguns porque tinham muita dificuldade, outros pela falta de interesse e hábito.

Durante as leituras coletivas, tínhamos o cuidado de sempre incentivar os alunos que apresentavam mais dificuldade a ler em voz alta e a perder a timidez. A aluna que ainda estava na fase de soletrar as palavras também lia algumas frases

do livro e era pacientemente ouvida pelos colegas. Apesar de não estar totalmente alfabetizada, a adolescente participava das práticas de letramento ouvindo as histórias lidas, perguntando e questionando. Para que ela desenvolvesse a competência leitora, perguntamos aos pais se permitiam que ela participasse de aulas de leitura extraclasse, eles prontamente concordaram. Assim, atendíamos a aluna no período noturno na escola, ou nos finais de semana em casa.

Figuras 9 e 10 - Aula extraclasse de leitura e alfabetização – leitura com sílabas móveis



Fonte: Sunair Batista (2018)

Na turma do projeto havia também alunos que liam razoavelmente bem, mas não dominavam a escrita, não tinham uma boa coordenação motora e escreviam de forma quase ilegível. Esses alunos também tiveram aulas diferenciadas.

Figura 11 - Aula extraclasse de coordenação motora e escrita



Fonte: Sunair Batista (2018)

Entendemos que o ritmo próprio de aprendizagem dos alunos deve ser respeitado. Vale destacar, no entanto, que aqueles que apresentam mais dificuldade de leitura e de escrita, geralmente são deixados de lado, tornando-se personagens figurantes da sala de aula e dos diários escolares, sem contar com o preconceito e a discriminação que sofrem. No tocante às aulas de literatura, o preconceito é ainda maior, pois é comum quando o professor se dirige ao aluno com o livro, ouvir outro gritar “Ele não sabe ler!” ou “Ele é burro!”. Infelizmente, há professores que dão continuidade à discriminação, deixando o aluno à margem da aprendizagem ao dizer que não é professor alfabetizador e que não é sua obrigação alfabetizá-lo já nos anos finais do ensino fundamental. Afinal, se não é responsabilidade do professor, oportunizar ao aluno a inserção no mundo letrado, de quem seria então? Nesse momento, é necessário que se faça uma reflexão sobre o direito à literatura que todos os alunos deveriam ter.

Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que o direito do próximo. (CÂNDIDO, 2011, p. 174)

Antônio Cândido (2001) em *O direito à literatura* classifica os direitos humanos em bens compressíveis que são aqueles como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas; e em bens incompressíveis que não podem ser negados a ninguém como a saúde, o lazer, a moradia, o alimento, etc. Dentro desses bens, ele acrescenta a literatura como um direito indispensável ao ser humano.

A luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc, e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e por que não, à arte e à literatura. (CÂNDIDO, 2011, p. 176)

Concluimos que todo cidadão tem o direito à literatura e deveria ter acesso às práticas sociais letradas para ser capaz de acompanhar as exigências da sociedade atual, bem como usufruir dos momentos de enlevo que a leitura permite. “Por fim, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” (COSSON, 2012, p. 23)

O trabalho com as lendas foi gratificante, pois despertou momentos de afetividade e cumplicidade entre os alunos e nos permitiu conhecer mais de perto as dificuldades e capacidades de cada um deles, para que adequássemos as próximas atividades às necessidades de intervenção pedagógica considerando o ritmo e a heterogeneidade da turma, permitindo que todos fossem contemplados. Além disso, ao ler as lendas e discutir sobre elas, os alunos aprenderam um pouco sobre a cultura das cinco regiões brasileiras. Como já havíamos feito atividades de escrita sobre a lenda “A loira do banheiro”, decidimos fazer a compreensão dos livros *Lendas Brasileiras para Jovens* e *Lendas e Mitos do Brasil* somente na oralidade. No final das atividades, os alunos estavam eufóricos para pesquisar as lendas de Alto Paraguai.

3.1.2. Memórias literárias

Encerramos as atividades com as lendas e começamos a trabalhar outro gênero de narrativa oral, a memória literária. As memórias, enquanto gênero textual, são narrativas orais muito utilizadas no dia a dia das pessoas, principalmente dos velhos que ainda vivem nas cidades e contam com prazer as experiências vividas, servindo como verdadeiros guardiães das memórias do lugar e como exímios conselheiros dos adultos, crianças e jovens que se dispõem a ouvi-los.

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência, sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de constá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador. (BOSI, 1994, p. 91)

Assim, ao ouvirmos as lembranças de um narrador experimentado por suas vivências, somos conduzidos a momentos de contemplação ao mesmo tempo em que extraímos valiosas lições para a vida.

As memórias são textos de caráter autobiográfico que se utilizam de uma linguagem simples carregada de subjetividade por narrar experiências pessoais. Para que a memória seja um gênero literário, ao retextualizar, utiliza-se de diversos recursos expressivos da linguagem, para narrar e descrever de maneira criativa, as narrativas ouvidas. “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. (BOSI, 1994, p. 88)

Transformar uma memória em texto literário exige esforço, criatividade e entrega ao momento da retextualização, pois quem o escreve revive os fatos narrados e os reconta como se tivesse vivenciado a própria história.

Para iniciarmos as aulas, levamos os alunos ao laboratório de informática para ouvirem o áudio de uma memória literária *Sinais do tempo, marcas de saudade*⁴. Após a audição, chamamos a atenção dos alunos para observarem que a memória é um gênero textual com recursos expressivos, precisão de descrições, enunciado carregado de emoção e subjetividade sempre utilizando a primeira pessoa do discurso, com marcadores temporais e de espaço como “naquele tempo, certo dia, se bem me lembro, ali, naquela cidade”. Em seguida, falamos aos alunos que encontraríamos muitas memórias emocionantes como aquela, quando saíssemos para entrevistar os moradores de Alto Paraguai. Esta memória não foi retextualizada por ser um texto oral já trabalhado e editado em vídeo.

Depois da aula, enviamos para o *watsapp* do grupo, o livro de Fernando Sabino *O menino no espelho* em PDF, junto com uma mensagem explicando que era um livro de memórias e pedindo que eles lessem até a data marcada para socializarmos na sala de aula.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=G2dfgUF8dEE>

Figura 12 – Leitura compartilhada



Livro *O menino no espelho* de Fernando Sabino disponível em: <http://escoladacrianca.com.br/ws/wp-content/uploads/2017/03/fernando-sabino-o-menino-no-espelho.pdf>

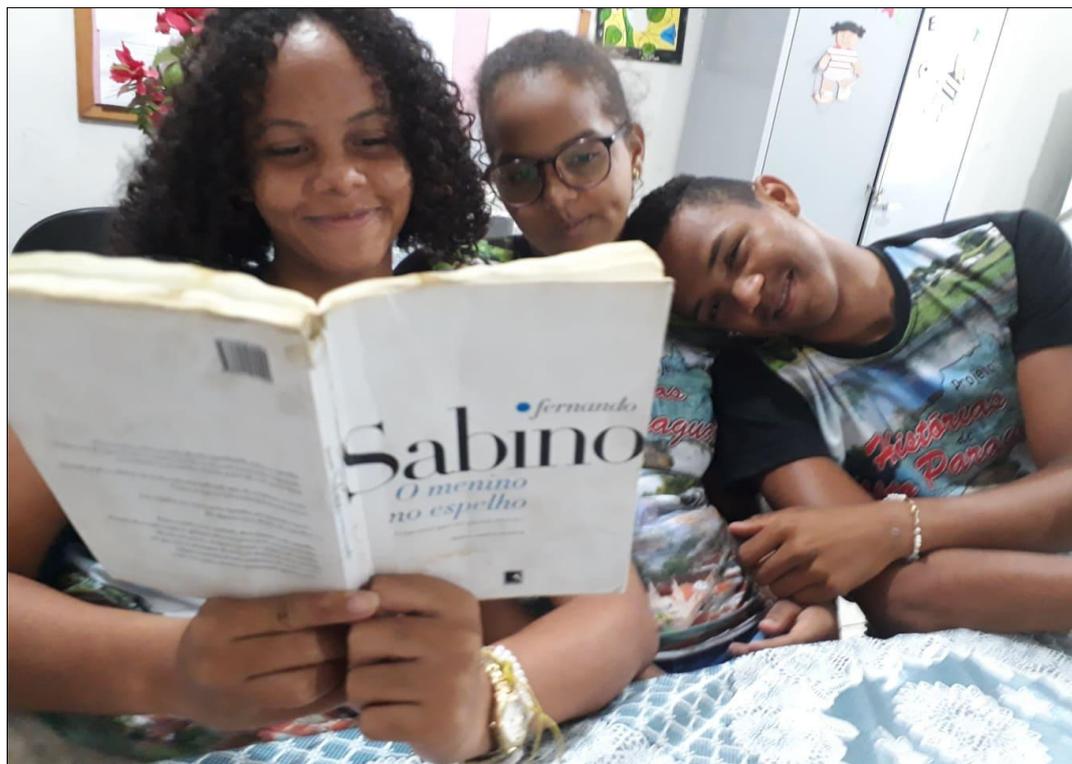
Após o período determinado para leitura da obra em PDF, apresentamos a obra original na sala.

A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. As apreciações críticas presentes nas orelhas ou na contracapa são instrumentos facilitadores de introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação. (COSSON, 2012, p. 60/61)

A versão disponibilizada aos alunos em PDF não continha os elementos paratextuais da obra original, por isso foi de grande valia lê-los na apresentação do livro físico, pois contribuíram para a discussão e interpretação das memórias.

Cada aluno ficou responsável por ler uma memória na sala de aula, mas ainda encontramos um pouco de resistência de alguns, porém a maioria deles leu.

Figura 13 – Leitura do livro *O menino no espelho*



Fonte: Sunair Batista (2018)

Na próxima aula, relembremos coletivamente, o prólogo, cada uma das dez memórias e o epílogo. Alguns alunos que resistiram em ler se sentiram atraídos pelos comentários dos colegas e começaram a participar dizendo que alguns daqueles fatos do livro também aconteceram com eles.

Quando terminamos as atividades orais do livro, partimos para as atividades escritas de leitura literária, também chamada por alguns de análise literária.

A análise literária torna a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos. É só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária. (COSSON, 2012, p. 29)

Seguem as atividades de leitura literária realizadas pelos alunos.

Figuras 14 e 15 - Atividades de leitura da obra *O menino no espelho*

Atividades

1) O autor começa o livro intitulado o prólogo de **O menino e o homem** e o encerra com o epílogo cujo título é **O homem e o menino**. Escreva o que você entendeu sobre ambos os títulos, explicando quem era o homem e quem era o menino.

Fernando Sabino homem

no prólogo ele dizia da vida do menino e como eram suas lembranças de infância e seus divertimentos quando criança. no epílogo ele estava sentado escrevendo seu livro e lembrando de quando era criança.

O menino e o homem eram o Fernando Sabino.

2) Antes de partir, o homem contou o segredo de ser feliz ao menino, resumindo-o em três palavras: **Pense nos outros**. Em sua opinião, quem realmente falou para o menino que ele deveria pensar nos outros para ser feliz?

Sua consciência falou a ele.

(sc)

3) Ao longo das peripécias de infância do menino ele demonstrou **estar pensando** nos outros em algum momento? Relate citando partes das memórias contadas no livro.

Sim. Quando ele libertou os pássaros quando defendeu seus amigos e quando fez um relato para a pomba em sua homenagem e a da galinha que ele salvou para não ser morta.

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figuras 16 e 17 - Atividades de leitura da obra *O menino no espelho*

Refleta sobre a atitude dos animais e escreva sua opinião.

Na minha opinião esses animais também têm sentimentos, a galinha sentiu medo na memória, galinha ao melhor parolo, no prólogo "O menino e o homem" o cachorro feindemburgo estava alegre; na memória "A libertação dos passarinhos" os passaros sobrevoavam o tímulo da rolinha como se estivessem fazendo uma homenagem.

5) Fernando Sabino, na memória *O caniveteinho vermelho*, falou de suas de fantasias de menino e realizou muitos milagres:

Ficou invisível, transformou a caixa de areia em piscina, fez a luz se apagar sozinha, fez a noite amanhecer logo, fez a tarde ficar mais longa, fez aparecer várias galinhas iguais a Fernanda, voou nos cipós com Tarzan e depois o transformou em um paraquedas, ganhou um canivete do mágico Mandrakê, visitou o Sítio do PicaPau Amarelo e conversou com o Visconde, acabou com a lei da gravidade, fazendo tudo girar na Terra e depois voltou ao norma.

O que você faria se tivesse o poder de fazer milagres?

Cuidar o próximo, ter uma casa boa para minha família, comida em abundância, acabar com as drogas, ficar rico, viajar quase toda semana e ter todos os itens que existem de Harry Potter.

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figuras 18 e 19 - Atividades de leitura da obra *O menino no espelho*

6) Sobre a memória *O menino no espelho* leia o fragmento do livro e responda:

Minha aspiração naquela época era esta: encontrar um sósia. (p. 112)

O que você pediria ao seu sósia para fazer por você? Por quê?

Ir para a escola na semana de provas, pois às vezes não estudo, falaria para ele ficar em casa enquanto eu fosse as festas, nos deveres de casa mandaria ele fazer em meu lugar.

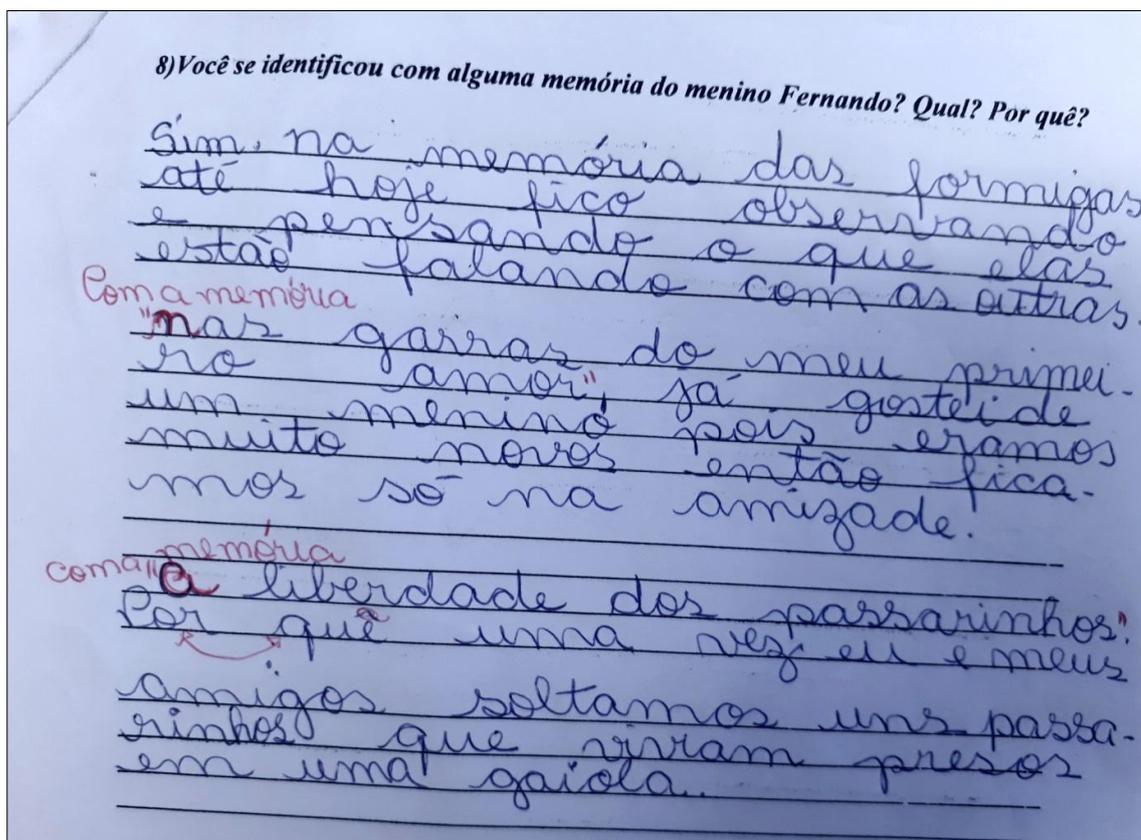
7) Na memória *O valentão da Minha Escola*, Fernando participou de uma briga entre seus colegas Tininho, Dico e o valentão Birica.

Você já presenciou alguma briga na escola? O que você fez?

Sim. Uma vez na escola presenciei uma briga entre dois meninos, tentei separar, porém me dei mal, levando um chute na perna.

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 20 - Atividades de leitura da obra *O menino no espelho*



Fonte: Sunair Batista (2018)

Durante as atividades de leitura, os alunos vivenciaram fatos acontecidos na vida do autor e na maioria das vezes se posicionaram a favor das travessuras do personagem Fernando, justificando-o e contando que aqueles fatos também já aconteceram com eles.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto (COSSON, 2012, p.27)

Ao ler o livro *O menino no espelho*, os alunos entraram no mundo do escritor Fernando Sabino, discutiram sobre as memórias, relacionaram suas fantasias de adolescentes com as da infância do autor, falaram das travessuras que já fizeram ou ainda fazem, semelhantes às aventuras que o escritor contou e refletiram sobre as atitudes dos personagens. Assim, os alunos penetraram nas histórias lidas e

atribuíram sentido à obra, comparando-a com acontecimentos de suas próprias vidas. As aulas de leitura foram proveitosas.

3.1.3. Causos

Outro gênero de texto da oralidade que trabalhamos na sala de aula foi o causo.

Os causos são gêneros textuais orais de tipologia narrativa, sobre qualquer tema, inclusive podem ser mesclados com acontecimentos sobrenaturais. O contador utiliza a criatividade, exagera e acrescenta os fatos, todavia sempre são originados de algo que realmente aconteceu, com personagens, tempo e espaços reais. Durante a contação há sempre a busca de confirmação de que está sendo contado algo que é verdade, por isso são comuns os termos: “Juro por Deus”, “aconteceu comigo”, “aconteceu com fulano em tal lugar”, “foi no dia tal”. Às vezes os causos trazem admiração e perplexidade, mas na maioria das vezes o objetivo do contador é conduzir o ouvinte ao riso.

Hartmann (2004, p.114 e 115) confirma que “trata-se de um episódio vivenciado pelo próprio contador ou ouvido por este. Notoriamente contém o exagero, e estaria entre o fato real e a “mentira” (mas não é exclusivamente “mentira”)”. Oliveira (2012, p. 8) define o gênero causo como uma “narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real”; e que na maioria das vezes visa “despertar o humor do cúmplice leitor, se não sempre sob a forma de uma gargalhada, ao menos na forma de um riso ou sorriso maroto”. (Hartmann, 2004, p.126) afirma ainda que “no início dos causos, nomes de pessoas e locais são estrategicamente assinalados. E nesta busca pela “autenticidade” e pela verossimilhança, os contadores também não perdem a oportunidade de confirmar as informações com outros membros da roda”.

Como exemplos deste gênero, temos os causos com a personagem de Pedro Malasartes. Apesar de ser um personagem fictício, do folclore de muitos países, protagoniza causos acontecidos no dia a dia da comunidade e são apresentados nas obras de vários escritores entre os quais podemos citar:

Pedro Bandeira e sua obra *Malasaventuras Safadezas do Malasartes*; Ana Maria Machado no livro *histórias à brasileira: Pedro Malasartes*; e também a criativa

representação de Malasartes na personagem de João Grilo, na conhecida obra *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna.

Como atividade motivacional de abertura da aula sobre causos, os alunos assistiram a dois vídeos: um caso de Pedro Malasartes narrado pelo poeta Pedro Bandeira ⁵ e o caso do carro de boi narrado pelo Sr. Geraldinho ⁶. Após assistir aos vídeos, conduzimos os alunos a refletir que os causos são textos com teor humorístico, tendo como principal propósito nos conduzir a momentos de deleite e risos. Ao assistir os dois causos, eles perceberam que esse gênero de texto pode ser narrado em primeira pessoa caso o narrador seja também personagem ou em terceira se o contador estiver se relacionando a alguém.

Na aula subsequente os alunos assistiram ao filme *O Auto da Compadecida* lançado no ano 2000⁷. Depois fizemos uma roda de conversa bem produtiva sobre a cultura nordestina retratada no filme e sobre quem seria o personagem protagonista já que a trama destacou papéis relevantes para vários deles, enfim os alunos chegaram à conclusão de que era o personagem João Grilo por representar a miséria e o sofrimento do povo do nordeste.

Em outra aula, apresentamos o livro *Auto da Compadecida*, do autor Ariano Suassuna e explicamos que o filme era uma adaptação da obra escrita. Falamos sobre o autor e sua criatividade de recolher histórias da cultura popular nordestina, região onde nascera, e transformá-las em uma obra escrita tão rica e conhecida pelo povo brasileiro. Explicamos aos alunos que o livro foi escrito na forma de peça de teatro, por isso o uso predominante do discurso direto e que a cidade de Taperoá, onde as cenas do filme foram gravadas, de acordo com a biografia do autor, é o lugar onde ele viveu parte de sua infância. Discutimos também com a turma sobre a linguagem simples utilizada na obra para representar a fala popular.

O seu encanto está nesse ar de ingenuidade que a caracteriza, na singeleza dos recursos empregados, no primarismo do argumento, tudo a nosso ver perfeitamente dentro do espírito popular em que a obra se inspira e que quer manter. A linguagem desabrida não deve

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_HI7q-2tp28

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yxSuEnVP_fo&t=12s

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ki3Ohz8WUk&list=PLRpJ5dHqRUFpiZDEC-iUX>

chocar ninguém. É a dos personagens e do ambiente retratados. (Suassuna, 2004, p.11 – prefácio)

Ainda na discussão sobre o livro, esclarecemos aos alunos que Ariano Suassuna colheu as informações na população nordestina, inclusive os causos contados pelo personagem Chicó e que o autor os adaptou à obra, recriando-os com maestria e arte. Por fim, sugerimos à turma que lesse a obra escrita e descobrisse as adaptações do filme.

Novamente disponibilizamos o livro em PDF no grupo de whatsapp. Vale ressaltar que o uso do celular foi primordial para que as atividades transcorressem dentro do tempo previsto, além de criar um ambiente de amizade entre os participantes do projeto. O aplicativo possibilitou a leitura compartilhada e também foi utilizado para manter o grupo informado, ouvir áudios de narrativas orais, enfim propiciou um trabalho mais dinâmico.

Figura 21 - Leitura compartilhada da obra Auto da Compadecida



Fonte: Sunair Batista (2018)

Em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO, 2012, p. 27)

Pelas mensagens no whatsapp, acreditamos ter conseguido provocar a vontade de ler e podemos afirmar que passar o filme para a turma e depois pedir que lessem a obra escrita foi uma experiência inédita, visto que todos leram com

uma rapidez inesperada. Por incrível que pareça acontecer, no outro dia já havia aluno comentando as diferenças encontradas entre a obra e o filme. Que os personagens não eram os mesmos, que o começo e o fim do livro não eram iguais ao livro e assim por diante. Para que os alunos pudessem refletir e compreender melhor sobre a obra lida, fizemos atividades escritas de leitura sobre a obra para os alunos resolverem em grupo e levamos o livro físico para que lessem na sala de aula, caso precisassem durante as atividades.

Figuras 22 e 23 - Leituras da obra *Auto da Compadecida*



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 24 – Atividade sobre a obra *Auto da Compadecida*

Projeto: Histórias de Alto Paraguai
Análise avaliativa da obra escrita e em filme da obra: *Auto da Compadecida*

Aluno (a) Iguiz Guilherme V. Rodilla grupo: 02 data: 01/10/2018

1) Escreva o que você sabe sobre o autor da obra *Auto da Compadecida*
~~Adriano V. Suassuna foi um autor que ao três anos de idade perdeu seu pai morto por motivos políticos por uma noite mudou com a para Tapera um fogão de Adriano Vilar Suassuna foi dramaturgo, poeta, escritor.~~

2) Você percebeu críticas ou denúncias sociais presentes na obra? Quais?
 O padre que era muito covarente, corrupto, hipócrita e a desigualdade social com João Guilo e Chico que passavam fome em seu tempo, enquanto a chicheva cantava e passava na montanha.

3) Explique o que você entendeu com as palavras do palhaço no final da peça:
 "Espero que todos os presentes aproveitem os ensinamentos desta peça e reformem suas vidas, se bem que eu tenho certeza de que todos os que estão aqui são uns verdadeiros santos, praticantes da virtude, do amor a Deus e ao próximo, sem maldade, sem mesquinhez, incapazes de julgar e de falar mal dos outros, generosos, sem avareza, ótimos patrões, excelentes empregados, sóbrios, castos e paciente." (p. 137)
 Como o palhaço faz papel de um palhaço ele diz essas palavras, na brincadeira, porque ninguém é tão santo para não ter nem um pecado ou para os outros refletir o que acontece na peça e mudar suas atitudes.

4) fale sobre o título da obra: *Auto da Compadecida*
 Auto: refere-se uma peça de teatro cômica, representada por uma história de vida de alguém ou de um povo.

5) O que foi alterado na adaptação da obra para o filme de 2000, em relação aos personagens?
 No filme não aparecem os personagens: padre, varrão, João palhaço e filho do moço. No livro não aparecem os personagens: Fozinha e Nicotina.

6) Relate o início da obra escrita e da adaptação para o filme.
 O livro cômico com o palhaço apresentando os personagens. O filme cômico com Chico e João Guilo, passando um lance de um filme que vive o pai no cinema.

7) Descreva o final da obra escrita e da adaptação para o filme
 No fim da obra: O palhaço fecha a peça dando uma lição de vida para os outros que estavam assistindo. E no fim do filme, ocorre com Fozinha fugindo do seu pai, major Antônio.

8) Relacione os causos que Chico contou no livro com os causos contados no filme. Chico contou seis causos no filme sendo: An pássar, Cavalo preto, Pizarucu, Papagaio padre, Anambração de cachorro e o homem que foi ao céu.
 No livro Chico contou somente três causos: Cavalo preto, Pizarucu e Anambração de cachorro.

9) Quem é o personagem principal da obra? Por quê?
 João Guilo, porque ele representa o meridiano apto e inteligente, sendo que é um moleto, mas valioso.

10) Fale sobre o tema retratado na obra *Auto da Compadecida*.
 Trata do drama vivido pela população meridiana, que sofre pelo medo, fome e miséria. O tema da peça caracteriza os meridianos que estão sendo oprimidos pelos poderosos coloniais e as autoridades religiosas.

11) Reflita sobre a obra "*Auto da Compadecida*" e sua relação com o "Projeto Histórias de Alto Paraguai" que estamos trabalhando.
 O mesmo tema que o autor Adriano Suassuna trabalhou nos anos da cultura de Nordeste e Pólo Cultural do Nordeste. Nos projetos Histórias de Alto Paraguai também trabalhamos essa cultura e colhamos os frutos dos moradores.

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 25 – Atividade sobre a obra *Auto da Compadecida*

Leitura do livro "Auto da Compadecida"

Atividades

Alunos (as) Michael de Jesus Santos grupo 1

1) Marque (V) para verdadeiro e (F) para falso: Sobre a obra *Auto da Compadecida*

A (V) O personagem de João representa o povo oprimido que tenta sobreviver no sertão, utilizando a única arma do pobre: a inteligência. ✓

B (V) A peça trata, de maneira leve e com humor, do drama vivido pelo povo nordestino: acuado pela seca, atormentado pelo medo da fome e em constante luta contra a miséria. ✓

C (V) Traça o perfil dos sertanejos nordestinos que estão submetidos à opressão e subjugados por famílias de poderosos coronéis donos de terra. ✓

D (V) Um dos objetivos do autor é mostrar, durante o julgamento, que o homem do sertão nordestino deve ser perdoado, de seus pecados, por experimentar inúmeras dificuldades, tanto de ordem climática, quanto social. O sofrimento passado em vida já é capaz, por si só, de absolver todos os pecados, consequências de seu cotidiano exigente e de sua luta por sobreviver. ✓

E (V) A obra demonstra a cultura nordestina representada por meio do vestuário, do sotaque, da contação de causos, do cangaço, da religiosidade e do local onde ocorreram os fatos. ✓

2) Com base na obra escrita, atribua o nome dos personagens às características descritas:

A) Bispo Padre e Sacristão
corruptos, utilizam-se da autoridade religiosa para enriquecerem. ✓

B) O falatório atua como um apresentador, entrando e saindo da trama e conversando com o público. ✓

C) O padeiro homem avarento, (pão duro, miserável) dono da padaria de Taperoá. Explora seus empregados e tem acordos com as autoridades da Igreja. ✓

D) João Grilo personagem pobre e franzino, que usa de sua infinita astúcia para garantir a sobrevivência, conhecido como amarelo safado. ✓

E) Demônio ajudante do Diabo, parece disposto a condenar todos os personagens mortos no final do segundo ato. ✓

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 26 – Atividades sobre a obra *Auto da Compadecida*

F) O Encourado segundo uma crença nordestina, o diabo utiliza roupas de couro e veste-se como um boiadeiro, por isso recebeu esse nome. c

G) A Compadecida pode ser considerada como uma heroína e advogada de João Grilo e de seus conterrâneos. c

H) Padre Graça bom sacerdote, serve para zelar do nome da Igreja e defendê-la das críticas. c

I) Majors Antônio Heras soberbo, ignorante e autoritário, que usa seu poder para amedrontar os mais pobres. c

J) Emanuel o juiz do povo, julgando sempre com sabedoria e imparcialidade, mas tem o dom da misericórdia. c

K) Mulher do padre mulher adúltera que se diz santa. Gosta de animais e é interesseira. Assim como o marido, é muito avarenta. c

L) Chicó contador de causos, o mentiroso ingênuo que cria histórias apenas para satisfazer um desejo inventivo. Metido a valente e conquistador. Melhor amigo do conhecido amarelo safado. c

M) Cangaceiro é um capanga. Sua função é matar. c

N) Delúcio poderoso cangaceiro que encontrou no crime, uma forma de sobrevivência e de vingança pela morte de seus pais. c

3) No filme *O auto da Compadecida*, versão de 2.000, foram acrescentados alguns personagens que não aparecem na obra escrita. Quais os nomes deles e que papel desempenharam?

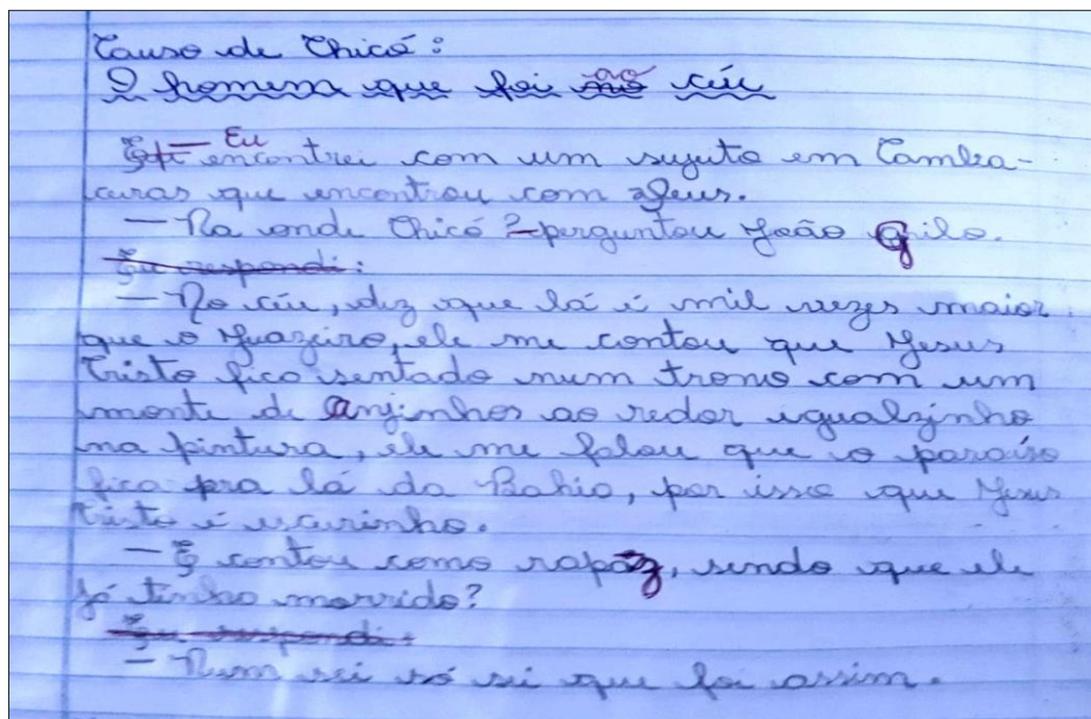
Resposta: Silha de Majors Antônio Heras

Calvo detenta: o policial da cidade c

Vicente: um homem solitário que era amante da mulher do padre.

Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 27 - Retextualização em grupo - caso de Chicó – Filme O Auto da Compadecida



Fonte: Sunair Batista (2018)

Os alunos retextualizaram, em grupo, um dos causos de Chicó, personagem da obra lida. Depois corrigimos a retextualização coletivamente no quadro.

As atividades de compreensão escrita da obra despertaram o senso crítico dos alunos que discutiram sobre os temas retratados e despertaram o gosto pela leitura, tendo em vista que para ler esta obra já não houve resistência e todos os alunos leram com interesse.

Ler de forma compartilhada no aplicativo foi muito interessante por permitir que os alunos interagissem entre si e provocassem uns aos outros a terminar de ler o livro.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143)

A leitura no grupo de *watsapp* proporcionou aos alunos, a experiência de socializar o que leram de uma forma natural, espontânea e despreendida da

obrigatoriedade da sala de aula, onde é comum ouvir perguntas tradicionais como “O que você entendeu?”. Na sala de aula, comentavam sobre os livros antes mesmo de serem questionados, disputavam quem seria o primeiro a terminar a leitura e falavam em que página já estavam.

Assim, compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e a avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (COLOMER, 2007, p. 147.)

Diante do exposto, os alunos tiveram oportunidade não só de experienciar a leitura individual de obras integrais, como também de compartilhá-la com a comunidade leitora formada durante o projeto, contribuindo e recebendo contribuições para a construção do sentido das obras lidas.

As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2012, p. 47)

A constatação de que os alunos têm capacidade de ler e compreender obras literárias e que, se instigados, conseguem ler integralmente um livro, fez-nos refletir sobre a responsabilidade e função dos professores em valorizar o espaço da escola para formar leitores competentes e sobre nossa obrigação de criar estratégias em aulas dinâmicas que estimulem o aluno a gostar e valorizar a leitura.

Encerramos as atividades com grande expectativa dos alunos em encontrar contadores de causos pela cidade de Alto Paraguai, quando saíssemos para as entrevistas. Concluímos essa primeira etapa e partimos para a próxima que foi a coleta de narrativas orais da cidade por meio de entrevistas semiestruturadas.

É relevante destacar as dificuldades que enfrentamos ao trabalhar com as obras literárias na tentativa de desenvolver atividades que realmente contribuíssem com o processo de letramento literário dos educandos, tendo em vista que os autores estudados nesta pesquisa destacam a importância de se trabalhar a função humanizadora da literatura, bem como a beleza do texto literário e a possibilidade de

desenvolver nos alunos, tanto a necessidade quanto o gosto pela leitura. Devido ao hábito de priorizarmos, em nossas aulas de leitura, a estrutura e não a essência do texto, enfrentamos o grande desafio de aprender a ensinar literatura, de mudar a prática docente e explorar realmente as possibilidades de aprendizado que a literatura oferece. Por isso, algumas atividades relativas às obras lidas foram feitas após o término das leituras, outras porém, foram retomadas no final do projeto por refletirmos durante os estudos da pesquisa, que poderíamos aprimorar as atividades e explorar melhor as obras lidas com os alunos.

3.2. Segunda etapa: Entrevista e coleta de narrativas orais

Antes de entrevistarmos os moradores da cidade, elaboramos um questionário para a entrevista semiestruturada, com algumas perguntas básicas sobre o surgimento da cidade e distribuimos para os alunos. Em seguida, começamos pelos que moravam mais próximos da escola. Os alunos também entrevistaram seus pais, avós e vizinhos. Para coletar as narrativas, gravamos vídeos e áudios e tiramos fotos com o celular.

Figura 28 - Senhor Juca – primeiro morador entrevistado



Fonte: Sunair Batista (2018)

O primeiro dia de entrevista foi muito produtivo e os alunos participaram com muito ânimo. Os dois primeiros moradores visitados contaram memórias do tempo da juventude na cidade de Alto Paraguai.

Nas entrevistas que se seguiram, às vezes, dividíamos os alunos em grupos para que pudessem participar, às vezes levávamos todos eles, outras vezes,

dependendo da distância, do assunto, ou de quem seria entrevistado, íamos sem a turma e ainda convidamos alguns dos moradores para ser entrevistados na sala de aula. Assim, entrevistamos os moradores da cidade, durante três meses.

Durante as visitas nas casas, constatamos os dados do questionário socioeconômico ao comprovarmos, enquanto ouvíamos as narrativas, que a grande maioria dos entrevistados conheciam alguma lenda sobre a cidade e são garimpeiros idosos que nasceram e cresceram junto com a história de Alto Paraguai.

Eles nos contavam suas lembranças do passado com nostalgia e descrição detalhada, levando-nos a imaginar as cenas dos acontecimentos, os tempos de prosperidade econômica e relatavam sobre o gasto descontrolado do dinheiro adquirido com a venda dos diamantes, resultando na carente sociedade atual demonstrada nos gráficos do questionário socioeconômico.

Apesar dos momentos tristes em alguns relatos sobre a história da cidade, os idosos demonstravam satisfação em participar das entrevistas como se relatar as histórias do lugar fosse uma responsabilidade e uma obrigação como a autora Bosi (1994,) já havia observado. Conforme as narrativas que ouvimos, a cidade de Alto Paraguai construiu toda sua história baseada na extração de ouro e diamantes, assim das pedras brilhantes e do metal dourado se originaram inesquecíveis histórias.

Eis algumas fotos apenas para demonstração das atividades de coleta das narrativas orais.

Figuras 29 e 30 - Senhor Otávio – Contador de lendas



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 31 - Dona Davina – contadora de memórias



Fonte: Sunair Batista (2018)

Essas fotos retratam alguns dos moradores de Alto Paraguai que contaram uma grande variedade de narrativas.

Começávamos as conversas com as perguntas da entrevista e em seguida os idosos protagonizavam o momento, narrando com admirável interesse as lembranças que estavam guardadas em suas memórias.

Deixávamos que eles contassem com liberdade e sem muita interrupção. Os idosos por várias vezes choravam e emocionavam a todos nós que tínhamos de controlar os sentimentos para continuar ouvindo e registrando memórias pessoais sobre a família, filhos, entes queridos que não existem mais, sobre amigos que foram mortos injustamente, pessoas que lutaram em prol da cidade, sobre a fartura do passado em contraste com a miséria em que vive a cidade atualmente e outros acontecimentos que deixaram profundas marcas.

Abaixo exemplificamos com fragmentos da memória sobre o primeiro médico de Alto Paraguai, Dr. Marzavão de Siqueira, contada por sua esposa, Dona Santinha:

Figura 32 - Dona Santinha – memórias do esposo “Dr. Marzavão de Siqueira”



Fonte: Sunair Batista (2018)

A maior alegria de meu esposo era atender à população. Sendo o único médico da região, consultava pessoas de Alto Paraguai, Diamantino e das outras cidades vizinhas. Atendia no posto de saúde, no consultório que ele fez em nossa casa, nos garimpos, nos sítios, nas fazendas e passava receita até no meio da rua se precisasse. Quando fazia consulta particular em seu consultório, muitas vezes devolvia o dinheiro para o doente. As pessoas que precisavam de seus serviços médicos eram de todas as idades. Com amor e dedicação ele atendia em qualquer horário que fosse chamado, à noite, nas madrugadas e durante o dia. Ia a pé, a cavalo ou de bicicleta. Meu marido não tinha carro, aliás, ninguém tinha; naquela época, o único carro que existia na cidade era um jipe.

No ano 1993, meu esposo estava atendendo no posto de saúde, quando sofreu um AVC...

Uma certa vez, Marza caiu da cadeira pertinho de mim e quebrou o fêmur. Eu estava fazendo um bolo para ele. Fomos para o hospital, ele passou por uma cirurgia e ficamos internados por oitenta dias no Hospital Jardim Cuiabá. Depois foi definhando, entrou em coma e faleceu no dia 08/06/2003 aos 76 anos de idade.

Quinze anos se passaram. Hoje continuo morando aqui em Alto Paraguai, minhas raízes estão aqui. Não sou uma senhora triste. Sou feliz por ter vivido um verdadeiro amor.

(Fragmentos de memória da Dona Santinha – esposa do primeiro médico de Alto Paraguai: Dr. Marzavão de Siqueira.)

Essa memória, como várias outras, prendeu a atenção dos alunos que ouviam emocionados. Ouvindo essa narrativa conhecemos a história do primeiro

médico de Alto Paraguai, quando foi inaugurado o primeiro hospital, como eram os métodos contraceptivos, etc.

Ouvimos também muitas memórias alegres como o fragmento a seguir:

Lembro-me que numa tarde choveu muito e quando acabou a chuva, nós vimos umas crianças na rua, procurando alguma coisa no chão e como nós éramos recém-chegados, ficamos observando e vimos que eles catavam umas coisinhas amarelas, aproximamos e começamos a pegar aquelas coisinhas amareliinnnhaaas. Eram pozinhos de ouro ou pequeninas pepitas. Nossa, como nos divertimos aquele dia. Toda vez que chovia, saíamos como uma vaca louca à procura daqueles grãosinhos de ouro que a floravam do solo. (Maria de Fátima Machado – professora aposentada)

Assim, registramos memórias com os mais diversos assuntos sobre a vida das pessoas e a trajetória da cidade.

Quando os idosos contavam alguma história que começou com fatos reais e se misturou com elementos misteriosos ou sobrenaturais, sempre tinham o cuidado de alertar: “não é lenda não, é verdade, aconteceu comigo”. Abaixo alguns fragmentos narrados pelos moradores:

Eu já ouvi o barulho da carroça da meia noite, ela passava na Rua Santos Dumont indo para o cemitério. O barulho era de carroça vazia, cra, cra, cra, cra. É porque quando mataram o garimpeiro, levaram o corpo na carroça. Muita gente já viu a carroça da meia noite passar, eu nunca vi, mas ouvi muitas vezes. (Sr. Eri)

Diz que quando matar o garimpeiro deixaro o corpo na carroça, aí os cahorro cumero seu bofe, seu fígado, aí ele começou a aparecer (Sr. Gamela)

As figueiras são árvores assombradas, aqui em Alto Paraguai tem muitas. Eu já ouvi o choro de um bebê debaixo do pé de figueira que tem lá perto da oficina. Diz que uma moça abortou uma criança e enterrou lá. Sempre tem “livusia” debaixo dos pé de figueira aqui em Alto Paraguai. (Sra. Claudete)

A figueira, num sei... tem um mistério...acho que é as alma que fica lá pagando penitência. As alma penada. Quando uma criança chora é porque a mãe abortou e enterrou o bebê pagão. Tem que batizar pra parar de chorar. (Sr. Eliseu)

O mais interessante é que todas as narrativas eram carregadas de elementos culturais pertencentes à cidade como as crendices, os hábitos, a religiosidade, o

vocabulário, etc. Em cada história ouvida colhíamos novas informações sobre a cidade e tirávamos lições que servirão para a vida toda.

No decurso do projeto encontramos moradores que nos fizeram rir e encantar, os contadores de causos. Entre eles conhecemos a Dona Vada. Uma senhora de 85 anos que conquistou a atenção, admiração e carinho dos alunos, devido à sua simpatia e a vocação de fazer as pessoas rirem. Nas entrevistas, ela esbanjava saúde e vigor. Muito simpática, com os cabelos brancos como algodão e roupas estampadas, contagiava a todos com muita alegria e ânimo. Começamos a entrevistá-la 17:30 horas e pedimos licença para sairmos às 20:30 horas porque ela não parava de contar causos, além de recitar alguns poemas e cantar algumas “modas” da época enquanto gravávamos tudo.

Figuras 33 e 34 - Dona Vada – contadora de causos



Fonte: Sunair Batista (2018)

Abaixo, apresentaremos um dos causos contados por Dona Vada.

O candidato

O candidato tava falando que se ele ganhar nós não vamo ver mais corrupção, não vamo ver violência, nem vamo ver robalheira do dinheiro público.

_ Vixi! Será que ele vai furar nosso zói?

(Causo de dona Vada)

Escutar os causos da dona Vada foram momentos surpreendentes, agradáveis e de aprendizado.

Ouvir os velhos em geral foi uma experiência que despertou nos alunos diversos sentimentos, reflexão e aprendizado. Alguns choraram simplesmente pela emoção, outros ficaram indignados e perplexos com os relatos. Percebemos que as atitudes, o sotaque, o vocabulário, as expressões caracteristicamente locais, as crenças, a religiosidade, enfim os mais diversos elementos culturais se fazem presentes na memória coletiva e são verbalizados pela fala experiente dos idosos. A essa herança cultural aglutinam-se as práticas atuais das crianças, jovens e adultos que perpetuam os valores e ressignificam a realidade, sempre guiados pelas raízes nas quais a comunidade está arraigada.

Os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito – é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas... A função social do velho é lembrar e aconselhar – memini, moneo – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. (BOSI, 1994, p. 18)

Assim, os alunos ouviram atentamente as memórias, lendas e causos pela cidade afora, todas as histórias baseadas em algo que aconteceu com alguém que viveu ali. Algumas narrativas que retratavam fatos alegres, outros tristes, alguns que geravam polêmica ao misturarem acontecimentos reais com ficção, outros que os conduziam ao humor.

Os idosos recordavam sobre o surgimento da cidade em torno da extração de ouro e diamante, lembravam-se da rua do cabaré relacionada à intensa

movimentação dos lucros adquiridos no garimpo e aos assassinatos, falavam de epidemias de malária que dizimaram famílias, das casas de barrote cobertas de palha, da rigidez da escola com o uso de palmatórias, dos primeiros carros, do primeiro médico, dos primeiros comércios, do primeiro ônibus. Contavam também sobre os namoros tradicionais, o cinema com filmes em preto e branco, a divisão da cidade em classes sociais, o clube dos pobres e o clube dos ricos; as enxurradas que deixavam pó de ouro na areia.

Enfim, as lembranças eram evocadas com base nos metais preciosos abundantes na época, em uma pessoa que marcou a cidade, um acontecimento muito feliz ou trágico ocorrido com a família, uma rua mais movimentada, uma área de lazer, em um quadro ou até em um objeto antigo ainda preservado em algum canto da casa. E conforme íamos fazendo as perguntas, as lembranças afloravam. Às vezes chegava um idoso vizinho, um parente, ou um amigo e participava das conversas, quando isso acontecia, as memórias se complementavam e fluíam com mais naturalidade, um falava sobre alguma coisa que provocava o outro a lembrar de algo que ainda não havia contado e de casa em casa, íamos reconstruindo a história da cidade.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam (BOSI, 1994, p. 54/55).

“Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Elas entretêm a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo”. (BOSI, 1994, p. 411). Todas as narrativas orais que os moradores contaram foram evocadas por meio de algum elemento concreto que faziam emergir lembranças de um passado longínquo e repassadas para nós pela linguagem oral.

Nas entrevistas ouvimos muitas histórias repetidas, porém cada um acrescentava uma informação ou suprimia outra, como na narrativa da “Carroça da meia noite”.

Entrevistador: Por que a carroça da meia noite parou de passar?

Entrevistado 1: Porque o espírito do garimpeiro queria que pagasse o crime dele. Aí os três que ajudou matar foi aparecendo morto. Até que morreu o último. Aí o espírito sentiu vingado e a carroça parou de passar.

Entrevistado 2: Porque o garimpeiro tinha promessa pra pagar. Ele carroceava pagando. Aí o espírito passava. Quando pagou tudo a carroça parou de passar.

Entrevistado 3: Óia, essa carroça começou a passar na década de 60, quando aconteceu o crime. Eu nunca vi, mas ouvi ela passando fazendo barulho. Agora não passa mais, não sei porque.

Resolvemos selecionar a versão um para transcrever porque foi a mais contada pelos entrevistados. O registro por meio dos recursos eletrônicos foi essencial para depois ouvirmos junto com os alunos e reconstruirmos as narrativas, retextualizando-as em um único texto. Bosi(1994) explica essas ocorrências dizendo que “para localizar uma lembrança, não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado”. (p. 413)

Algo que não prevíamos e aconteceu durante as entrevistas foi a recitação de poemas narrativos. Encontramos idosos de 60 a 85 anos de idade que recitaram poesias sobre o garimpo, sobre a história da cidade e até sobre os assentamentos de terra. Um senhor de 76 anos recitou um poema narrativo de 31 estrofes e 195 versos de sua autoria, escrito no ano 1979. A narrativa conta sobre o sofrimento das famílias altoparaguaienses que, na tentativa de conseguir um pedaço de terra para morar e plantar, acabavam sofrendo todo tipo de injustiça pelas mãos dos fazendeiros, militares e até mesmo dos sindicatos dos posseiros que se diziam defensores da classe. O título do poema é *Desabafo de um posseiro*. Apresentaremos apenas alguns versos para apreciação:

Desabafo de um posseiro

Este vasto município
Já foi grande produtor
De arroz, milho e feijão
E tudo que se plantou
Porém chegou o dia
Que tudo isso acabou.

Aqui quem tem razão
São somente os fazendeiros
Amedrontam e ameaçam
Os infelizes posseiros
Porque eles nada têm
E quem manda é o dinheiro.

Leitor eu quero dizer
Que tudo isso é verídico
Isso porque muitas coisas
Sem coragem simplifico
Porque se for narrar tudo
Até sem cabeça eu fico.

Os altoparaguaienses sofrem
Essa triste consequência
Que vem judiando dos pobres
E já se tornou doença
O jeito é apelarmos
Pela Divina Providência.

(3ª, 7ª, 27ª e última estrofes - Raimundo Sales – Seu Dico – 1979)

Outro poema que encontramos foi um cordel de 37 estrofes e 222 versos, declamados por uma professora aposentada, de autoria dela e de seus alunos, com o título *Vida obscura dos garimpeiros*:

Vida Obscura dos garimpeiros

Leitores esperem um momento
E prestem muita atenção
Vamos contar uma história
Toda cheia de emoção
De uma pequena cidade
Com um grande coração

Alto Paraguai é situada
No estado de Mato Grosso
Cidade muito pequena
Com crescimento vagaroso
De gente simples e honesta
Com o coração grandioso

Os garimpeiros aqui chegaram
A pé, de carroça e caminhão
As terras não tinham dono
Chegavam e faziam seu barracão
Quebravam o cascalho
Com uma picareta na mão

No começo da semana
Os serviços começavam
A procura dos diamantes
Que com certeza pegavam
Até banho nos cavalos
De cerveja eles davam

Para a chave da memória
Não existe cadeado
Voltando para o passado
O garimpeiro é lembrado
Forte, bravo, destemido
E nunca discriminado.

(1ª, 2ª, 8ª, 22ª e 36ª estrofes - Professora Aparecida Amorim – 2007)

Esses são apenas dois dos poemas que foram coletados na comunidade. Os moradores demonstravam muita simpatia e vontade de participar do resgate da cultura da cidade. Cada um queria dispor do que tinha na memória para colaborar com a pesquisa. Mesmo preocupados com o pouco tempo para desenvolver inúmeras atividades relacionadas ao projeto, ouvimos tudo o que os moradores tinham para apresentar.

O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos. (BOSI, 1994, p. 82)

Foi encontrando neste projeto de pesquisa, uma ocasião para que os velhos da cidade demonstrassem suas competências aos nossos ouvidos atentos que captavam as histórias e mensagens transmitidas pela voz da experiência.

Prosseguindo com as entrevistas encontramos ainda outro gênero da oralidade sobre Alto Paraguai: a música.

Como o principal objetivo era coletar textos orais predominantemente narrativos, tivemos um súbito momento de dúvida se deveríamos dedicar tempo a ouvir ou não os cantores da cidade. Depois decidimos que sim, os ouviríamos por dois motivos: primeiro porque, ainda que nas músicas predominasse a descrição, deduzimos que as letras seriam carregadas de elementos culturais e um dos objetivos do projeto era o resgate da cultura de Alto Paraguai. Depois, devido à boa vontade dos moradores que não mediram esforços em demonstrar seus conhecimentos do lugar onde vivem.

Dois dos compositores entrevistados marcaram um dia para cantar na sala e animar uma tarde de nossas aulas.

Figura 35 – Oneíldo Pondé e Gelso Francisco



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 36 – Senhor Rodriguinho (sentado na cadeira) – Cantor da dupla Rodrigo e Rodriguinho - década de 70.



Fonte: Sunair Batista (2018)

Coletamos cinco músicas que retratam a cidade e selecionamos uma como exemplo. Com o título de *Alto Paraguai*, esta é a mais antiga, composta em 1971.

Alto Paraguai

Refrão

**Alto Paraguai, Alto Paraguai
Garimpeiro no garimpo, garimpendo sempre vai
Alto Paraguai, Alto Paraguai
Brasileiro pra lá indo, vai gostando e nunca sai.**

Vamos garimpar, garimpeiro
Vamos catrear, companheiro
Vamos trabalhar, bem ligeiro
Vamos bamburrar.

Catreando Grupiara ele fura
Sobe escada com o seu carumbé
Garimpeiro tem vida tão dura
Mas trocar de vida garimpeiro não quer

Garimpeiro lavando cascalho
Lutando na vida, depende da sorte
Bom Jesus lhe proteja o trabalho
Pois Alto Paraguai é a Rainha do Norte.

(Maria Egito Maranhão – “Professora Gitinha” - 1971)

Esta música é apresentada por alunos e professores na maioria dos eventos que acontecem nas escolas municipais e estaduais da cidade e é considerada pela população como o hino oficial de Alto Paraguai, embora ainda não exista um documento ou projeto que a classifique como tal.

Encerramos as entrevistas e fomos para a próxima etapa do projeto: levar os alunos para conhecer os pontos históricos e os chamados lugares encantados da cidade, onde, de acordo com os moradores, aconteceram coisas extraordinárias.

3.3. Terceira etapa: Conhecendo os locais onde ocorreram os fatos das narrativas orais.

3.3.1. Visita aos arredores do município

Convidamos a professora Alcione Modesto para nos acompanhar aos lugares que marcaram a história da cidade. Foi uma experiência indescritível para todos os participantes do projeto. Intitulamos-nos “caçadores de lendas” e tivemos a oportunidade de conhecer lugares inusitados do município, onde ocorreram fatos reais, porém que originaram histórias repletas de elementos sobrenaturais.

Figura 37 - Excursão para conhecer os arredores do município



Fonte: Sunair Batista (2018)

No decorrer do passeio, visitamos lugares do município que embora fossem próximos à cidade ainda não conhecíamos.

Figura 38 - Fazenda Encantada - em busca da Lagoa da Princesa



Fonte: Sunair Batista (2018)

Como os alunos já haviam ouvido lendas sobre aqueles locais, analisavam ansiosos buscando alguma prova do que ouviram. Na Lagoa da princesa, por exemplo, cuja história contada pelos moradores diz que tudo o que é jogado lá dentro, no outro dia é lançado novamente para fora pela princesa que cuida da preservação da lagoa, um dos alunos jogou duas moedas de 0,50 centavos para ver se alguém as encontraria na margem.

Convidamos uma geógrafa para nos ajudar a orientar os alunos e passar conhecimentos sobre o espaço geográfico, a professora Gláucia Simone de Souza Camargo. Ela explicou sobre nascente, o que é uma vazante, o que são afluentes e que na Lagoa da princesa nasce o Rio Paraguai que banha a cidade. A professora disse que antigamente eram sete lagoas; agora, devido ao desmatamento, quatro já secaram, restando apenas três. Uma delas é a Lagoa da Princesa cujas águas são profundas e azuladas e dizem que ninguém conseguiu, até hoje, calcular a profundidade. Quando chegamos ali, o vento balançava constantemente as árvores, tucanos, araras e outros pássaros sobrevoavam o espaço; altas palmeiras rodeavam a lagoa, as águas se movimentavam suavemente produzindo um som muito agradável aos nossos ouvidos.

Há paisagens sonoras selvagens, das florestas, e tranquilas, das cidadezinhas onde os sons estão sujeitos aos ciclos naturais de atividade e repouso de seus produtores. Insetos, animais e aves têm seu ritmo diário, sazonal: o violoncelo das rãs no tempo chuvoso, o grito da saracura, o pio estridente dos pássaros que no início da primavera aprendem a cantar. O vento nas ramadas, o murmúrio das águas são fontes constantes de informação. (BOSI, 1994, p. 445)

A beleza extraordinária, a brisa e o som da natureza faziam-nos lembrar das narrativas contadas pelos velhos.

Figura 39 - Lagoa da Princesa – Local de origem de algumas lendas de Alto Paraguai



Fonte: Sunair Batista (2018)

Diante daquele cenário natural, perguntamos se algum dos alunos gostaria de recontar uma das lendas ouvidas sobre essa exuberante lagoa e um deles prontamente aceitou. Pedimos silêncio aos demais alunos e aos nossos acompanhantes: pais, avós e professores para ouvirmos a história que para alguns idosos é lenda, para outros, porém, é verdade porque dizem ter visto a princesa sentada na margem, com as pernas cheias de escamas.

Teve gente que chegou de ve essa princesa. Diz que era uma moça muito bonita, grandona. Ela saía, margulhava e vortava de novo pra dentro da água. Saía e fundava de novo. As perna dela era tipo escama de peixe. As pessoa jogava osso, plástico, qualquer trem e a princesa tirava. Depois com essas disbravação a princesa sumiu...a lagoa secou um muncado, abriro pra plantar soja, abriro os trenheira pra lavoura... muito movimento de gente.. a lagoa tá lá pra todo mundo ver... bonita ainda, muita água, parece um mar de lindo, água limpinha, cristalina mêmô. (Senhor Otávio)

Figura 40 - Recontação de lendas à beira da Lagoa da Princesa – aluno Mickael Santos



Fonte: Sunair Batista (2018)

Outro local onde os alunos foram levados foi ao Córrego do Gatinho. De acordo com os idosos da cidade, às margens desse córrego, dois garimpeiros vindos do nordeste fizeram suas barracas e encontraram as primeiras pedras de diamante, no ano 1938. Eles contam que ali aparecia um filhote de onça procurando restos de comida, por isso o lugar foi nomeado de Gatinho, sendo o nome da cidade até o ano de 1953, quando o município foi emancipado, recebendo o nome de Alto Paraguai, devido à nascente do Rio Paraguai, no alto da serra, na Lagoa da Princesa. À beira do córrego, falamos sobre a história da cidade, os primeiros moradores, as primeiras casas.

Figura 41 – Córrego do Gatinho, no Bairro Fazenda Velha, onde começou a cidade de Alto Paraguai, em 1938.



Fonte: Sunair Batista (2018)

O “corguinho”, ainda sem nome nos primeiros dias, foi batizado de “Gatinho” por causa de um filhote de gato maracajá que um garimpeiro pegou bebendo água. Gatinho ficou sendo o nome do corguinho, passou a ser o nome do Garimpo e depois da corrutela. Só quando ela se emancipou de Diamantino, vinte anos depois, teve seu nome mudado para Alto Paraguai, que Gatinho não era nome de cidade. Mas até hoje os garimpeiros mais velhos a denominam como Gatinho. (BARROZO, 2007, p. 76)

Atualmente, o Córrego do Gatinho encontra-se quase seco, suas águas estão sujas devido ao lixo que as pessoas jogam e há poucas árvores em suas margens. Os alunos observaram e comentaram sobre o mau comportamento do ser humano.

No percurso da excursão, também visitamos locais onde ocorreram mortes e originaram lendas. Os moradores mais idosos nos contaram histórias de assassinatos e que depois, segundo alguns deles, as pessoas começaram a receber dádivas do espírito da vítima que por ser uma pessoa de bem e por ter morrido injustamente, começou a abençoar aqueles que lhe rogavam.

Figura 42 - Sr. Cirilo de 91 anos de idade – memórias de um crime bárbaro



Fonte: Sunair Batista (2018)

O senhor Cirilo, de noventa e um anos de idade nos contou como foi a morte de um jovem por nome de Pedro Telles de Menezes e depois fomos conhecer o local do acontecimento.

“Seguimos os rastros, naquela estradinha. Numa certa altura do caminho, meu amigo queria desistir e eu insistia, avançando, com muita certeza de que estava na pista certa. Ele estava um pouco distante de mim quando avistei o corpo do Teles. Gritei: Achei, achei” (Sr. Cirilo Ferreira Nobre)

Conforme o senhor Cirilo, “esse fato aconteceu na década de 50, a cidade ficou abalada e mais de quinhentos garimpeiros se reuniram na Praça da Matriz, pedindo que a justiça fosse feita. O povo continuou por várias semanas alvoroçados, até que um dos assassinos confessou o crime e denunciou os demais que totalizavam sete. Todos foram presos e enviados para um presídio em outra cidade. Depois disso, ninguém nunca mais ouviu falar sobre eles.”

Ele disse que a árvore onde seu amigo foi amarrado e torturado até a morte ainda existia e se chamava lixeira, então resolvemos procurá-la junto com os alunos. Essa árvore é denominada de lixeira, porque suas folhas funcionam como uma lixa.

Figura 43 - Em busca do local de origem da lenda “A cruz milagrosa”
Professora Alcione Modesto (à frente) acompanhando-nos na excursão



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 44 - Bairro Fazenda Velha – local de origem da lenda “A cruz milagrosa”
Sítio do Sr. Adão Fausto (de pé no canto direito)



Fonte: Sunair Batista (2018)

A árvore localiza-se no sítio do Sr. Adão Fausto de Oliveira, no Bairro Fazenda Velha. Ali fincaram uma alta cruz de madeira. Ele nos contou que desde que era bem pequeno, seus pais o levavam até a cruz que fica ao pé da árvore, para banhá-la de perfume e pedir milagres, como a chuva na época da seca e para encontrar animais desaparecidos. Os pedaços da cruz feita com madeira de aroeira, ainda se encontram no mesmo lugar. O Sr. Adão disse que vai reformá-la e fincá-la novamente como forma de respeito e lembra-se de quando vinham pessoas de muitos lugares, com velas acesas, em busca da solução de algum problema porque acreditavam que o espírito do garimpeiro morto injustamente fazia milagres. Segundo ele, as pessoas não fazem mais procissão, porque antes a árvore ficava no meio da mata, hoje formaram pasto e o lugar ficou aberto, mas se pedir com fé ainda poderá receber a resposta. Este acontecimento originou a lenda “A cruz milagrosa”.

Em outro dia de visitas, fomos à procura de um poço no qual jogaram o corpo de um garimpeiro, na década de 60. Deste fato surgiu a mais conhecida lenda da cidade “Carroça da meia noite”. O Sr. Elizeu F. da Silva nos levou até o local.

Figura 45 – Em busca do local de origem da lenda “Carroça da meia noite”



Fonte: Sunair Batista (2018)

O senhor Elizeu Ferreira da Silva contou que era ainda bem jovem quando roubaram um valioso diamante de um garimpeiro, depois o mataram e jogaram no poço. Ele conta que o rapaz foi morto em uma casa no centro da cidade e trazido em uma carroça. Depois de alguns anos, o espírito do garimpeiro começou a passar meia noite pela cidade, clamando por justiça.

Entre todas as narrativas ouvidas, esta foi a que mais se repetiu. Os velhos lembram e relatam os detalhes dos acontecimentos. Adultos e crianças também

contam. Os moradores dizem que hoje a “carroça da meia noite” não passa mais, porém várias pessoas dizem ter medo de encontrá-la, pela cidade.

Figura 46 - Bairro Santa Rita - Local origem da lenda “Carroça da meia noite”
Sr. Elizeu Ferreira contando sobre a lenda



Fonte: Sunair Batista (2018)

Encontramos o local do poço no bairro Santa Rita. No local há apenas sinais de que já existiu um poço ali. O solo é úmido, formando algumas poças d’água. O Sr. Elizeu disse que aquela localidade foi modificada pelo trabalho de garimpagem com draga, mas que é exatamente o local onde existia o famoso poço tão comentado pela população.

Outro lugar onde fomos com os alunos foi em uma das serras de Alto Paraguai. Os moradores falaram que o “Pé de garrafa” morava nas serras e soltava assobios que escutava em vários lugares da cidade, assustando as pessoas.

Figura 47 - Serra em Alto Paraguai – Origem da lenda “Pé de Garrafa”



Procuramos também o famoso “Poço azul” que saciou a sede da população por muitos anos. Os mais velhos dizem que não havia água encanada em Alto Paraguai e que nos quintais das casas a água dos poços não era boa. Por isso, toda

a população bebia e fazia os serviços de casa com a água do “Poço Azul”. Os moradores da cidade, senhor José Santos de Almeida, (seu Zequinha) e a professora Alcione nos acompanharam no trajeto.

Figura 48 – Procurando o antigo Poço azul
Sr. Zequinha (à frente)



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 49 - Bairro Campo de aviação - Poço azul



Fonte: Sunair Batista (2018)

Com o passar dos anos, a cidade recebeu água encanada vindo diretamente do Rio Paraguai. Hoje só existem vestígios do poço: uma água que mina e escorre constantemente formando uma poça.

Os alunos também conheceram as vazantes e onde foi feita a primeira ponte sobre o Rio Paraguai, sempre ouvindo as explicações da professora geógrafa.

Figura 50 - Vazante do Rio Paraguai



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 51 - Restos da primeira ponte sobre o Rio Paraguai



Fonte: Sunair Batista (2018)

Os lugares apresentados até aqui foram alguns dos visitados durante a pesquisa. Após visitarmos os arredores, levamos os alunos para conhecer os locais que marcaram a história dentro da própria cidade.

3.3.2. Locais que marcaram a história no centro da cidade

Ao percebermos que o detalhar dos espaços físicos do centro da cidade era recorrente em todas as entrevistas, pensamos ser importante levar os alunos para conhecer esses lugares mais de perto, pois apesar de serem altoparaguaienses de nascimento, não sabiam como era a cidade antigamente e o que funcionava naqueles casarões atualmente abandonados. Esses lugares contribuíram para evocação da memória dos idosos entrevistados.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. (HALBWACHS, 1990, p. 100)

Enquanto andávamos nos locais mais citados pela população, constatávamos o quanto o espaço material contribuía com as reminiscências dos velhos que explicavam o que funcionava em determinado casarão; mostravam as praças; um enorme terreno baldio onde funcionava o maior hotel da cidade e assim por diante iam rememorando e permitindo-nos montar o quebra-cabeça da antiga cidadezinha.

Começamos a visitação pela cidade, levando a turma para conhecer a popular Rua do Cabaré que foi mencionada em 100% das entrevistas. O nome oficial da rua é Pedro Telles de Menezes, em homenagem ao jovem assassinado e amarrado na árvore lixeira, sobre o qual já mencionamos. Desta rua principal saíam 03 (três) becos nos quais funcionavam os bordéis. Fato interessante é que uma única rua recebeu duas denominações: a metade da rua, a parte de baixo, homenageia o rapaz e a outra metade, a parte de cima, já é a Rua Batista das Neves.

Figura 52 – Casarão onde funcionava um bar na popular Rua do Cabaré



Fonte: Sunair Batista (2018)

A Rua do Cabaré permanece calçada de paralelepípedo e ainda conserva algumas casas geminadas de adobe e telha de barro. Os postes de luz são os mesmos feitos em madeira de aroeira, com lâmpadas ovais. No auge do garimpo, o movimento da cidade se concentrava nessa rua.

Todavia, o movimento era à noite. Os homens iam para o cabaré, na parte baixa da Rua Batista das Neves, cruzamento com a Rua 15 de Novembro, e nos becos em volta dela. Lá os garimpeiros jogavam, bebiam e se divertiam com as mulheres. E dava muita briga. Quase sempre por causa de mulher. O movimento ia até tarde. Nos finais de semana “viravam” a noite. Quanto mais diamantes pegavam, mais movimento havia no cabaré. (BARROZO, 2007, p. 124)

Conforme relatos dos moradores, o movimento começava às 17:00 horas e se prolongava noite a dentro. Atualmente, várias casas foram reformadas ou totalmente derrubadas, substituindo as antigas construções. No entanto, ainda restou o suficiente para deduzirmos como era a cidadezinha no início da sua formação e no seu período diamantífero. Convidamos o Sr. Zequinha, de quase 80 anos de idade e a professora Alcione Modesto, professora aposentada e natural de Alto Paraguai para nos mostrar os principais pontos históricos da cidade.

Figura 53 – Popular Rua do Cabaré



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figura 54 – Antiga Rua do Cabaré – Beco 02



Fonte: Sunair Batista (2018)

No local ainda moram famílias que ali residem desde a fundação da cidade, outras mudaram em busca de melhoria de vida depois da decadência do garimpo.

Algumas construções foram ou ainda estão sendo demolidas pela ação das pessoas e da natureza, deixando terrenos baldios. Há também aquelas que foram reconstruídas por novos moradores. Contudo, existem várias casas que persistem em resistir à ação do tempo e dos homens, continuando a retratar as raízes culturais de Alto Paraguai. Encontram-se ainda casarões com os antigos nomes de comércio, botecos com as mesmas prateleiras e mercadorias diversas em meio a garrafas de pinga, tabuletas de lata com o nome das ruas, árvores centenárias fornecendo sombras para os transeuntes e muitas outras marcas de um passado distante, porém vivo na memória do povo.

O senhor Zequinha, que nos ajudou como guia, bem como os demais moradores que encontrávamos, narravam sobre os locais da cidade, expressando nos olhos lacrimejados ou na voz embargada, sentimentos ora de saudade, ora de gratidão por tudo que viveram, ora de indignação por ver a história do lugar esvaindo-se, junto com a destruição do espaço.

Para eles, perder seu lugar no recanto de tal rua, à sombra daquele muro, ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, isto é, sua única razão de ser. Assim se explica que de edifícios demolidos, de caminhos desfeitos, deles sobrevivem por muito tempo alguns vestígios materiais, nem que seja apenas o nome tradicional de uma rua, de um lugar, ou a tabuleta de uma loja (Halbwachs, 1990, p.96)

Os velhos de Alto Paraguai narram e insistem em manter as origens da cidade, cada detalhe que nela ainda subsiste e lamentam o que não existe mais.

O homem a passeio lamenta a perda da alameda onde costumava tomar ar fresco e se aflige ao ver desaparecer mais um detalhe pitoresco que o ligava a esse quarteirão. Um outro habitante, para quem esses velhos muros, essas casas decrepitas, essas passagens escuras e essas ruas sem saída, faziam parte de seu pequeno universo, e cujas lembranças se ligam a essas imagens, agora apagadas para sempre, sente que toda uma parte de si mesmo está morta com essas coisas e lamenta que elas não tenham durado, pelo menos tanto tempo quanto lhe resta para viver. (HALBWACHS, 1990, p.95)

Os idosos costumam sentar-se em cadeiras de fio, nas calçadas da porta. Nos finais de tarde eles estão sempre lá, envoltos nas lembranças, observando a paisagem da cidade na qual construiu sua história e de sua família.

Neste dia andamos durante toda a tarde conhecendo os principais pontos que marcaram a história de Alto Paraguai. Quando chegamos à Rua do Cinema, já estava começando a anoitecer.

De acordo com o senhor Dalvo Tito, responsável pelo sistema de som e divulgação dos filmes, na época o cinema “Cine São José” era uma das atrações principais de Alto Paraguai. Também havia clubes, festivais, festas de tradição religiosa, desfiles, carnavais, banhos de rio. Os idosos falam que hoje a cidade está parada, antes havia muitas opções de lazer e a juventude era animada.

Ele diz que começou a trabalhar no cinema de Alto Paraguai na década de 60 e permaneceu até a decadência, nos anos 80, com a chegada da televisão. Havia um grande mastro de madeira, no qual eram amarrados dois alto falantes para anunciar o filme do dia. O salão comportava 200 pessoas sentadas e também era usado para formaturas escolares, reuniões políticas, shows e até comícios.

Chegava a hora de trabalhar de fato. Ia para a cabine e fazia a programação; anunciava o filme, fazia os anúncios e atendia as pessoas que pediam músicas até chegar o horário de começar as “películas”. A abertura das programações era com a música “Tema de Lara” orquestrada, enquanto eu falava: “Com este prefixo musical, abrem-se as cortinas sonoras do serviço de publicidade, a voz do Cine São José, prezados ouvintes, meu cordial: Boa noite”. Em seguida, anunciava o nome do filme a ser exibido naquele dia e sua categoria; se era cômico, de amor, faroeste, selvagem... e toda programação já preparada por mim, anteriormente. Para encerrar o serviço de alto falante e começar a projetar o filme, eu despedia o público com estas palavras: “Ao som deste prefixo musical, fecham-se as cortinas sonoras de serviço de publicidade, a voz do Cine São José. Prezados ouvintes, meu cordial boa noite”. E para concluir, falava ainda esta passagem bíblica: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra, aos homens de boa vontade.” (Senhor Dalvo Tito – antigo funcionário do cinema)

O cinema foi lembrado pela maioria das pessoas que concederam entrevistas. Os moradores contavam com uma imensa alegria e saudade sobre os filmes que eram exibidos e que faziam sucesso entre jovens e adultos. A população conta que vários relacionamentos amorosos começaram neste cinema, resultando em casamentos que perduram até hoje e que devido à rigidez da época, ir ao “Cine São José” era uma forma de liberdade e de se encontrar com a pessoa amada.

Exibíamos gêneros variados, tais como, românticos, drama, faroeste, bang-bang, selvagens, porém os mais pedidos pelos adultos eram os de faroeste

e Tarzan. Lembro de alguns como, Teixeira, Mazzaropi, Dio como te amo, Romeu e Julieta, Jeca Tatu, Django, Indiana Jhones, Os Implacáveis, Zorro, Durango Kid, A lagoa azul, entre outros. A maioria deles em preto e branco. Somente alguns filmes de amor e Tarzan eram coloridos. (Senhor Dalvo Tito – antigo funcionário do cinema)

O senhor Zequinha levou-nos ao antigo prédio do cinema. Os alunos olhavam admirados, pois já haviam ouvido várias narrativas do “Cine São José”, mas não sabiam que ele funcionava naquele salão em ruínas. Olhamos pela janela sem vidro e vimos que lá dentro não há mais paredes, apenas um grande terreno cheio de mato. Somente as paredes da frente ainda estão de pé.

Figura 55 – Antigo cinema – Cine São José – Rua XV de novembro



Fonte: Sunair Batista (2018)

Outro lugar que visitamos foi a Vila dos Garimpeiros. É um lugar onde moram vários idosos, antigos garimpeiros da época de abundância dos diamantes. Eles nunca desistiram de procurar o desejado metal precioso e até os dias de hoje vivem como no início da fundação de Alto Paraguai. Usam água do rio buscada com carrinho de mão; as casas são cobertas de palha; os quintais são grandes e limpos.

Figura 56 e 57 - Vila dos Garimpeiros - Senhor Paraíba



Fonte: Sunair Batista (2018)

O senhor Paraíba relatou suas lembranças do garimpo, falou sobre a abundância dos diamantes, contou lendas, contou memórias pessoais, vitórias e triunfos vividos em Alto Paraguai. Foi muito emocionante e produtivo.

Os idosos narravam com riqueza de detalhes, descreviam os lugares enquanto fixavam longamente o olhar no tempo, como se estivessem contemplando o que contavam no momento da evocação; explicavam o porquê dos

acontecimentos e iam lapidando as lembranças, facilitando nossa compreensão como ouvintes.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação. (BOSI, 1994, p. 81)

Enquanto ouvíamos sobre a história da cidade, aprendíamos lições para toda a vida.

Depois de três meses de aula prática, entrevistando os moradores, conhecendo os principais locais da cidade e colhendo o material da pesquisa, passamos para a próxima etapa do projeto: transcrever e retextualizar as narrativas orais coletadas.

3.4. Quarta etapa: Da oralidade para a escrita - Transcrição e retextualização de lendas, memórias e causos – aprendendo a escrever textos literários

3.4.1. Retextualização de lendas

Antes de começarmos as atividades de transcrição das narrativas coletadas, precisávamos resolver uma questão: como selecionaríamos o vasto e precioso material recolhido na comunidade, para analisarmos e retextualizar? O objetivo do projeto foi colher narrativas orais e durante as entrevistas ouvimos e gravamos diferentes gêneros de textos narrativos como já foi exposto no capítulo anterior. Decidimos então, que começaríamos o trabalho pelas lendas. Assim, como a turma era composta por dezoito alunos, resolvemos que cada um deles ficaria responsável por transcrever uma e foi dessa forma que delimitamos o número de lendas para trabalharmos na sala de aula. É certo que devido a amplitude da pesquisa, não foi possível retextualizarmos todas as lendas coletadas, por isso adotamos o critério de selecionar as dezoito mais contadas pela população.

Fazer a transcrição de um texto narrativo da oralidade para a escrita não é uma tarefa fácil, como afirma Marcuschi (2010). Não é simplesmente ouvir o áudio e escrever. Transcrever um texto exige esforço mental e concentração. Geralmente, os moradores não narravam de forma linear, havia muita digressão e interrupções, mudança brusca de assunto e retomadas, o que é próprio da oralidade.

Os alunos já tinham uma boa noção de como transcrever porque já haviam feito algumas transcrições no início do projeto, no entanto, este era o momento de transcrever o material colhido e cada um teria que se desdobrar com mais empenho, interesse e de acordo com as responsabilidades atribuídas a cada um.

Os áudios foram encaminhados no grupo de *watsapp* do projeto e cada aluno ouviu e transcreveu uma lenda, tendo o cuidado de aproximar ao máximo da fidelidade do texto, sem nenhum tipo de eliminação ou acréscimo, apenas com o objetivo de fazer o registro na forma escrita, conforme o modelo de transcrição de Marcuschi (2010). Eles começaram as transcrições na sala de aula, levaram para casa, continuaram novamente na sala até que todos concluíssem essa primeira parte.

A atividade foi realizada durante semanas, pois uma mesma lenda era contada por vários moradores, mas com desfechos diferentes ou com uma nova informação acrescentada ao enredo. Por esse motivo, orientamos os alunos a ouvir todos os áudios e transcrever cada assunto novo contado por cada um dos entrevistados, até que a narrativa fosse totalmente transcrita.

É interessante destacar que a atividade foi trabalhosa, mas a maioria dos alunos demonstrava interesse em cumprir sua tarefa e ter a honra de falar que conseguiu terminar.

Como bem explicou Marcuschi (2010), transcrever exige compreensão do texto e por mais que haja o esforço para escrever *ipsis litteris*, é necessário que o transcritor interprete o que foi dito para transformar o texto em palavras escritas. Isso confirma o posicionamento do autor quando assevera que a transcrição já é uma primeira transformação textual. Para que essa tarefa fosse concluída, auxiliávamos os alunos ouvindo partes dos áudios juntamente com eles, ajudando-os a entender as narrativas que por serem muito longas, enchiam várias folhas de caderno.

O celular foi uma ferramenta primordial durante as transcrições. Cada aluno usava o fone de ouvido e, compenetrados, ouviam e transcreviam individualmente,

as lendas. Aqueles que apresentavam dificuldade de leitura transcreviam na sala, continuavam em casa com a ajuda dos pais, traziam novamente para a sala de aula e assim transcreveram até passar para a escrita tudo que estava nos áudios.

Figuras 58 e 59 - Audição e transcrição de lendas



Fonte: Sunair Batista (2018)

A figura abaixo mostra uma página da transcrição de uma das lendas. O aluno utilizou seis folhas do caderno para transcrever, porém apresentamos apenas a primeira página, a título de exemplificação da atividade.

Figura 60 - 1ª página da transcrição da lenda “O couro velho” – aluno Luís Guilherme Padilha

Grupo 2: O Couro Velho "Transcrição"

Essa aconteceu no correjo fundo, esta daí tenho muitos dados sobre ela que foi a minha mãe que me contou, eram pessoas também que vieram a procura de pedras preciosas se sei que quase todas as lendas daqui tem origem no garimpo porque todos vieram para cá em busca de pedras preciosas e é a ~~mesma~~ ^{mesma} dos outros tinha todas as famílias que se juntaram moravam perto do outro só que eram pessoas todas boas que se ajudavam só que ai já tinha surgido aqui a cidade távo começando a surgir os primeiros comercios assim que eu falei mas não é igual de agora era mais de troca pegava um diamante trocava, traziam comida trocava era mais troca não compra era troca, tá já eles chegaram para prantar então eles começaram a deixar espaço grande para fazer as plantações eram vizinhos mas um ajudando o outro e eles decidiram um plantava milho, outro prantava arroz, outro plantava... porque quando produzia fazia as trocas o que tinha muito milho trocava com aquele

Fonte: Sunair Batista (2018)

Concluídas as transcrições, passamos para o próximo passo que foi começar as retextualizações.

Para retextualizar as lendas, usamos o modelo sugerido por Marcuschi (2010), porém não seguimos a sequência das 09 operações, pois como o próprio autor destacou, dependendo da realidade linguística, podemos mesclar ou alternar as operações.

A maioria dos alunos demonstrou bastante dificuldade na retextualização escrita das lendas, mesmo já tendo uma boa base sobre como retextualizar, devido à lenda “A loira do banheiro”.

Começamos orientar os alunos a partir da operação quatro do modelo de Marcuschi que é a paragrafação. Eles separaram os assuntos por tópicos, copiando da transcrição o que deveria ser escrito no primeiro parágrafo do texto que são as informações sobre quando, onde e com quem aconteceram os fatos da narrativa, depois os orientamos a organizar os parágrafos conforme cada novo acontecimento narrado que eles haviam transcrito, dessa forma o tamanho do texto ou o número de parágrafos de cada lenda dependeu da quantidade de novas informações. Essa organização textual não foi fácil, pois os alunos deveriam buscar uma informação que estava no final da transcrição para escrevê-la no primeiro parágrafo, ou reescrever algo que o narrador contou no começo, mas que deveria ficar no meio do texto e assim por diante. Por último, reescreveram o parágrafo do desfecho. À medida que iam organizando os parágrafos, já faziam as operações um, dois e três eliminando as hesitações, introduzindo algumas pontuações e retirando as repetições. Ao trabalhar as operações de um a quatro, o texto já apresentava uma razoável e linear estrutura narrativa do gênero lenda.

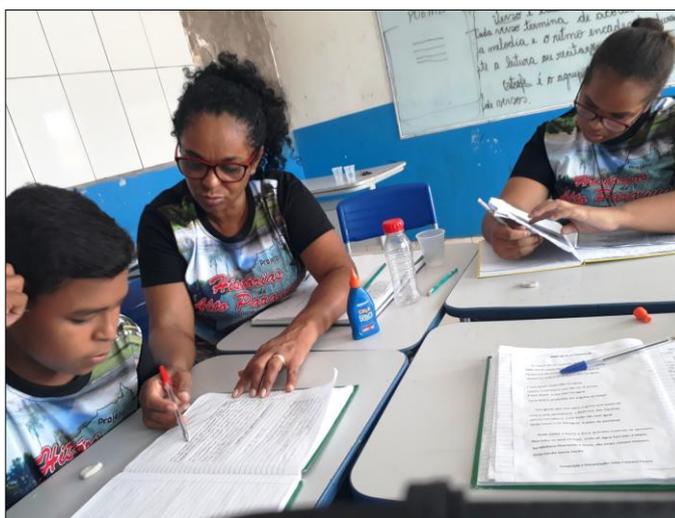
Enquanto os alunos deixavam o texto razoavelmente organizado em parágrafos, nós os ajudávamos com um intenso trabalho de mediação, já que boa parte da turma apresentava bastante dificuldade quanto à pontuação, coesão, paragrafação, uso da letra maiúscula, entre outros problemas de usos linguísticos. Havia também alguns alunos que deslanchavam com mais facilidade e com visível fuidez organizavam os parágrafos e já nos procuravam para orientá-los no próximo passo.

As operações de cinco a nove também foram mescladas e trabalhadas segundo as necessidades apresentadas. Nesta parte da retextualização ocorreu a verdadeira transformação textual quando os alunos utilizaram sinônimos ou elipses no lugar de palavras repetidas; retiraram ou substituíram o excesso de elementos dêiticos (aqui, ali, lá) e de pronomes pessoais como eu e nós; corrigiram problemas de concordância verbal e nominal; retiraram períodos desnecessários, acrescentaram ou eliminaram algumas palavras, entre outras alterações. Sobre as operações especiais, por meio das quais Marcuschi trata dos turnos de diálogo, os

alunos utilizaram em boa parte das lendas, o discurso direto somente para representar a fala, mas com predominância do indireto; em alguns poucos textos utilizaram somente o discurso indireto, dependendo da forma como foi contada pelo morador da cidade.

Orientamos também os alunos a inserir figuras de linguagem, utilizando a conotação para dar mais expressividade ao texto, o que não apresentou grandes dificuldades já que as lendas eram cheias de sentido figurado, subjetividade, emoção e poesia. O que fizemos foi ajudá-los a utilizar esses recursos para aprimorar a linguagem literária na narrativa. Dessa forma, acompanhamos cada aluno, respeitando seu ritmo de aprendizagem e ajudando-o a melhorar a leitura, interpretação e produção escrita.

Figura 61 - Auxiliando o aluno na retextualização de lenda



Fonte: Sunair Batista (2018)

É relevante ressaltar as explicações de Marcushi sobre o volume do texto. Ele deixa claro que, ao retextualizar, é natural que o volume de linguagem diminua devido às eliminações de elementos típicos da oralidade, no entanto, não pode haver interferência nas informações do texto.

Portanto, o menor volume de linguagem se dá por eliminação dos elementos típicos da fala e não por seleção das informações com o objetivo de condensar os textos. Transformar fala em escrita pode acarretar diminuição de texto, mas não necessariamente por razões de seleção das informações mais importantes e sim pela regularização linguística que implica redução no volume de linguagem. (MARCUSCHI, 2010, p. 87)

Essa observação do autor ficou comprovada, tendo em vista que a transcrição da lenda usada como exemplo foi feita em seis páginas, enquanto a versão retextualizada ocupou quatro páginas escritas.

Figura 62 - 1ª versão retextualizada da lenda “O couro velho”
aluno Luis Guilherme Padilha

Alto Paraguai, 21/08/2018.
 Retextualização do texto Couro Velho (1)
 □ Uso de letra maiúscula
 Δ Concordância verbal
 Essa história aconteceu em Alto Paraguai,
 ao ~~conceito~~ ^{quando era um pequeno vilarejo} conceito ~~quando~~ a cidade estava
 começando a surgir ^{com um comércio que}
 estava de trabalhar somente à noite.
 Naquela época, muitos vieram para esta
 cidade por causa da garimpo em busca de
 pedras preciosas. Estava também surgindo
 os primeiros comércios que funcionavam em
 um sistema de troca, quem tinha dia-
 mente trocava por alguma mercadoria
 como arroz, feijão, milho entre outros.
 As famílias (que se juntavam) moravam
 uma perto da outra, mas cada uma delas
 deixavam uma extensão de terra para o
 plantio de diversos alimentos como *arroz,
milho entre outros, colhiam da casa
 e da fazenda. Com o tempo descobriram um
riacho que passava por lá, ^{nela} começaram a
 encontrar pedras de ouro, ^{a este sacho de um dia} no conceito fundo.
 Eles gostavam muito da vida que estavam
 vivendo, porque começou a ter fartura.
~~mas coisas~~
 Todo mundo trabalhava de dia, mas
~~tema~~ um deles, que era muito tímido,
 e não tinha medo de nada, ^{estava}
 trabalhava somente à noite, ele dizia
 que à noite o serviço mais rendia, ^{mas}
~~era na ma roca~~ ~~em um garimbo de~~
 *usar sinônimos para evitar repetição

Fonte: Sunair Batista (2018)

A retextualização do exemplo acima foi reescrita cinco vezes até chegar ao texto final escrito. Este aluno é um dos que apresentam menos dificuldades, alguns reescreveram muito mais vezes até conseguirem um bom texto final

Como já foi citado, o grau de dificuldade para chegar ao texto final variou de acordo com a capacidade linguística do aluno e o tamanho da narrativa. Dessa forma, alguns alunos levaram mais tempo, outros menos para concluir a atividade.

Como o próprio Marcushi (2010) alertou sobre a maturidade linguística do transcritor, alguns alunos faziam as primeiras operações e já iam diretamente para o texto final, porém, a maioria necessitou de mais tempo; o texto ficava todo rabiscado com as correções e era necessário passar a limpo várias vezes, fazendo novas versões não no sentido de mudar o conteúdo do texto, mas de ter que reescrever quantas vezes fosse preciso até chegar ao texto alvo.

Em princípio, a retextualização plena do texto falado (texto-base) em texto escrito (texto-alvo) deveria passar por todas as operações sugeridas, mas é possível que um indivíduo conclua sua atividade em qualquer ponto do processo. Com base nisso, pode-se propor esse modelo como um aferidor da maturidade linguística do retextualizador quanto à consciência das diferenças da relação fala-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 76)

Assim, de acordo com a facilidade ou dificuldade linguística do aluno, o texto final era alcançado com menos ou mais refações.

O processo de retextualização foi ainda mais difícil para aqueles que apresentavam dificuldade de leitura, uma vez que era necessário ler a transcrição para organizar o novo texto e também reler constantemente as refações e alterações que sugeríamos. Por isso, trabalhamos com esses alunos em várias aulas extraclases, inclusive em feriados e finais de semana. Contudo, todos os alunos fizeram as atividades individuais de retextualização das lendas.

Durante as refações, cada aluno reescrevia seu texto corrigindo as alterações que fazíamos, em seguida corrigíamos novamente e o aluno outra vez reescrevia até chegar ao texto alvo. A lenda do exemplo abaixo é a segunda versão, mas foi reescrita na íntegra por quatro vezes.

Figura 63 - 2ª versão retextualizada da lenda “O couro velho”
aluno Luis Guilherme Padilha

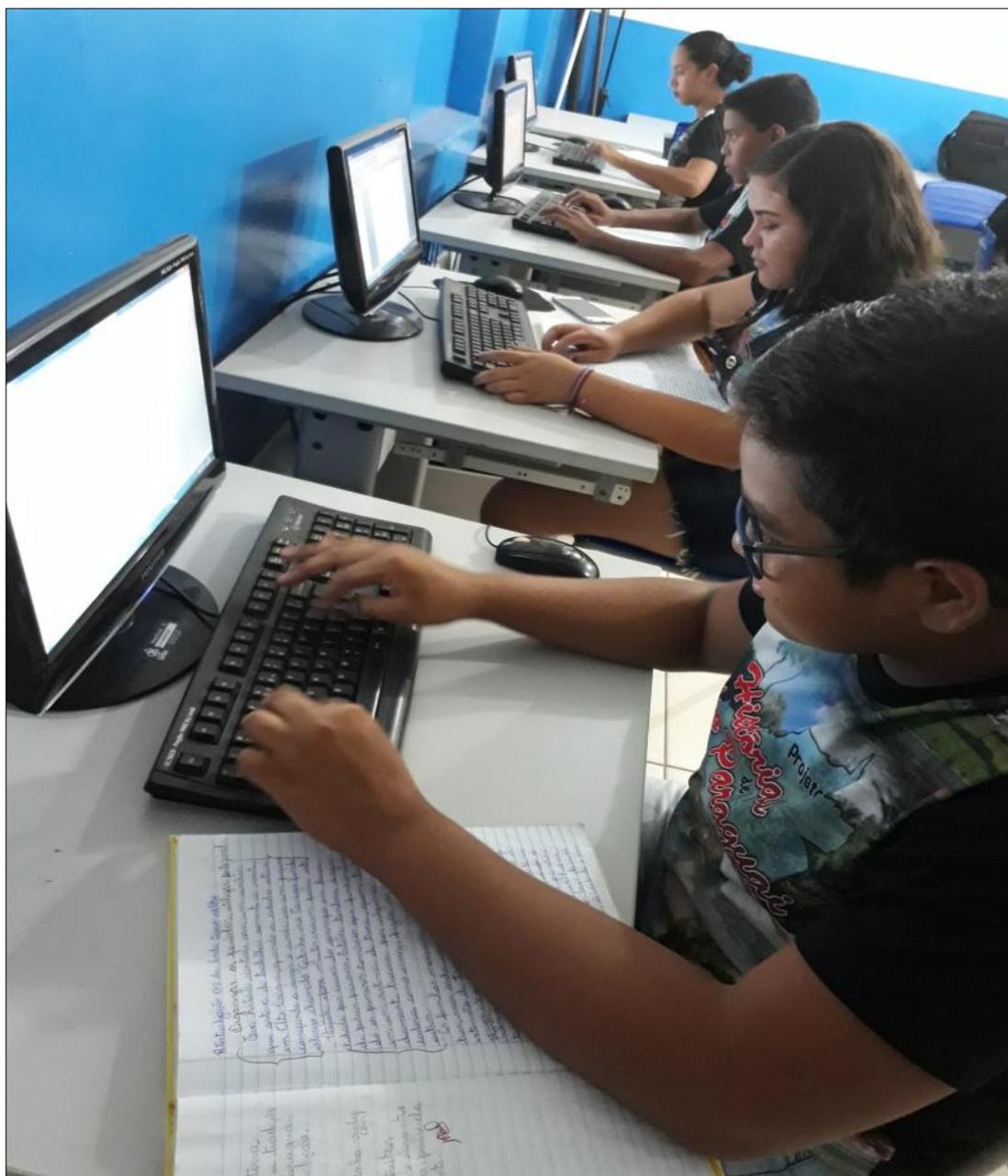
Retextualização nº2 da lenda *O couro velho*
Organizar os períodos, utilizar ponto final.
Essa história aconteceu com um senhor que gostava de trabalhar somente à noite, em lito poraquai, quando a cidade estava começando a surgir e ainda era um pequeno vilarejo chamado Galimbo, no Córrego fundo. Naquela época muitos vieram para esta cidade por causa do garimpo em busca de pedras preciosas. Estava também surgindo os primeiros comércios que funcionavam em um sistema de troca, quem tinha diamante trocava por alguma mercadoria como arroz, feijão, milho entre outros. As famílias moravam umas perto das outras, mas cada uma delas desejava uma extensão de terra para o plantio de diversos alimentos como grãos e hortaliças, ^{também} sobreviviam da caça e da pesca. Com o tempo descobriram um riacho que passava por lá, meli começaram a encontrar jazidas de ouro, a este riacho deram o nome de Córrego fundo. Eles gostavam muito da vida que estavam vivendo, porque começaram a ter fortuna. Os fazendeiros não tinham cavalos, mas somente de dois a três bois bem grandes. Quando colhiam os alimentos, enchiam as brocas e colocavam nos bois de um lado e do outro para levar à cidade e ma

Fonte: Sunair Batista (2018)

Nesta retextualização sugerimos algumas eliminações como a expressão “Naquela época” e a preposição “da” do trecho “da caça e da pesca” não como indicação de erro, mas para enxugar o texto, retirando tudo que não era indispensável.

Depois que as retextualizações já estavam prontas, os alunos foram ao laboratório de informática para digitá-las.

Figura 64 - Digitação das lendas retextualizadas



Fonte: Sunair Batista (2018)

Abaixo, uma demonstração da versão final digitada, da mesma lenda usada nos exemplos anteriores.

O couro velho

Essa história aconteceu em Alto Paraguai, próximo ao Córrego Fundo, com um senhor que gostava de trabalhar somente à noite. Naquela época, a cidade estava começando a surgir e ainda era um pequeno vilarejo chamado Gatinho. Estava também

surgindo o garimpo de pedras preciosas e os primeiros comércios que funcionavam em um sistema de troca. Quem tinha diamante trocava por alguma mercadoria como arroz, feijão, milho entre outros produtos.

As famílias moravam umas perto das outras, mas cada uma delas deixava uma extensão de terra para o plantio de diversos alimentos como grãos e hortaliças, também sobreviviam da caça e pesca. Com o tempo, descobriram um riacho que passava por lá, nele começaram a encontrar jazidas de ouro, a este riacho deram o nome de Córrego Fundo. Eles gostavam muito da vida que estavam vivendo, porque começaram a ter fartura.

As pessoas não tinham cavalos, somente de dois a três bois bem grandes. Quando colhiam os alimentos, enchiam as bruacas e colocavam nos bois de um lado e do outro para levar à cidade e fazer as trocas nos pequenos mercados da cidade e depois voltavam para casa. No dia de viajar, saíam de madrugada, chegavam na vila do Gatinho bem de tarde e dormiam por lá. (Fragmento da retextualização final da lenda “ O couro velho” – aluno Guilherme Padilha - Texto completo em anexo.)

Terminado o trabalho de digitação, imprimimos as lendas e pedimos que cada aluno lesse seu texto retextualizado para os colegas ouvirem. Em outro dia de aula, cada aluno leu o texto do outro até que todas as lendas fossem lidas por todos eles.

Figura 65 - Leitura de lendas no pátio da escola



Fonte: Sunair Batista(2018)

No final das retextualizações das lendas, temos autonomia para dizer que o progresso dos alunos estava visível. Alunos que liam mecanicamente conseguiram ler com mais desenvoltura e interpretação, outros que escreviam de forma quase ilegível melhoraram a grafia. Foi uma tarefa longa e cansativa, mas gratificante. Sentíamos que a partir desta primeira retextualização, as atividades seguintes transcorreriam com menos dificuldade.

Encerramos as atividades com as lendas e começamos o trabalho com as memórias.

3.4.2. Retextualização de memórias

Entre todas as memórias que colhemos com os idosos da cidade, selecionamos seis para transcrever e retextualizar. Para a seleção dos temas, utilizamos o mesmo critério que usamos para as lendas no sentido de escolher os assuntos mais comentados pelas pessoas da comunidade. A questão da seleção foi devido à delimitação necessária à pesquisa e também ao espaço de tempo para finalizar o projeto de intervenção pedagógica. O que diferiu nas atividades é que cada lenda foi retextualizada individualmente por um aluno, enquanto que as memórias foram trabalhadas em grupos.

O processo de transcrição e retextualização das memórias foi o mesmo que utilizamos com o modelo de Marcuschi (2010) nas atividades com as lendas, assim trabalhamos as nove operações do modelo de retextualização do autor, além de acrescentarmos recursos expressivos próprios da linguagem literária. A única diferença é que nas operações especiais, todas as memórias foram escritas em discurso indireto por ser uma narrativa monologada em que a pessoa conta os fatos sobre sua própria vida com foco narrativo na primeira pessoa do discurso e não se utiliza de diálogo.

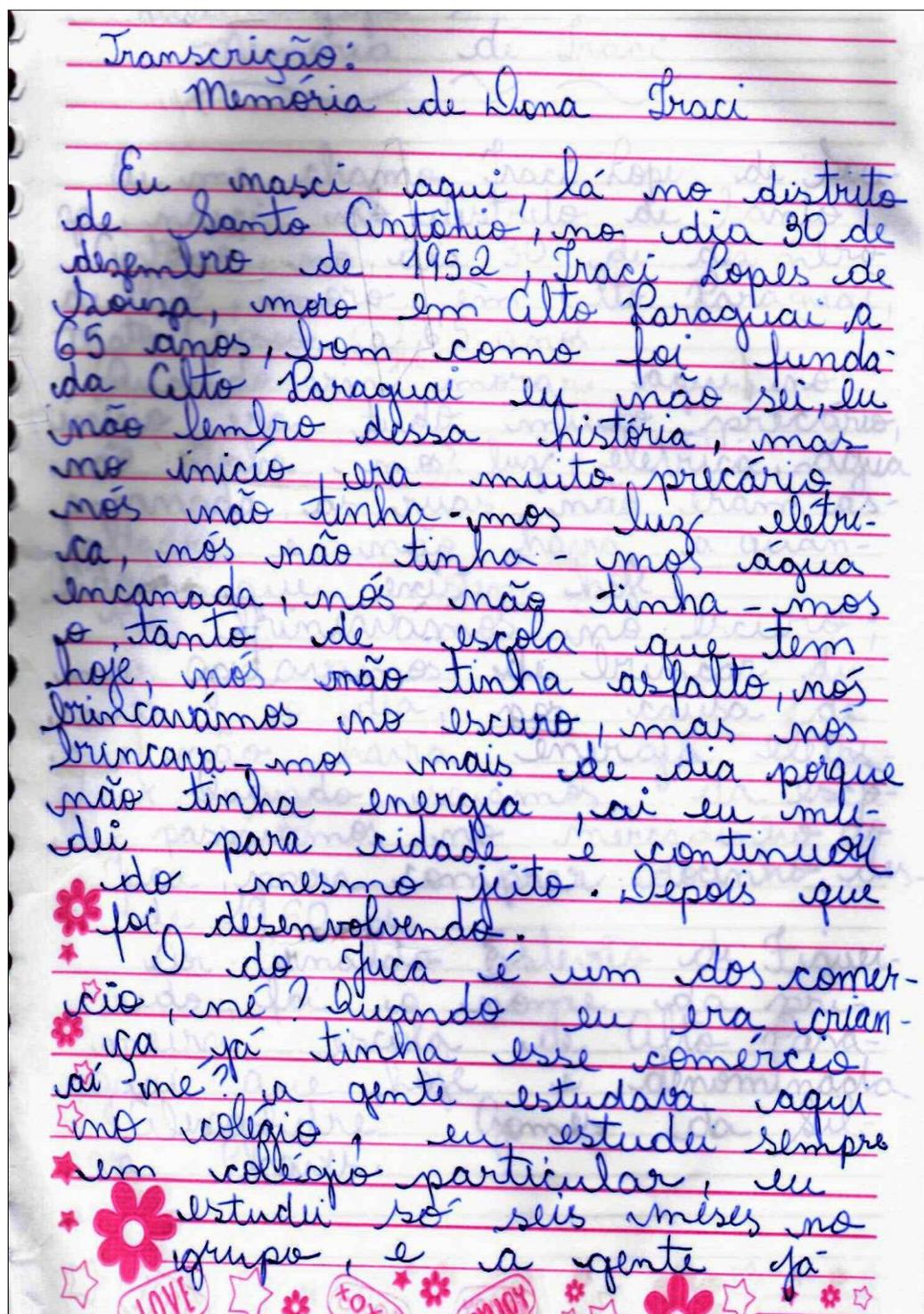
A transcrição da memória ficou na responsabilidade de um dos alunos do grupo. Depois foram fotocopiadas e distribuídas aos colegas para que cada um pudesse participar das atividades de retextualização. Segue abaixo, como exemplo, a transcrição da primeira página de uma das memórias.

Figura 66 - 1ª página da transcrição das memórias de Dona Iraci Lopes
Aluno Mickael de Jesus

Transcrição:
Memória de Dona Iraci

Eu nasci aqui, lá no distrito de Santo Antônio, no dia 30 de dezembro de 1952, Iraci Lopes de Sousa, mais em Alto Paraguai a 65 anos, bom como foi fundadora Alto Paraguai eu não sei, eu não lembro dessa história, mas no início era muito precário nós não tinha - mos luz elétrica, nós não tinha - mos água encanada, nós não tinha - mos o tanto de escola que tem hoje, nós não tinha asfalto, nós brincávamos no escuro, mas nós brincava - mos mais de dia porque não tinha energia, aí eu fui de para cidade e continuei do mesmo jeito. Depois que foi desenvolvendo.

O do Juca é um dos comércio, né? Quando eu era criança já tinha esse comércio aí me - ja gente estudava aqui no colégio, eu estudei sempre em colégio particular, eu estudei só seis meses no grupo, e a gente já



Fonte: Sunair Batista(2018)

Depois que as memórias já estavam transcritas, os grupos começaram a retextualizá-las.

É importante lembrar que para chegar ao texto final, os alunos o reescreveram algumas vezes, usando as nove operações do modelo de Marcuschi. Esta é uma página da primeira versão, ou seja, o início da retextualização.

Figura 67 - 1ª versão da retextualização das “Memórias de Dona Iraci” – em Grupo

Retextualização 1
Memórias de Iraci

Eu me chamo Iraci Lopes de Souza, nasci no distrito de Santo Antônio, no dia 30 de dezembro de 1952, morei em Alto Paraguai, Mato Grosso ^{há} 65 anos.

Quando vim morar aqui, no início era tudo muito precário, não tinha ~~mes~~ luz elétrica, água encanada, as ruas não eram asfaltadas e não havia a quantidade que existem hoje.

Nós brincávamos no escuro, mas gostávamos de brincar durante o dia, por causa ~~de~~ que não havia energia elétrica. Quando saíamos da escola passávamos no mercadinho do Juca, para comprar docinho, desde 1960.

Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, foi o nome da primeira escola de Alto Paraguai que hoje é denominada Alexandre Gomes da Silveira Charés.

Fonte: Sunair Batista(2018)

O texto final foi digitado por uma das alunas do grupo:

Inesquecíveis momentos da juventude

Memórias de Iraci Lopes

Eu me chamo Iraci Lopes de Souza, nasci em Santo Antônio, município de Alto Paraguai, no dia 30 de dezembro de 1952 e moro aqui desde o meu nascimento, há 65 anos.

No início da cidade era tudo muito precário, não havia luz elétrica, nem água encanada, as ruas não eram asfaltadas e não existia a quantidade de ruas que há hoje. Nós brincávamos na escuridão da noite, mas gostávamos de brincar também durante o dia. Havia dois ônibus cujos nomes eram Rápido e Baleia. Aqui em Alto Paraguai não existia televisão, a primeira que chegou aqui foi na década de 70. Também não existiam telefones, só comunicávamos por carta.

Quando eu era criança, estudei por um tempo na escola pública, e no final da aula, passávamos no mercadinho do Juca, hoje meu esposo, para comprar docinho em 1960. Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo foi a primeira escola de Alto Paraguai, depois trocaram o seu nome por Alexandre Gomes da Silva Chaves. Com o passar do tempo, construíram na rua de baixo, um novo prédio escolar e o denominaram novamente Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, permanecendo assim até hoje.

Aqui existia um colégio particular de Freiras onde estudei e adquiri muito conhecimento de linguagens, científico e socialização. Era tudo muito rígido: se não fizesse a tarefa ficava de castigo, se fosse de roupas curtas e sem uniforme não entrava e se não usasse meias brancas voltava para casa. Esse tempo foi muito bom pelo fato de aprender a ter disciplina. E claro que não poderia faltar a famosa “palmatória”, mas graças a Deus eu nunca levei. As Freiras faziam o famoso “argumento”. Era assim: você tinha que saber a tabuada, cada vez que errasse apanhava. Elas escolhiam um número da tabuada e com certeza tinha que saber, aí ficava eu e outro aluno, eu fazia perguntas para ele, e ele para mim. E sendo assim, se errasse eu levava uma palmatória ou se o colega errasse, ele é quem levava. (Fragmento da retextualização final em grupo da memória “Inesquecíveis momentos da juventude” - Texto completo em anexo.)

Em outro dia de aula, utilizamos o aparelho de *data show* e lemos todas as memórias retextualizadas junto com os alunos.

As atividades de retextualização das memórias nos surpreenderam positivamente, pois uma boa parte dos alunos apresentou muito menos dificuldade para retextualizar os textos. Eles mesmos sugeriam entre si sobre acréscimos ou eliminações no texto, reescreviam, passavam a limpo e assim iam retextualizando

com mais facilidade. Não há dúvida de que foi uma atividade trabalhosa e que ainda fizemos muitas correções, prova disso é que utilizamos um total de doze aulas para que chegassem ao texto final. Mas percebemos um progresso muito bom, em relação às retextualizações das lendas, porque os alunos melhoraram visivelmente na competência de produção escrita e na maturidade linguística.

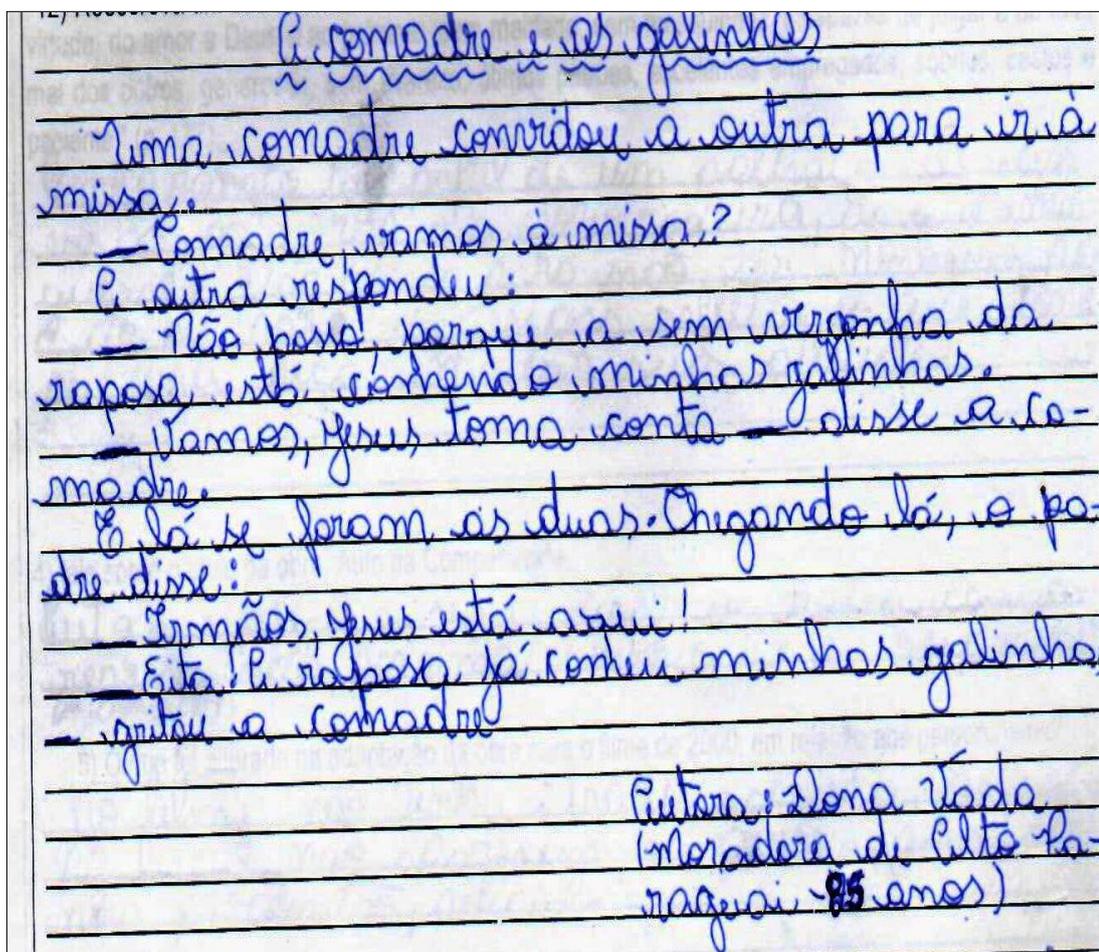
3.4.3. Retextualização de causos

No decorrer das entrevistas encontramos uma senhora de 85 anos de idade, conhecida como Dona Vada. Uma autêntica contadora de causos. Com irreparável vocação e senso de humor, ela prendia a atenção de todos nós, provocando o riso e encantando a todos com sua graciosidade. Ouvimos inúmeros causos interessantes e engraçados, mas selecionamos seis deles para transcrever e retextualizar.

Apesar de todos os alunos terem recebido os áudios pelo *watsapp* no grupo do projeto, a audição dos seis causos selecionados foi feita também coletivamente por uma caixinha de som, na sala de aula. Depois perguntamos se alguém gostaria de recontá-los e alguns alunos aceitaram a proposta. Em seguida, começamos a retextualização. Novamente os alunos foram divididos em grupos e sem muita dificuldade participaram das transcrições e retextualizações. O fato de ser um texto curto, contado de forma linear, dos alunos já estarem familiarizados com a retextualização de causos do personagem Chicó da obra *Auto da Compadecida* e da experiência com lendas e memórias facilitou a realização das atividades. Na verdade, o que deveria ser considerado como transcrição já foi uma primeira retextualização. Eles já foram da primeira operação do modelo de Marcushi(2010) para a última. Assim, transcreveram os causos, eles mesmos corrigiram e retextualizaram com a ajuda uns dos outros, enquanto os observávamos. Em seguida, lemos, fizemos poucas correções e eles já fizeram a reescrita final.

Abaixo, uma das retextualizações de caso feita pelos alunos:

Figura 68 - 2ª e última versão retextualizada de causo da Dona Vada – em grupo



Fonte: Sunair Batista(2018)

Após a retextualização, os causos foram digitados e impressos.

A comadre e as galinhas

Uma comadre convidou a outra para ir à missa:

— Comadre, vamos à missa.

A outra respondeu:

— Não posso porque a sem vergonha da raposa está vindo toda noite comer minhas galinhas.

— Vamos! Jesus toma conta!- disse a comadre.

E lá se foram as comadres. Chegando lá, o padre disse:

— Irmãos, Jesus está aqui!

— Eita!! A raposa já comeu minhas galinhas! – disse a comadre.

Retextualização em grupo.

O trabalho com causos transcorreu com rapidez e objetividade. Os alunos exercitaram ainda mais a prática de produção escrita e tiraram algumas poucas dúvidas que tinham sobre o gênero textual.

Apesar de, em quase todos os causos, os contadores prezarem por citar nomes e locais com o objetivo de comprovar os fatos, optamos por não citá-los nas retextualizações, haja vista que as narrativas do projeto seriam socializadas e também porque teríamos de disponibilizar tempo, procurando as pessoas mencionadas para que nos autorizasse a divulgar seus nomes.

Dessa forma, encerramos as atividades com causos e começamos a trabalhar com os poemas narrativos que colhemos dos moradores da cidade.

3.4.4. Retextualização de poemas narrativos e músicas sobre Alto Paraguai

Como já foi mencionado, não esperávamos que ao pesquisar narrativas orais, encontraríamos poemas narrativos e músicas de autoria dos altoparaguaienses. Contudo, os moradores os recitaram para ouvirmos e achamos por bem aproveitá-los visto que narram fatos acontecidos na cidade, além de retratar a riqueza natural.

No transcorrer da pesquisa, colhemos cinco poemas e cinco músicas que também são poesias, porém com letra e melodia.

Os poemas populares que recolhemos foram feitos pelos próprios moradores que ainda os guardam na lembrança e os recitam com talento e espontaneidade.

O tema de alguns dos poemas é de denúncia social sobre o desprezo que os garimpeiros e posseiros sofreram no início da fundação da cidade. Já as músicas descrevem as belezas naturais de Alto Paraguai.

Além de recitar, os moradores guardavam cópias dos poemas, algumas delas digitadas em máquina de datilografia, com papel amarelado pelo tempo. Outros, menos antigos, já estavam digitados em computador, impressos e grampeados em formato de livreto; e com desenhos sombreados, ilustrados por eles mesmos.

Alguns áudios de recitação feita pelos moradores foram enviados no grupo de *watsapp* da turma e uma aluna se responsabilizou em digitá-los, outros já recolhemos as cópias prontas e tiramos fotocópias para trabalhar com os alunos na sala de aula.

Pedimos autorização aos autores para fazer alguma alteração, caso fosse necessário, e começamos.

Mostramos aos alunos a importância do encadeamento de versos e estrofes, das pausas, dos jogos de palavras e das rimas para que haja musicalidade e criatividade no texto poético. E como afirma Nelly Novaes Coelho

Mas não é só palavra... Poesia é também imagem e som. As palavras são signos que expressam emoções, sensações, ideias... através de imagens (símbolos, metáforas, alegorias...) e de sonoridade (rimas, ritmos...) É esse jogo de palavras, o principal fator da atração que as crianças têm pela poesia... (COELHO, 2000, p. 222)

Fizemos a leitura em forma de jogral, alternando as estrofes entre meninos e meninas o que proporcionou momentos de interação, dado que “a poesia ouvida ou lida em voz alta, provoca emoções, sensações, impressões, numa interação lúdica e gratificante”. (COELHO, 2000, p. 222)

Feita as leituras, ajudamos os alunos a analisar as possíveis mensagens que as letras poderiam transmitir. Foi um debate acirrado, principalmente quando lemos os poemas “A vida obscura dos garimpeiros” e “Desabafo de um posseiro”. As discussões suscitaram temas como Reforma agrária e direito dos posseiros, sem-terra, fato ainda vivo em nossa comunidade que é rodeada de assentamentos; discriminação dos garimpeiros e outros assuntos que os poemas traziam como denúncia social.

Sobre a retextualização dos poemas e das músicas, não foi possível utilizar as operações do modelo de Marcuschi (2010), por se tratar de uma estrutura totalmente diferente das narrativas em prosa. Assim sendo, orientamos os alunos a reorganizar os versos que estavam misturados nas linhas, trocar palavras muito repetidas, melhorar as rimas e a ortografia.

Como exemplificação, apresentamos uma das atividades feitas na sala de aula:

Figura 69 – Atividades com texto poético popular

Vamos analisar os poemas que encontramos, sobre Alto Paraguai, em nossa comunidade. Alguns desses poemas receberam melodia e se tornaram músicas sobre a cidade, outros foram apenas recitados pelos moradores, como vimos durante as entrevistas.

NATURAL DE ALTO PARAGUAI
COMPOSITOR ONEILDO VIEIRA PONDE

SOU FILHO DE MATO GROSSO/NATURAL DE ALTO PARAGUAI/CIDADE DO OURO E DIAMANTE/E DE BELEZAS NATURAIS/ARODIADA DE SERRA GRANDES MONTES VEDEJANTES/NO MEDIO NORTE QUELIDO NO BRASIL É CONHECIDA A CAPITAL DO DIAMANTE.

FORMADO POR SETE LAGOAS/NASCE O RIO PARAGUAI/DESAGUA O PARI DO CAMPO/RIO DIAMANTINO E O AMOLA/TEM O RIACHO SÃO PEDRO/FAZENDA E MANOEL JOAQUIM/QUEBRA CANELA E MELGUEIRA/TAMANDUA E BRUMADO EMBORNALZINHO AONDE EU CRECI.

DECAMADO

ESTA É UMA HOMENAGEM A TODOS OS GARINPEIROS QUE FUNDARAM ESTA CIDADE EM ESPECIAL AO MEU SAUDOSO LORIVAL PONDE, GRANDE SANFONEIRO?

SÃO PEDRO SERÃO E CAMPINPE, RAIZAMA E TAPERÃO/ SANTO ANTONIO E SANTA RITA/RASGA PENEIRA E TARUMÁ, BOI MORTO E PONTEZINHA / COME FEITO, MANGA E CHAPADÃO, ARANHA CÉU E OURO FINO/ ASSOMBRADO E GROTA DO OURO/ VARZEA BONITA É RECORDAÇÃO.

Tarefa: Copie o poema natural de Alto Paraguai reparando em versos e estrofes. Corrija a ortografia das palavras de acordo com a retextualização feita na aula de aula.

Fonte: Sunair Batista(2018)

Não entramos no mérito de metrficação ou classificação dos poemas populares, tendo em vista que esse não era o objetivo do presente estudo, que tem como propósito conhecer as narrativas orais de Alto Paraguai e a partir delas trabalhar as práticas de letramento literário. Depois das retextualizações, digitamos os poemas e as músicas e distribuimos para os alunos, conforme exemplo abaixo:

Natural de Alto Paraguai

Oneildo Pondé

Sou filho de Mato Grosso, natural de Alto Paraguai
Cidade de ouro e diamante, e de belezas naturais
Arrodeada de serras, tem grandes montes verdejantes
No médio norte de Mato Grosso, no Brasil é conhecida
A capital do diamante.

Formado por sete lagoas, nasce o Rio Paraguai
Deságua o Pari do Campo, Rio Diamantino e o Amolar
Tem o riacho São Pedro, Fazenda Velha e Manoel Joaquim
Quebra-canela e Melgueira, Tamanduá e Brumado
Embornalzinho aonde eu cresci.

Declamação

Esta é uma homenagem a todos os garimpeiros
que fundaram esta cidade de Alto Paraguai
em especial ao meu saudoso pai Lourival Pondé,
grande sanfoneiro!

São Pedro, Serrão e Campina, Ipê, Raizama e Taperão
Santo Antonio e Santa Rita, Rasga-peneira e Tarumã
Boi – morto e Pontezinha, Come-feito, Manga e Chapadão
Arranha-céu e Ouro-fino, Assombrado e Grota do Ouro
Várzea-bonita é recordação.

Após retextualizar os poemas e as músicas, convidamos os cantores para ensaiar com os alunos na sala de aula. Das cinco músicas colhidas, quatro delas são tocadas na rádio do município e a mais antiga “Alto Paraguai,” é cantada nas escolas nas datas cívicas ou comemorativas. Apenas uma delas, cuja letra e melodia é de uma professora aposentada, era conhecida por poucas pessoas da população.

Figura 70 - Ensaio com os cantores de Alto Paraguai –
Sr. Gelso Francisco e Oneido Pondé



Fonte: Sunair Batista(2018)

A maioria das músicas colhidas na comunidade falava sobre a riqueza natural de Alto Paraguai e do amor que os moradores demonstram pela cidade. Assim sendo, levamos o poema *Canção do Exílio* para que os alunos pudessem ler e compará-lo com a letra das músicas coletadas.

Figura 71 – Atividades sobre as poesias

Atividade avaliativa
Poesia: Canção do Exílio de Gonçalves Dias

Aluno: Ruiz Guilherme V. Padilha grupo 02

Na poesia **Canção do Exílio**, o poeta **Gonçalves Dias** elogia as belezas naturais de sua pátria, retrata a saudade, o grande amor e a admiração que sente por seu país de origem, o Brasil. Durante as entrevistas que fizemos para o Projeto Histórias de Alto Paraguai, encontramos várias poesias escritas e recitadas pelo povo altoparaguaiense. **Escolha e escreva um dos poemas populares que colhemos durante nossas pesquisas e que, na sua opinião, também demonstra amor e admiração pela cidade de Alto Paraguai.**

Hino de Alto Paraguai

Co maseu de um novo dia, lindos raios a brilhar
 Todo céu se resplandecia, orgulhoso a te encantar
 Parece que ele conheci, as maravilhas que há
realçando toda a terra, que é Alto Paraguai.

É bem Brasil, mossa Alto Paraguai
 Cidade hospitaleira como mãe se vê jamais
 É bem Brasil, mossa Alto Paraguai
 Terra fértil e produtiva um orgulho de Brasil.

Tem gente que vive aqui, e gente que passa volá
 Uma a uma permanece, a desfrutar das riquezas
 Infinita sua beleza, mais linda não tem igual
 Inda nasce o rio Paraguai, trajeto do Pantanal.

Inde existe a fauna e flora, grandes espécies se ajuntam,
Reproduz os seus ninhos, onde há água, cerrado e mata
Sai mughoca, diamante e ouro, são seus moços tesouros
Destentando mossa matão.

Autoria de Gilso F. Pereira

Fonte: Sunair Batista(2018)

Tendo em vista que as músicas compostas pelos moradores também exaltavam as belezas de Alto Paraguai, achamos que foi relevante levar o poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, para que os alunos pudessem perceber que consagrados poetas brasileiros também demonstraram por meio da poesia, verdadeira adoração pelo lugar ao qual pertenciam.

Assim, lemos o poema impresso junto com os alunos, falamos sobre o autor e seu amor pelo Brasil, fizemos uma compreensão oral sobre o título e o tema. Em seguida, chamamos a atenção da turma sobre as músicas de Alto Paraguai e pedimos que eles as relacionassem com a poesia *Canção do exílio*, escolhendo uma música que demonstrasse o amor do compositor pela cidade de Alto Paraguai.

Com esta atividade, encerramos a parte de transcrição e retextualização das narrativas orais que totalizaram 42 textos: 18 lendas, 08 memórias, 06 causos, 05 músicas e 05 poemas.

Esta etapa do trabalho exigiu um intenso esforço, pois tínhamos de acompanhar os alunos tanto no coletivo quanto individualmente, de acordo com as dificuldades de aprendizagem e com o ritmo de cada um.

Durante o processo de retextualização, os alunos tiveram de exercitar a capacidade de interpretação e compreensão, porque retextualizar não é simplesmente passar o texto oral para a modalidade escrita, é empreender esforços para entender e não se distanciar muito do discurso do outro, correndo o risco de escrever o que não foi dito. Prova disso, é que ouvíamos algum aluno dizer nas atividades em grupo “não podemos escrever assim, porque não foi isso que a pessoa quis dizer”. Todavia, o fato de estar lidando com situações comunicativas concretas e de ter clareza dos objetivos a serem alcançados facilitou o trabalho com as narrativas orais contadas pelos idosos.

Assim, tal como se frisou em vários momentos, esta proposta tem a propriedade de ser utilizada também para o trabalho com a compreensão de texto e não só com a produção. Trata-se de uma maneira muito interessante de lidar com a questão, já que se opera com o sentido no campo das ações situadas em seus contextos reais de produção. (MARCUSHI, 2010, p. 124)

Assim sendo, os alunos fizeram atividades de interpretação com base em dados reais de comunicação e interação com os velhos da cidade. É interessante ressaltar que para interpretar a oralidade na forma escrita, os alunos aprenderam a utilizar os mecanismos de organização textual como coesão e coerência, concordância verbal e nominal, uso da letra maiúscula, pontuação e acentuação, organização de períodos e parágrafos, entre outros elementos linguísticos. Porém, como já foi deveras frisado, eles estudaram as regras da língua dentro de um

contexto de produção escrita e não em exercícios soltos como acontece na maioria das aulas de língua portuguesa. Isso promoveu dinamicidade às aulas, permitindo que alcançássemos os objetivos propostos. E como enfatiza Marcushi

Um ensino de língua na perspectiva ora sugerida apresenta a vantagem de um maior dinamismo e uma produtividade muito grande porque leva em conta de maneira sistemática o aspecto textual-discursivo e não apenas as estruturas formais. (MARCUSCHI, 2010, p. 122).

Além de aprimorar as competências de interpretação e produção escrita, os alunos também praticaram o letramento literário enquanto retextualizavam, tendo em vista que as lendas, memórias, causos, poemas e músicas são gêneros textuais carregados de linguagem conotativa, plurissignificação e subjetividade. Eles Utilizaram figuras de linguagem como metáforas, prosopopeia, símile, personificação, hipérbole e outros recursos expressivos próprios da linguagem literária para produzir os textos escritos. Ao reler as retextualizações finais uns dos outros, alguns alunos choraram, outros diziam que estavam sentindo arrepio no corpo, outros ainda demonstravam perplexidade diante dos fatos mesclados de realidade e fantasia que as narrativas traziam, já que as entrelinhas dos textos expressavam os sentimentos e as inquietações do povo altoparaguaiense. Enquanto observávamos as reações dos alunos diante das leituras, concluíamos que a literatura realmente mexe com o ser humano e com suas atitudes como podemos comprovar nas atividades de reflexão abaixo.

Figura 72 – Atividades de reflexão

Atividades sobre os textos coletados e retextualizados

Aluno (a) Lorenna Carolyne Neves grupo 02

1) Fale de suas impressões ao visitar a rua do Antigo Cabaré de Alto Paraguai. Como você se sentiu? Relacione as narrativas ouvidas com o espaço físico do ambiente.

Parabéns!

Tive a impressão que o nosso patrimônio histórico está abandonado sem cuidados as casas estão se deteriorando, os lixos estão tomando conta das antigas ruas de paralelepípedos. É necessário que a prefeitura da cidade tome providências urgentes antes que os mataçais do-rem totalmente conta daquele local. Eu senti tristeza em ver aquele lugar praticamente destruído pois ali aconteceram partes da nossa história. ✓

2) Reflita sobre as paisagens naturais que você viu durante nossas visitas: A Lagoa da Princesa, o Rio Paraguai, o Córrego do Gatinho e o Poço Azul. Posicione-se também sobre os demais recursos naturais, como as cachoeiras que existem em nossa cidade e que os moradores retrataram nos poemas e músicas.

São lugares exuberantes que o ser humano não está sabendo valorizar. Devido ao desmatamento, das setes lagoas que existiam, resta apenas uma que conserva sua beleza natural: A Lagoa da Princesa. O Rio Paraguai não apresenta o volume de água de antigamente, o córrego do Gatinho e o poço Azul praticamente não existe mais. As nossas cachoeiras estão preservadas no momento, porém estes recursos naturais ✓

3) Reflita sobre as lendas que surgiram de assassinatos reais em nossa cidade. O que você sentiu ao ouvi-las? Compare os acontecimentos daquela época com nossa realidade atual.

Senti revolta, tristeza e medo ao ouvir aquelas atas de injustiças. Naquela época moravam muitas pessoas, na atualidade os crimes ainda acontecem, porém com menos frequência. ✓

Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 73 – Atividades de reflexão

4) Algumas lendas narram abortos de crianças que eram enterradas ao pé das figueiras, no período aurífero da cidade. Analise a atitude das moças daquela época, relacionando-as com as meninas de hoje.

As moças daquela época engravidavam com mais facilidade porque não existiam preservativos e nem anticoncepcionais, por medo de serem criticadas pelas sociedades acabavam abortando. Atualmente, esse quadro não mudou muito, pois apesar de existir vários meios de evitar a gravidez as meninas não se cuidam e continuam a abortar. ✓

5) Explique o que você entendeu ao as lendas do **Passarinho encantado** e do **Pé de garrafa**. O que você mais gostou nas narrativas?

Na lenda do "Passarinho encantado" existia um homem que matava os animais por puro prazer. Já a lenda do "Pé de garrafa", fala sobre uma criatura que protegia a fauna e a flora, das más ações do ser humano. Conta a lenda que a criatura deixou de existir devido ao desmatamento. As duas lendas faz com que pensemos sobre nossas atitudes e o nosso dever no meio ambiente. ✓

6) Relacione as três lendas: **Enterros de diamantes**, **Papo de cordão** e **A cruz milagrosa**. Diga o que mais lhe chamou atenção e a parte que você mais gostou.

Nas três lendas citadas as pessoas iam em busca de soluções para seus problemas. Na "Enterros de diamantes", buscavam riquezas. Na história do "Papo de cordão", buscavam a cura e na "Cruz milagrosa" queriam receber diversos milagres. Hoje o ser humano continua em busca de respostas para satisfazer suas necessidades financeiras, físicas e espirituais. ✓

Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 74 – Atividades de reflexão

Atividade final do Projeto de Intervenção Pedagógica

Aluno (a) Luiz Guilherme Vitor Radilha grupo 02

Refleta sobre as atividades realizadas durante o projeto e responda:

1) Nós lemos quatro livros de literatura durante o projeto: **O menino no espelho** de Fernando Sabino, **Auto da Compadecida** de Ariano Suassuna, **Lendas Brasileiras para jovens** e algumas lendas do livro **Lendas e Mitos do Brasil** de Theobaldo Miranda Santos. Com base nestas quatro obras responda:

Você já havia lido algum livro inteiro? Qual? *Problemas!*

Sim. Harry Potter e a pedra filosofal de J.K. Rowling. ✓

De qual das quatro obras lidas você mais gostou? Por quê?

A obra que eu mais gostei foi "O menino no espelho", porque além de ser um livro de memórias muito bom, eu me identifiquei com algumas. ✓

Relacione as obras lidas com o nosso projeto sobre histórias de Alto Paraguai

Lendas O livro "Lendas e mitos do Brasil" o escritor Theobaldo Miranda buscou lendas das cinco regiões do Brasil e transformou em um livro. É nos 50 projetos histórias de Alto Paraguai buscamos lendas de nossa cidade transcrevemos, reatualizamos e digitamos, futuramente irá transformar em um livro também. ✓

Memórias O livro "O menino no espelho" de Fernando Sabino é um livro de memórias literárias e o projeto encontrou muitos idos que nos contam memórias de sua juventude, algumas alegres e outras tristes. ✓

Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 75 – Atividades de reflexão

Poema O poema "Canções do exílio" de Gonçalves Dias ele exalta o Brasil e aqui em Alto Paraguaí encontramos muitos poemas exaltando a cidade mas na minha opinião o que mais exaltou foi "Natural de Alto Paraguaí."

Causos Na obra "Canta do Compadecida" tem o povo sempre contando de causa Chico e em nessa cidade dona Vada.

Nada.

O que você achou da experiência de ouvir os idosos contando memórias, lendas e causos; recitando poemas e cantando músicas de sua cidade?
Eu nunca imaginei passar por uma experiência tão incrível como esta, eu amei conhecer mais sobre o passado da cidade e dos mistérios escondidos. Me emocionei muito com as memórias.

Escreva um pouco sobre cada gênero de texto colhido na comunidade dos quais você mais gostou ou que mais te marcaram de alguma forma?
Lenda A lenda que eu mais gostei foi "O curso velho" contada pela professora Aparecida Limerim e foi essa que eu transcrevi e intertextualizei.

Memória A memória que me marcou foi a que dona Janinha nos contou sobre o seu primeiro e único amor Dr. Marquês.

Causo O melhor causo contado pela dona Vada foi "A raposa e as galinhas" muito engraçado.

Poema O poema que eu mais gostei foi "Vida obscura dos garimpeiros". Por quê? Nada.

Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 76 – Atividades de reflexão

Músicas *Li música "Natural de Alto Paraguai" fala sobre o garimpo e é muito boa.* ✓

No decorrer do projeto você visitou vários lugares da cidade de Alto Paraguai. Qual deles você ainda não conhecia? De qual você mais gostou? Por quê?
Eu não conhecia ainda "As Sete Lagoas", "Lagoa da Princesa" e a "Poeira Azul". O qual eu gostei mais foi a Lagoa da Princesa por ser um lugar encantador. ✓

Depois de ouvir sobre nossa cidade, você desenvolveu atividades de transcrição e retextualização. Relate sobre essa experiência.
Foi uma experiência ótima nunca tinha feito transcrição e nem retextualizado algum texto, no início parecia um bicho de sete cabeças porém a professora Sunair me ensinou muito. Na transcrição aprendi que se escreve tudo que se ouviu de lá, sem pontuação para não ficar perdido. Na retextualização o primeiro passo é organizar em parágrafos, separando as ideias e o segundo passo é retirar palavras repetidas trocando por sinônimos, após isso transformar o texto.

Em poucas palavras, redija um pequeno texto sobre as atividades realizadas durante todo o período do projeto, como contribuiu com o seu aprendizado? Como você se sentiu sendo participante?
O projeto Histórias de Alto Paraguai contribuiu muito com meu aprendizado, eu ainda não conhecia todas as lendas de nossa cidade nem os casos. Aprendi a transcrever e retextualizar. É a diferença entre um texto oral e um texto escrito. Gostei do tempo que convivi com essa professora maravilhosa. Outra coisa que aprendi foi a fazer textos literários com a linguagem conotativa, cheia de sutileza e imaginação. ✓

Fonte: Sunair Batista(2018)

Concluimos esta etapa, conscientes de que os alunos avançaram na aquisição de conhecimentos e que houve aprendizagem tanto linguística quanto literária, porém sabendo que ainda há muito que fazer para que eles continuem rompendo com as dificuldades e consigam cada vez mais se inserir nas práticas sociais de uso da língua.

4. RECONTAÇÃO DE NARRATIVAS

No decorrer do projeto os alunos recontaram as narrativas orais em vários momentos. Primeiramente, para os próprios colegas na sala de aula e depois para os pais e mães em suas casas. No entanto, a experiência que exigiu mais desenvoltura e desempenho foi a recontação para um público maior, em uma escola. Eles foram convidados para recontar as lendas no dia das crianças, na Escola Pública Municipal Pedro Duarte, na cidade de Alto Paraguai. Foram vários dias de ensaio, nos quais os alunos demonstravam tensão e nervosismo. Nesta atividade tivemos dificuldades com alguns alunos que apresentaram resistência e não queriam contar as narrativas devido à timidez e insegurança, no entanto, para que esse problema fosse resolvido, ensaiamos uma apresentação coletiva da música “Toca a pisadinha” com o intuito de motivar os pequenos ouvintes para o momento da contação de histórias e também para envolver os alunos mais tímidos nas apresentações. Dessa forma, todos participaram, ainda que coletivamente, da performance do dia das crianças. Essa atividade de recontação foi de grande valia para o desenvolvimento da oralidade dos alunos.

Com o intuito de chamar a atenção do público infantil, pedimos aos alunos que pintassem os rostos com cores alegres. Nesse dia descobrimos que alguns deles tinham habilidade para desenhar e com admirável criatividade fizeram os desenhos e pintaram os rostos uns dos outros.

As crianças prestavam atenção e às vezes interrompiam para fazer perguntas ou para falar que a mamãe já havia contado uma história igual aquela.

Figuras 77 e 78 - Recontação de lendas - Escola Municipal Pedro Duarte



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figuras 79 e 80 - Recontação de lendas na Escola Municipal Pedro Duarte



Fonte: Sunair Batista (2018)

Figuras 81 e 82 - Recontação de lendas na Escola Municipal Pedro Duarte



Fonte: Sunair Batista (2018)

A experiência de recontar histórias estimulou a capacidade cognitiva dos alunos, visto que recontar narrativas não é uma mera repetição do que foi ouvido. O ato de recontar exige que a pessoa use sua própria experiência e a partir da

narrativa ouvida, recrie, acrescente, elimine, colocando suas marcas e estilos próprios.

Figura 83 - Recontação de lendas na Escola Municipal Pedro Duarte



Fonte: Sunair Batista (2018)

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

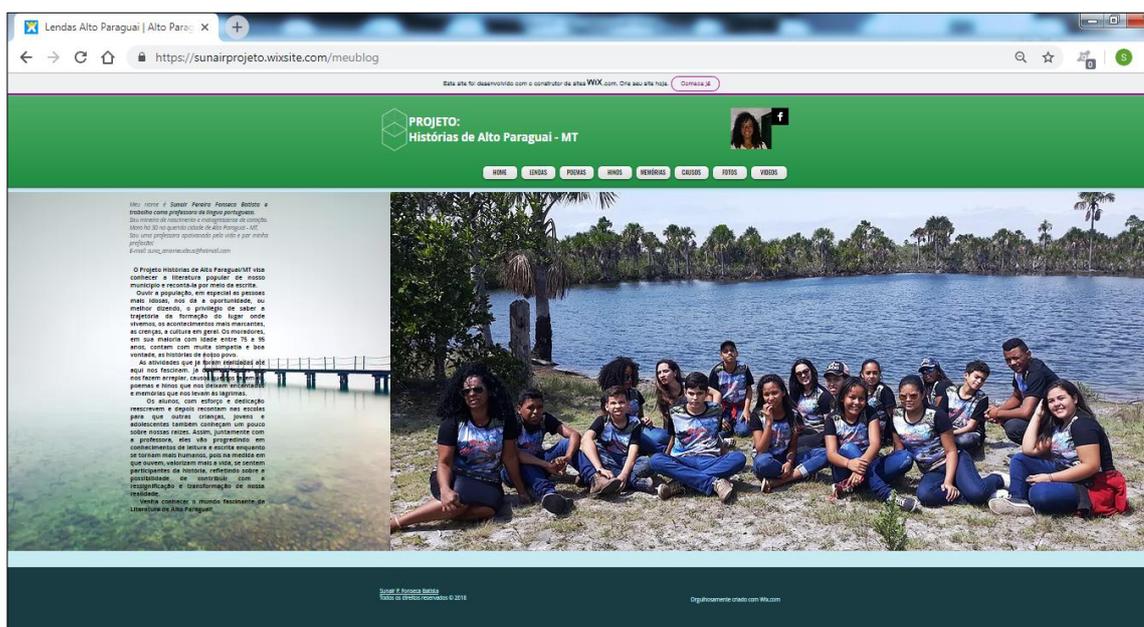
Ao recontar as lendas, memórias, poemas e causos colhidos na comunidade de Alto Paraguai, cada aluno expressou sua criatividade, emoções e sentimentos. Antes de recontar, primeiro passaram pelo processo de ouvir e retextualizar, depois ensaiaram, leram e releam as produções escritas até que estivessem prontos para a recontação. As atividades realizadas até o momento da performance dos alunos promoveram as práticas de letramento literário por meio do trabalho conjunto entre oralidade e escrita; tornou-os mais conscientes e mais humanos ao compreender melhor os fatos que marcaram a história da cidade; incentivou o respeito e valorização de sua própria cultura e dos outros, além de ajudá-los a romper com o medo e demais dificuldades de falar em público, preparando-os para as diversas situações comunicativas que enfrentarão na sociedade letrada.

5. PRODUTO FINAL E SOCIALIZAÇÃO

5.1. Produtos finais: blog e livro

Com o objetivo de registrar e divulgar os quarenta e dois textos colhidos na cidade de Alto Paraguai, pensamos em criar um *blog* com a turma, porém enfrentamos dificuldade, pois não sabíamos lidar com essa ferramenta específica da tecnologia e concluímos que os alunos conheciam e sabiam interagir por meio desta página da internet, mas também não tinham conhecimento de como criar o sítio eletrônico. Ao discutirmos o problema com a turma, um dos alunos disse que seu primo sabia e que poderia se responsabilizar. Assim, foi criado o *blog* da turma com o nome “Projeto Histórias de Alto Paraguai”: <https://sunairprojeto.wixsite.com/meublog> com oito links divididos em: lendas, memórias, causos, poemas, músicas, fotos e vídeos. Na capa inicial, colocamos uma foto dos alunos participantes do projeto e um texto explicando o propósito de criação do *blog*. Os vídeos e as fotos apresentam as participações dos alunos nas atividades realizadas ao longo do Projeto de Trabalho e nos momentos de recontação de histórias. Abaixo, um *print* da página inicial:

Figura 84 - Página inicial do *blog*: “Projeto Histórias de Alto Paraguai” –



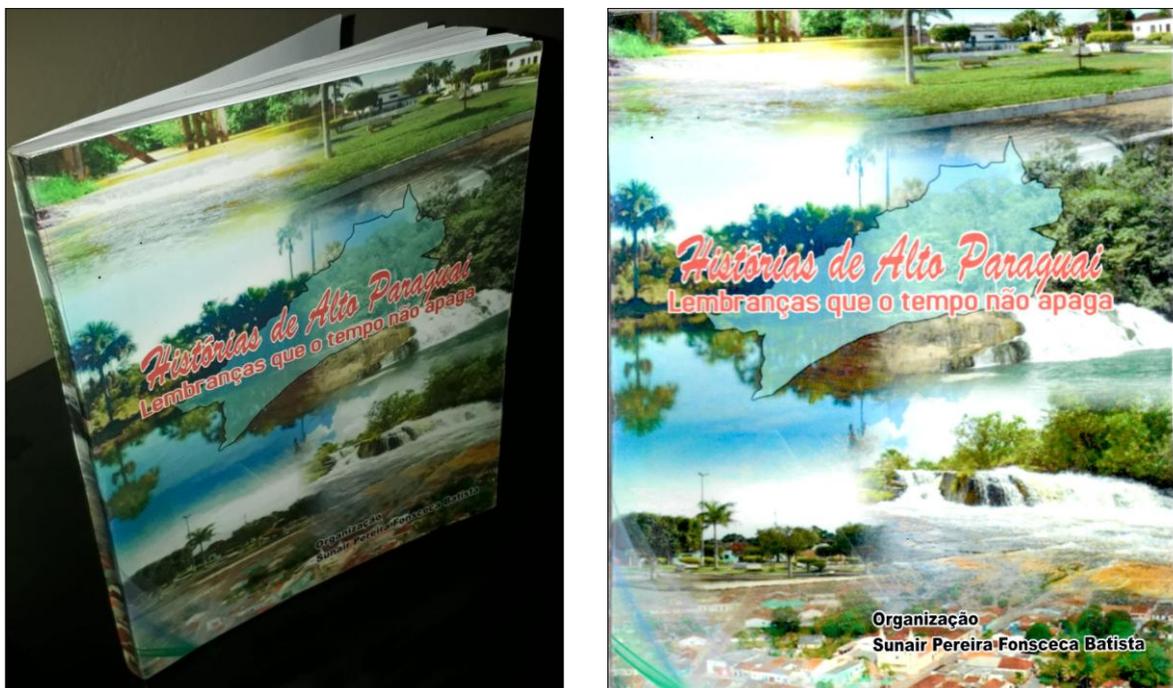
<https://sunairprojeto.wixsite.com/meublog>

Fonte: Sunair Batista(2018)

Além do *blog*, também planejamos a edição e publicação de um livro com as narrativas orais. O objetivo principal do livro é preservar, valorizar e dar oportunidade para outros alunos também conhecerem a cultura e as histórias de Alto Paraguai. Para que as retextualizações ficassem prontas e organizadas em um livro, enfrentamos um grande obstáculo, o tempo. Apesar de utilizarmos oito meses para a realização do projeto, foi necessário corrigir e revisar os textos durante muitas madrugadas, além dos finais de semana e feriados acompanhando cada aluno na refacção textual. Conforme os dias passavam, o cansaço físico e mental de todos os participantes aumentava e em alguns momentos tínhamos a sensação de que não conseguiríamos concluir em tempo hábil. Apesar das dificuldades, conseguimos, enfim, finalizar o trabalho com as produções escritas.

Por ora, fizemos um simples boneco do livro para analisarmos o que já está pronto e o que ainda precisa ser melhorado. Abaixo, apresentamos o título e capa provisórios:

Figura 85 - Capa provisória do livro em construção (*Histórias de Alto Paraguai – Lembranças que o tempo não apaga* – título provisório)



Fonte: Sunair Batista (2018)

5.2. Socialização: Noite cultural

Para socialização das narrativas orais e divulgar o *link* do *blog* fizemos uma noite cultural na Câmara Municipal de Alto Paraguai. Convidamos os idosos que concederam as entrevistas, os pais dos alunos que participaram do projeto, os professores, a prefeita, os vereadores e demais autoridades da cidade para participar e prestigiar o desempenho dos alunos.

Figuras 86, 87 e 88 - Convidados aguardando a entrada dos alunos e execução do Hino Nacional



Fonte: Sunair Batista(2018)

Na década de 60, o senhor Dalvo Tito fazia o serviço de som do cinema “Cine São José”, hoje há somente ruínas do antigo prédio. Ao som da música “Tema de Lara” ele anunciava o nome e a categoria do filme da noite, por meio de dois alto falantes amarrados em um alto mastro de madeira.

Na noite cultural, antes da entrada dos alunos e da execução do Hino Nacional, apagamos todas as luzes da Câmara Municipal, projetamos a imagem do cinema na parede, pedimos ao senhor Dalvo que saísse do meio da plateia sem que fosse percebido e subisse no palco para, ao som da mesma música que soava nos ouvidos da população na década de 60, e com as mesmas palavras que usava naquela época, anunciasse o filme que seria exibido naquela noite: “A história de Alto Paraguai”. Os convidados foram ao devaneio e uma atmosfera de nostalgia tomou conta do ambiente. Assim foram abertas as apresentações da noite.

Figura 89 - Senhor Dalvo Tito, técnico de som do cinema da década de 60
Simulação do cinema – anúncio do filme a ser exibido na noite



Fonte: Sunair Batista(2018)

As apresentações prosseguiram com os alunos cantando, alternadamente, as cinco músicas colhidas na comunidade com a ajuda de um dos cantores da cidade que os acompanharam com o teclado.

Figura 90 - Músicas de Alto Paraguai junto com o cantor Senhor Gelso e uma das compositoras Professora Sunamita Amorim



Fonte: Sunair Batista(2018)

Entre as apresentações dos alunos, alguns idosos também foram convidados para as performances da noite.

Figuras 91 e 92 – Dona Vada – contadora de causos



Fonte: Sunair Batista(2018)

Os alunos contaram lendas e memórias, levando o público a voltar nos tempos áureos do período em que os diamantes eram abundantes na cidade.

Figura 93 - Aluna Vitória:
Lenda “O papo de cordão”



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 94 - Aluno Vinícius:
Lenda “O passarinho encantado”



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 96 – Aluna Ana Júlia
Figura 95 - Aluna Emily
Lenda da Carroça da meia noite



Fonte: Sunair Batista(2018)

Memórias da Dona Santinha
Esposa do 1º Médico de Alto Paraguai



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 97 - Poema jogralizado
"Vida obscura dos garimpeiros"



Figura 98 – Aluno João Vitor
apresentando a contadora de causos
Dona Vada



Fonte: Sunair Batista (2018)

Enquanto os alunos narravam, a plateia às vezes chorava, às vezes ria, outras vezes ficava perplexa, evocando os acontecimentos do passado.

Figuras 99, 100, 101 – Noite cultural - Momento de rememoração e lágrimas na apresentação final



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figuras 102, 103 – Noite cultural – Evocação e reflexão



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figuras 104 e 105 – Noite cultural –
Evocação, reflexão e risos



Fonte: Sunair Batista(2018)

A noite cultural foi indescritivelmente produtiva. Os alunos cantaram, recontaram narrativas, leram poemas e também assistiram a apresentações de alguns idosos. O público absorvia com atenção e podíamos perceber no semblante das pessoas que cada um relembrava algo que lhe marcou pessoalmente e que, ao

mesmo tempo, faz parte da memória coletiva da população. A filha do primeiro médico de Alto Paraguai, sentada nas primeiras filas de cadeiras, chorava compulsivamente ao ouvir uma das alunas recontar as lembranças que sua mãe contou sobre seu pai. Entre as demais pessoas que estavam no auditório, várias choravam lembrando as consultas, partos e demais atendimentos que o conhecido Dr. Marzavão de Siqueira fazia. Isso aconteceu durante as apresentações dos alunos, em uma atmosfera nostálgica, como se todos vivessem um momento mágico. Também houve momentos em que os presentes riam em voz alta e trocavam lembranças uns com os outros e, repentinamente, o silêncio e compenetração voltavam a tomar conta do ambiente.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1961, p.16).

Não é possível representar por meio de algumas fotos, nem de relatar tudo que aconteceu na noite cultural e como foi importante para a rememoração e resgate da cultura altoparaguaiense. Os alunos superaram as expectativas, apresentando com segurança, firmeza e emoção. Eles contaram memórias e lendas, leram poesias e cantaram músicas com orgulho de apresentar os textos que eles mesmos colheram na oralidade e passaram para a escrita.

Para divulgação do *blog*, fizemos um *banner* e colocamos na entrada do prédio da Câmara Municipal para que as pessoas pudessem ter acesso na noite cultural.

Figuras 106 e 107 – Noite cultural
Banner de divulgação do blog “Histórias de Alto Paraguai”



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figuras 108 e 109 – Noite cultural
Alunos com autoridades municipais e com o diretor da escola - prof. Júlio Magalhães



Fonte: Sunair Batista(2018)

Em um dos momentos, a prefeita fez uso da palavra e falou da importância do Projeto como resgate e valorização das raízes culturais da comunidade.

No final da noite cultural, foi servido um coquetel para todos os convidados, patrocinado pela prefeita da cidade.

Figura 110 - Noite cultural
Prefeita de Alto Paraguai
Diane Alves



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figura 111 - Noite cultural - coquetel



Fonte: Sunair Batista(2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto *Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais da cidade de Alto Paraguai-MT* nos proporcionou momentos de reflexão sobre a prática docente e a responsabilidade que temos de contribuir com a participação do aluno na sociedade letrada.

Por meio deste projeto percebemos a capacidade dos alunos em desenvolver atividades de leitura, oralidade e escrita com uma eficiência que, às vezes, ignoramos. Diante do contexto educacional em que enfrentamos salas de aula heterogêneas, com alunos dos anos finais do ensino fundamental apresentando graves dificuldades de leitura, como por exemplo, não conseguir ler um pequeno texto, ou produzir uma frase escrita, é necessário que o professor se aposses de sua função e realize trabalhos de intervenção pedagógica, visando ao progresso na aprendizagem dos alunos.

É motivo de reflexão começar um projeto e se deparar com alunos de quatorze anos de idade que não apresentam problemas visíveis de saúde, conseguem manusear o celular, conseguem acessar diversos aplicativos e interagir com as pessoas por meio da tecnologia lendo símbolos e imagens (o que já é muito importante porque esse aluno já está inserido nas práticas de letramento, conforme Soares (1999)), mas não conseguem dominar o código escrito da língua o que os impede de ler uma obra, redigir um documento ou fazer outra atividade de leitura e escrita. No decorrer deste projeto nos deparamos com alguns alunos que praticamente não liam, apenas soletravam palavras mais simples e na escrita, faziam apenas cópias. Percebemos então, o grande desafio que tínhamos à frente: incluir os alunos no desenvolvimento das atividades, sem exceção.

Além dos alunos que ainda não eram alfabetizados, a maioria nunca havia tido a experiência de ler “um livro inteiro” como diziam eles, mas temos a grata satisfação de relatar que, no final, já demonstravam necessidade e interesse pela leitura e que todos eles podem dizer que já leram uma obra integralmente. É relevante lembrar que depois da leitura individual, fazíamos a compreensão oral de cada obra lida e também atividades escritas, isso contribuiu com o letramento literário dos alunos, diferente de quando são levados para a biblioteca para escolher

um livro, passar algumas horas e voltar para a sala sem ler nada ou sem entender o que foi lido.

Um dos fatores que ajudou a despertar o interesse pela leitura foi estabelecer e deixar claro para os alunos, o propósito de ler as obras. Assim, sabiam que estavam lendo textos advindos da oralidade e da cultura de alguma região do país e que no final do projeto eles também escreveriam as narrativas contadas por seus avós e demais idosos, preservando os elementos culturais da cidade em um livro de histórias de Alto Paraguai. A partir desses esclarecimentos, sentimos que tocamos na autoestima dos alunos o que provocou curiosidade e vontade de ler os livros sugeridos.

Em relação aos alunos que ainda não liam fluentemente no início do projeto, podemos afirmar que tanto progrediram nas práticas de leitura quanto entenderam que ler “não é ruim” como muitos falam, mas além de ser prazeroso, também é necessário para adquirirmos conhecimentos e crescermos como seres humanos. No final dos oito meses de projeto, a aluna que era semialfabetizada leu, razoavelmente bem, as narrativas retextualizadas, conseguiu ler todo o livro *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna e contar sobre a obra. Em um dos dias de aula ela disse uma frase que compensou todo o trabalho realizado: “Nunca mais vou parar de ler”. Como já foi citado no desenvolvimento das práticas, os alunos leram quatro obras: *O menino no espelho*, *Auto da Compadecida*, *Lendas Brasileiras para Jovens* e *Lendas e Mitos do Brasil*. A partir da descoberta da leitura por estas obras, muitas outras poderão ser lidas.

A etapa de colher e retextualizar as narrativas orais também foi muito gratificante, pois ensinou os alunos a ter outro olhar sobre os velhos da cidade que muitas vezes são desvalorizados e a sentir orgulho de suas raízes já que muitos diziam não gostar do lugar onde nasceram. Acreditamos que eles também se tornaram mais humanos ao ouvirem narrativas que, embora misturassem realidade e fantasia, retratavam os momentos de luta, derrotas e conquistas da população a que pertencem. Retextualizar as memórias, lendas, músicas, causos e poemas colhidos na oralidade, passando - os para a escrita e ainda usar recursos expressivos da língua, aproximando os textos da linguagem literária foi outro desafio enfrentado, mas que gerou resultados acima da expectativa. Os alunos se esforçaram mais do que esperávamos, reescreveram os textos quantas vezes se fizeram necessárias e

por fim chegamos ao resultado: quarenta e dois textos orais da população de Alto Paraguai preservados no registro escrito em um blog e posteriormente em um livro.

A apresentação dos produtos finais na noite cultural foi cheia de emoção por parte da comunidade que lotou o espaço da Câmara Municipal e deslumbrada ouviu cada história contada. Alunos que apresentavam timidez em fazer apresentações orais até na sala de aula, estavam ali, nervosos e ansiosos, porém preparados e prontos para o espetáculo da noite.

Para nossa surpresa, fomos homenageados pelos vereadores da cidade que nos deram um certificado de moção de aplausos em reconhecimento pelo projeto de resgate cultural e também premiados com um dia de passeio, conforme fotos em anexo.

Este projeto de pesquisa foi desenvolvido visando alcançar dois objetivos de igual relevância: Desenvolver atividades que contribuíssem com o letramento literário dos alunos e preservar as narrativas orais de Alto Paraguai para que não se percam no tempo. Cremos que alcançamos ambos os objetivos.

Sobre as dificuldades? Foram muitas: cansaço, esgotamento físico, imprevistos, aulas nos finais de semana e nos feriados, entre tantas e tantas outras. Porém, a obtenção dos resultados superou todas essas contrariedades.

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas foi nele que espelhou o céu. (Fernando Pessoa)*

Os versos de Fernando Pessoa sintetizam o processo empenhado nesta pesquisa que traduz, também, o nosso apreço pela história da nossa terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROZO, João Carlos. **Em busca da pedra que brilha como estrela: garimpos e garimpeiros de Alto Paraguai – Diamantino**. Editora Tanta Tinta, Cuiabá: 2007.

BAYARD, Jean-Pierre. **História das lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957 (Coleção Saber Atual).

BENJAMIM, Walter. **O narrador, magia e técnica: arte e política**. Editora Brasiliense. 1987.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

Brasil. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa / – Brasília : 1997.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura em: Vários Escritos. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976. 348 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Lendas Brasileiras para Jovens**. 1ª edição digital, Editora Global, São Paulo:2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 1ª edição digital, Editora Global, São Paulo: 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 1ª edição - Ed. Moderna, São Paulo: 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática** / Rildo Cosson. – 2. Ed, 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado da Educação, 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **La memoire Collective**. 2ª Ed. Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968. Tradução Léon de Laurent Sch Affter, 1990

HARTMANN, Luciana. **Tradições orais na fronteira, Argentina, Brasil e Uruguai**. Florianópolis, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/alto-paraguai/historico>. Acesso em 22/03/2017.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento na contemporaneidade / Literacy in the Contemporary Scene**. Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso. São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014

MANZINI, E, J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27. 1990/1991 p. 149-158.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização**. 1ª edição, editora Cortez, São Paulo: 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOÇO, Anderson. **14 perguntas e respostas sobre projetos didáticos**. In: Nova Escola, 2011. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/424/14-perguntas-e-respostas-sobre-projetos-didaticos>. Acesso em: 25/10/2017.

OLIVEIRA, Janilson Dias de. **Contando causos / -- Natal: IFRN, 2012. 72 p.**

Projeto Político Pedagógico - Escola Alexandre Gomes da Silva Chaves – 2017.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Editora, Atlas, Goiânia, 2005.

ROJO, Roxane Helena. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

SABINO, Fernando. **O menino no espelho**. 91ª edição. Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo: 2012.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Lendas e Mitos do Brasil**. 15ª edição. Companhia Editora Nacional, 2004.

SILVA, René Marc da Costa. **CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO. Salto para o Futuro**. Salto para o Futuro / TV Escola / SEED/MEC. Brasília, 2008.

SISTO, Celso. **“A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil”**. Disponível em [HTTP//www.celsosisto.com.br](http://www.celsosisto.com.br), acesso em, 23/10/2017

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999. Texto publicado no periódico “Presença Pedagogia”, v. 2, nº10, jul/ago. 1996, na seção “Dicionário crítico da Educação.

SUASSUNA, Ariano. **Teatro Moderno: Auto da Compadecida**. Editora Agir, Rio de Janeiro, 2004.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 8ª ed., 1988.

TODOROV, Tzvetan, 1939. **A literatura em perigo**/Tzvetan Todorov, tradução Caio Meira.- Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ANEXOS

ANEXO A – Lenda “O couro velho”

Essa história aconteceu em Alto Paraguai, próximo ao Córrego Fundo, com um senhor que gostava de trabalhar somente à noite. Naquela época, a cidade estava começando a surgir e ainda era um pequeno vilarejo chamado Gatinho. Estava também surgindo o garimpo de pedras preciosas e os primeiros comércios que funcionavam em um sistema de troca. Quem tinha diamante trocava por alguma mercadoria como arroz, feijão, milho entre outros produtos.

As famílias moravam umas perto das outras, mas cada uma delas deixava uma extensão de terra para o plantio de diversos alimentos como grãos e hortaliças, também sobreviviam da caça e pesca. Com o tempo, descobriram um riacho que passava por lá, nele começaram a encontrar jazidas de ouro, a este riacho deram o nome de Córrego Fundo. Eles gostavam muito da vida que estavam vivendo, porque começaram a ter fartura.

As pessoas não tinham cavalos, somente de dois a três bois bem grandes. Quando colhiam os alimentos, enchiam as bruacas e colocavam nos bois de um lado e do outro para levar à cidade e realizar as trocas nos pequenos mercados da cidade e depois voltavam para casa. No dia de viajar, saíam de madrugada e chegavam na vila do Gatinho bem de tarde, e dormiam por lá. No outro dia faziam tudo o que tinham que fazer e ao meio dia retornavam para suas casas, chegando no comecinho da noite.

Todos trabalhavam de dia, mas um deles, que era muito destemido e não tinha medo de nada, gostava de trabalhar somente à noite, ele dizia que o serviço rendia mais. Por isso, viajava quando começava a anoitecer, passava a noite toda andando e chegava à cidade amanhecendo. Durante o dia, resolvia todas as coisas e quando era seis horas da tarde adentrava a mata perigosa, densa e escura, chegando em sua casa ao amanhecer. Um dia o amigo dele disse:

— Cuidado, é perigoso só você e esses bois na estrada, não tem nem com quem conversar.

—Mas o bom é isso, vou em silêncio e faço minhas coisas todas rapidamente.

Vários dias se passaram e ele disse para sua mulher:

—Estamos tendo muitas frutas e verduras, vou ter que ir à cidade, depois de amanhã, trocar por outras mercadorias.

Um dia antes, o compadre dele chegou e disse:

—O senhor vai viajar amanhã?

—Vou — respondeu.

—Caso veja um boi branco, meio cinza, esse boi é meu, ele escapou, amarre-o e traga para mim já que o senhor virá à noite e terá mais facilidade de vê-lo.

—Tudo bem, se eu encontrar seu boi, com certeza o trarei, compadre.

No outro dia, fez todas as trocas e seis horas da noite saiu da cidade de volta para casa, foi embora cantando baixinho pelo caminho, quebrando o silêncio da noite que de vez em quando era interrompido pelo sibilar de uma cobra rastejando no capim ou pelo pipilar de alguma coruja que atenta observava tudo, sentada em algum toco. Por volta de meia-noite, avistou um pasto aberto, os capins verdes e baixos e árvores muito altas. O boi do compadre estava lá e o homem disse para si mesmo:

—Vou levar o boi do compadre, ele vai ficar muito satisfeito.

Amarrou o seu boi para que não fugisse e entrou no pasto para pegar o do compadre. Quanto mais andava, mais distante ficava. Foi indo e indo, começou a sentir um fedor de carniça e parou. Quando olhou, não era mais o boi, era uns couros rolando. Ele gritou de susto, saiu correndo e a bola de couro atrás.

Chegando perto do boi que estava amarrado, apenas puxou o laço e ele disparou. O moço ainda conseguiu segurar no rabo dele que saiu dando saltos de medo enquanto aquela coisa horrível, com um barulho de arrepiar e um fedor de couro podre, corria atrás. Esse boi correu tanto que o homem estava ficando sem forças para continuar segurando. Muitos animais acordaram assustados e saíram de seus esconderijos enquanto aves barulhentas gralhavam sobrevoando a mata. Os pedaços de couro emitiam um som rouco e rolavam com rapidez, na tentativa de alcançar o homem. Misteriosamente, um vento forte começou a soprar, balançando as árvores e agitando os passarinhos. O animal corria disparadamente até que chegaram no Córrego Fundo que fica perto de sua casa.

O boi se aproximou da margem, deu uns passos para trás e saltou do outro lado com o homem. Ele estava fraco porque já tinha corrido muito, a bola de couro parou na margem do córrego e disse:

—Sua sorte é esse córrego, a sua sorte é essa água.

O homem não viu mais nada e desmaiou. Quando acordou já era dia, os compadres dele estavam todos no local e o boi pastando. De tanto susto, ele não conseguia falar, então seus amigos o levaram para sua casa. Aquele senhor ficou vários dias com medo. Com muito esforço, a fala voltou e ele relatou tudo o que tinha acontecido.

A partir desse acontecimento, o homem passou a viajar para trocar suas mercadorias somente de dia.

Quem anda tarde da noite, pelas estradas de Alto Paraguai, diz que a bola de couro velho continua aparecendo e correndo atrás das pessoas que imediatamente procuram um rio e mergulham nele. Aqueles que não têm a sorte de achar a água, depois aparecem mortos pelas estradas.

(Retextualização do aluno Luiz Guilherme Padilha)

ANEXO B – Memória “Inesquecíveis momentos da juventude”

Memórias de Iraci Lopes

Eu me chamo Iraci Lopes de Souza, nasci em Santo Antônio, município de Alto Paraguai, no dia 30 de dezembro de 1952 e moro aqui desde o meu nascimento, há 65 anos.

No início da cidade era tudo muito precário, não havia luz elétrica, nem água encanada, as ruas não eram asfaltadas e não existia a quantidade de ruas que há hoje. Nós brincávamos na escuridão da noite, mas gostávamos de brincar também durante o dia. Havia dois ônibus cujos nomes eram Rápido e Baleia. Aqui em Alto Paraguai não existia televisão, a primeira que chegou aqui foi na década de 70. Também não existiam telefones, só comunicávamos por carta.

Quando eu era criança, estudei por um tempo na escola pública, e no final da aula, passávamos no mercadinho do Juca, hoje meu esposo, para comprar docinho em 1960. Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo foi a primeira escola de Alto Paraguai, depois trocaram o seu nome por Alexandre Gomes da Silva Chaves. Com o passar do tempo, construíram na rua de baixo, um novo prédio escolar e o denominaram novamente Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, permanecendo assim até hoje.

Aqui existia um colégio particular de Freiras onde estudei e adquiri muito conhecimento de linguagens, científico e socialização. Era tudo muito rígido: se não fizesse a tarefa ficava de castigo, se fosse de roupas curtas e sem uniforme não entrava e se não usasse meias brancas voltava para casa. Esse tempo foi muito bom pelo fato de aprender a ter disciplina. E claro que não poderia faltar a famosa “palmatória”, mas graças a Deus eu nunca levei. As Freiras faziam o famoso “argumento”. Era assim: você tinha que saber a tabuada, cada vez que errasse apanhava. Elas escolhiam um número da tabuada e com certeza tinha que saber, aí ficava eu e outro aluno, eu fazia perguntas para ele, e ele para mim. E sendo assim, se errasse eu levava uma palmatória ou se o colega errasse, ele é quem levava.

A primeira Igreja de Alto Paraguai foi a Católica, feita de adobo, na época em que os garimpeiros estavam desbravando a cidade. Ela foi construída no mesmo local onde é a Matriz atualmente. Há também a antiga Capelinha construída com os esforços do Nordestino Sr. Nozinho da Ponte, em 1963. Todos os anos, ele ia para Bahia pagar promessas e como muitos devotos queriam que ele levasse pedidos,

prometeu trazer a imagem do Santo para cá e deram o nome da Capelinha de Sr. Bom Jesus da Lapa.

São tantas coisas que me deixaram feliz naquela época. Mas o que realmente me marcou foram os desfiles de 07 de setembro. Por ser uma das melhores alunas, eu saía nos carros alegóricos e tinha o maior prazer em andar neles. Esse tempo me marcou deixando muitos sentimentos e saudades.

Lembro-me que aqui havia duas danceterias: a Filarmônica e a ABC. A Filarmônica era uma associação particular com presidentes e colaboradores. Naquela época eles faziam carnaval, vinham pessoas de várias regiões até mesmo do Rio de Janeiro, faziam desfile de moda, traziam bandas que tocavam rock, sertanejo e outras músicas daquele tempo.

Havia um cinema de propriedade do Sr, Lúcio Rodrigues Lisboa. Eu não perdia um filme, antes de começar a sessão, ficávamos andando lá na frente, ouvindo as músicas e quando anunciavam que ia começar, todo mundo saía correndo para comprar ingressos. Lá dentro vendia pipoca e pirulito em forma de guarda-chuvinha dentro de um tabuleiro. Os filmes que passavam eram muito bons, alguns iam para assistir, outros para namorar escondido. Eu mesma já namorei, mas também assistia. Era uma oportunidade de sair, não a única, porque havia muitos lugares para irmos nos divertir.

Existia a pracinha onde todos nós ficávamos andando e conversando. Juca era o rapaz “melhorzinho” da turma. Ele tinha uma sonatinha e a levava quando saíamos. Juntávamos na rua e marcávamos o dia e do que iríamos brincar. Alguns namoravam, outros conversavam. Gostávamos de brincar de pega-pega, esconde-esconde, direita vazia e salva latinha. Também íamos para a catequese e a igreja fazia muitos passeios para a Manga e para a Usina. Passeávamos tanto que quando chegava o fim do dia, estávamos muito cansados. Depois de tudo isso, marcávamos de fazer uma “domingueira” na casa de alguém, no próximo domingo na casa de outra pessoa. Dançávamos a tarde toda, era tudo sadio, não usávamos cigarro, bebidas, nem drogas, todo mundo de “cara limpa” e não havia prostituição entre nós. Comíamos, tomávamos suco, tudo muito simples, mas como muita alegria. Sentávamos todos juntos para conversar – naquele tempo ainda não havia celular – contávamos sobre nossas vidas e nossos segredos. Cada domingo nos encontrávamos na casa dos pais de um dos colegas que nos recebiam com muita

alegria. Os quintais eram cheios de árvores e fazíamos o piquenique na natureza, ouvindo a orquestra encantadora dos passarinhos. Para onde íamos, a sonatinha do Juca ia, tocando as músicas daquele tempo e animando nossas brincadeiras. Eu o achava muito bonito, não somente eu, mas muitas outras meninas. Enfim.... eu o conquistei primeiro.

Foram tantas coisas que aconteceram comigo nesta cidade. Trabalhei 25 anos como professora e desempenhei muitas funções: diretora, supervisora, e delegada de ensino. Se bem me lembro, minha última turma foi a do meu filho, de alfabetização, me recordo até hoje das crianças me chamando de tia.

Atualmente, continuo morando em Alto Paraguai, me casei com o Juca da sonatinha e conto com muito orgulho e prazer minhas histórias, lembranças saudáveis e agradáveis. Esse tempo foi incrível, extraordinário e inesquecível.

(Retextualização em grupo de alunos do 8º e 9º ano).

ANEXO C – Reconhecimento: moção de aplausos e um dia de passeio

Moção de aplausos

Na noite cultural, o vereador Fabrício Carvalho de Santana pediu a palavra e sugeriu que o Presidente da Câmara Alessandro Souza de Carvalho abrisse, naquele momento, uma sessão para aprovação de moção de aplausos em reconhecimento ao Projeto Histórias de Alto Paraguai. Imediatamente, o presidente acatou a sugestão e por aprovação unânime, todos os vereadores deliberaram em fazer a sessão solene de moção de aplausos no dia 22 de novembro do corrente ano.

Figura 125 – Moção de aplausos na Câmara Municipal pelo Projeto de resgate cultural



Fonte: Sunair Batista(2018)

Figuras 126 e 127 – Noite cultural – Moção de aplausos
Professora Sunair Pereira Fonseca Batista, alunos e autoridades de Alto Paraguai



Fonte: Sunair Batista(2018)

Um dia de passeio

Outra forma de reconhecimento ao Projeto “Histórias de Alto Paraguai” foi um dia de passeio patrocinado pela prefeita para os participantes do projeto. Passamos o dia todo em um clube e à noite fomos com todos os alunos para uma pizzaria na cidade de Diamantino. O diretor da Escola Alexandre Chaves também nos presenteou com um almoço e sorvetes de sobremesa.

Figuras 128 e 129 – Lazer e descanso merecido



Fonte: Sunair Batista(2018)

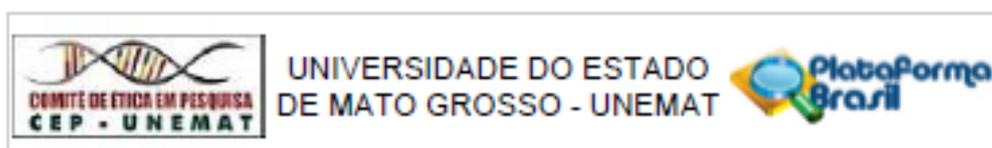
Figuras 130, 131 – Na pizzaria na cidade de Diamantino com os alunos do projeto



Fonte: Sunair Batista(2018)

Foi muito gratificante receber o reconhecimento das autoridades de Alto Paraguai e saber que por meio do Projeto contribuimos com o resgate cultural da cidade.

ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título  UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT  tre a

Pesqu
Área T
Versão

Continuação do Parecer: 2.575.548

CAAE: Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

	Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Institu	Informações Básicas do Projeto	PIB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1026760.pdf	27/02/2018 00:58:50		Aceito
Patroc	Cronograma	cronograma.pdf	27/02/2018 00:44:21	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
DADO	TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOdeassentimento.pdf	27/02/2018 00:43:44	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
Númer	TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEdosmoradores.pdf	27/02/2018 00:43:10	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
Apres	TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpalsdosalunos.pdf	27/02/2018 00:42:43	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
O Proj	Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_unemat.pdf	08/01/2018 17:25:58	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
escrita	Outros	curriculo_orientadora.pdf	03/12/2017 00:59:56	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
Paragr	Outros	orcamento.pdf	03/12/2017 00:51:23	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
refextu	Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_infraestrutura.pdf	27/11/2017 20:05:54	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
alunos	Outros	ofcio.pdf	27/11/2017 19:57:49	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
9º ano	Outros	Instrumento_coleta_de_dados.pdf	27/11/2017 19:40:33	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
no per	Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	27/11/2017 19:35:43	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
na put	TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOInstitucoes.pdf	27/11/2017 19:34:36	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
percar	Declaração de Pesquisadores	declaracao_resolucao.pdf	27/11/2017 19:32:16	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
*conta	Declaração de Pesquisadores	declaracao_orientadora.pdf	27/11/2017 19:18:52	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
Objeti	Declaração de Pesquisadores	declaracao_coleta_dados.pdf	27/11/2017 19:15:25	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito
Objeti	Folha de Rosto	foihaderosto.pdf	23/11/2017 18:29:28	SUNAIR PEREIRA FONSECA BATISTA	Aceito

Endere
Bairro:
UF: M
Telefo

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II CEP: 78.200-000
UF: MT Município: CACERES
Telefone: (65)3221-0067 E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 2.575.640

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 02 de Abril de 2018

Assinado por:
Raul Angel Carlos Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1005

Bairro: Cavalhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada

- 1 - Qual é o nome completo do (a) senhor (a)?
- 2 - Há quanto tempo o (a) senhor (a) mora em Alto Paraguai?
- 3 - O senhor(a) poderia nos contar como foi fundada a cidade de Alto Paraguai e como a cidade era bem no início de sua formação?
- 4 - Quais foram os primeiros comércios?
- 5 - Qual foi a primeira escola de Alto Paraguai?
- 6 - Sobre religião, qual foi a primeira igreja construída em Alto Paraguai?
- 7 - Havia clubes, boates ou danceterias no início da fundação da cidade?
- 8 - Quem abriu o cinema em Alto Paraguai e como funcionava?
- 9- O senhor trabalhou no garimpo de Alto Paraguai?
- 10 - Como funcionavam os primeiros garimpos?
- 11 - O senhor se lembra de algum caso muito triste ou muito alegre, que aconteceu com o senhor aqui em Alto Paraguai e que ficou marcada em sua memória?
- 12 - O senhor já ouviu falar em enterros de pedras preciosas como diamante e ouro? Poderia nos contar sobre isso?
- 13 - É verdade que aconteciam muitas mortes no período do garimpo e que com o tempo os espíritos dos mortos apareciam para as pessoas? O senhor conhece alguma história misteriosa ou sobrenatural que aconteceu em Alto Paraguai?
- 14 - O senhor tem algum documento, texto ou outra lembrança de Alto Paraguai para nos mostrar?

APÊNDICE B – Questionário Socioeconômico dos Moradores

1- Qual é a idade do entrevistado? _____

2- Com quem mora o aluno entrevistador?

- a) Pai e mãe
- b) Pai
- d) Avós

3- Há quanto tempo vive na comunidade? _____

4- Quantas pessoas vivem na sua casa? _____

5- A casa da família é:

- a) Própria
- b) Alugada
- c) Cedida

6- Quantas pessoas há aposentadas na família? ____

7- Há alguém na família que já trabalhou como garimpeiro? () Sim () Não

08- Onde as pessoas da família trabalham?

- a) Na própria comunidade.
- b) Fora da comunidade.

11- Qual a renda mensal da família?

- a) Um salário mínimo;
- b) 02 a 03 salários mínimos;
- c) 04 a 05 salários mínimos;
- d) Mais de 05 salários mínimos

12- Qual o grau de escolaridade de seus pais?

- a) Pai () não sabe ler () até a 4ª série () ensino fundamental

- () ensino médio () faculdade
- b) Mãe () não sabe ler () até a 4ª série () ensino fundamental
- () ensino médio () faculdade

13- Quantos celulares na casa? _____

14- Quantos computadores tem na casa? _____

15- Tem acesso à internet em sua casa?

- a) Sim
- b) Não

16- Conhece alguma lenda de Alto Paraguai?

- a) Sim.
- b) Não

APÊNDICE C – Termo de Assentimento do Aluno

Prezado aluno (a),

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário da pesquisa *Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais da cidade de Alto Paraguai/MT*, coordenada pela professora Sunair Pereira Fonseca Batista. Seus pais permitiram que você participe.

Nesta pesquisa, queremos saber quais são as narrativas orais, isto é, as histórias populares que o povo da nossa cidade, Alto Paraguai/MT, ainda guarda na memória e utilizar essas histórias em atividades que poderão ajudar os alunos a melhorar sua capacidade de leitura, escrita e apresentação artística. Assim, você poderá realizar, com ajuda da professora, atividades de reescrita das histórias pesquisadas e também recontá-las para outras pessoas.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se resolver desistir. Você não irá pagar nem receber dinheiro por participar desta pesquisa.

A pesquisa será feita na pequena cidade de Alto Paraguai/MT, onde cresceram seus pais e avós e onde você mora até hoje. Os alunos irão utilizar questionários com perguntas que foram feitas com a ajuda da professora para entrevistar os familiares, vizinhos e moradores e pedir que contem suas histórias vividas na cidade. A professora irá junto com os alunos nas casas dos moradores para ouvi-los e se seus pais ou responsáveis se interessarem também poderão acompanhar.

Durante a pesquisa, poderá ocorrer de você sentir vergonha e ficar acanhado ao entrevistar os moradores ou para apresentar as histórias para o público sentindo-se retraído e inseguro, sabemos que isso é ruim, mas não se preocupe, porque se isso acontecer, a professora estará ao seu lado te apoiando em tudo que precisar e te ajudando a realizar todas as atividades da melhor maneira possível para que você se sinta bem e seguro. Há também coisas boas que podem acontecer, como no final você conhecerá mais sobre nosso povo e terá tido a oportunidade de participar de uma importante atividade, colaborando para que as histórias de nossa cidade não sejam esquecidas, mas que todas elas sejam guardadas em um livro que será publicado depois da pesquisa.

Os dados que você pesquisou e coletou estarão sempre à sua disposição e de seu responsável. Só será divulgado seu nome ou sua participação na pesquisa, se você e também seus pais ou responsáveis permitirem.

Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNEMAT pelo telefone: (65) 3221-0067 e se você precisar, pode em qualquer momento, entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa: Professora Sunair Pereira Fonseca Batista, Avenida Castelo Branco, nº 1513, bairro Planalto, Alto Paraguai-MT, CEP78.410.000; email: suna_amomeudeus@hotmail.com; telefone celular: (65) 9 9333 – 4625.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ RG _____
aceito participar da pesquisa *Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais da cidade de Alto Paraguai-MT*. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. A pesquisadora tirou todas as minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

() Se meus responsáveis concordarem, eu autorizo a publicação dos meus dados.

Local e data

Assinatura do (a) menor

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Convidamos V. S^a. para participar, como voluntário, da pesquisa em desenvolvimento pela mestranda **Sunair Pereira Fonseca Batista**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e realizado na Universidade do Estado de Mato Grosso – Sinop/MT. Após a leitura deste documento e ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, favor assinar ao final, as duas vias, uma delas ficará com o (a) Senhor (a) e a outra com o pesquisador responsável. Em caso de recusa, não haverá penalidades de forma alguma. As dúvidas poderão ser dirimidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221 - 0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: Práticas de letramento literário a partir de narrativas orais de Alto Paraguai – MT.

Responsável pela pesquisa: Sunair Pereira Fonseca Batista

Endereço e telefone para contato: Avenida Castelo Branco, 1513, Bairro Planalto, Alto Paraguai, Mato Grosso, Brasil, CEP 78.410.000 fone(65) 993 33-46 25

Equipe de pesquisa: Sunair Pereira Fonseca Batista (mestranda)

Prof.^a Dr.^a. Marta Helena Cocco (orientadora)

Descrição da pesquisa:

A presente pesquisa tem como foco de investigação as narrativas orais surgidas no período do garimpo em Alto Paraguai Mato/Grosso e será desenvolvida na Escola Estadual Alexandre Gomes da Silva Chaves, com alunos do 9º ano.

Objetivo geral:

Conhecer as narrativas orais presentes na memória da população de Alto Paraguai e a partir delas desenvolver atividades com a finalidade de aprimorar as competências de oralidade e escrita literária, bem como a capacidade de apresentação artística dos alunos através da contação de histórias.

Sujeitos da pesquisa

A pesquisa tem como sujeitos alguns moradores de Alto Paraguai e os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Estima-se que ao todo serão 40 participantes.

Esclarecimentos

Será garantido aos sujeitos envolvidos na pesquisa, o acesso aos dados coletados, demonstrando com isso transparência nos procedimentos adotados e seriedade com relação ao trabalho desenvolvido. Os participantes poderão se desligar ou descontinuar sua participação no projeto a qualquer momento de seu andamento. Os instrumentos de coleta de dados a serem utilizados são entrevista e questionário e o participante terá o direito de não responder às perguntas que lhe causarem constrangimentos de qualquer natureza ou se ele permitir, o pesquisador poderá utilizar outro método alternativo de coleta. A equipe pesquisadora dará esclarecimentos, antes e durante a pesquisa, acerca da metodologia e do método de análise de dados. Os resultados da pesquisa serão fornecidos aos participantes, assim que tiver devidamente concluída. Os sujeitos participantes da pesquisa estão conscientes de que não serão pagos pela participação e que os ganhos decorrentes da pesquisa serão em relação à aprendizagem e experiência de participação. O participante poderá autorizar ou não a publicação dos dados coletados através da escolha das opções abaixo:

() Autorizo a publicação de meus dados

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa

A pesquisa oportunizará benefícios sociais, pois as histórias da cidade, depois de coletadas, reescritas e retextualizadas, serão registradas e preservadas em um livro que poderá ficar nas bibliotecas das escolas à disposição de toda a população, como patrimônio cultural imaterial, evitando que se percam com o tempo ou que caiam no esquecimento. Os professores poderão adquirir e utilizar o livro como material didático de leitura e pesquisa em todas as disciplinas, principalmente nas aulas de literatura e história incentivando o exercício da cidadania ao trabalhar com os alunos a importância de conhecer e valorizar as histórias de sua própria cidade. Através da reescrita e retextualização das narrativas orais coletadas os alunos poderão aprimorar as capacidades de leitura e produção escrita. Os alunos também poderão desenvolver a capacidade artística através da apresentação das narrativas em forma de dramatização e teatro bem como adquirir conhecimentos diversos durante a pesquisa das narrativas orais. Por meio da realização deste projeto de pesquisa, as histórias e a cultura da cidade de Alto Paraguai serão valorizadas e divulgadas.

Riscos da Pesquisa

Ao considerarmos que toda pesquisa desenvolvida com seres humanos envolve riscos, serão tomadas algumas precauções e atitudes a fim de amenizar possíveis riscos ou prejuízos aos participantes da pesquisa. Temos como princípio que este trabalho seja desenvolvido com ética e responsabilidade por parte do pesquisador, assim a seguir elencaremos alguns riscos que podem ocorrer:

- Há riscos de o entrevistado ficar constrangido e acanhado em contar um fato pertencente à história de sua vida e se sentir incomodado em compartilhar algumas informações pessoais ou em responder algum tópico da pesquisa. Porém, os participantes são livres em responder ou não qualquer parte do questionário ou da entrevista, e serão tomadas todas as medidas possíveis para o bem - estar dos participantes com a devida valorização das narrativas orais por eles narradas, mostrando-lhes que as narrativas serão reconhecidas pelas pessoas e que a história da cidade será valorizada e preservada.

- Há também o risco de algum participante, emocionar-se ao contar as histórias da cidade, principalmente os mais idosos, já que poderá narrar alguma lembrança que fez parte de sua vida ou de algum parente e sentir dificuldade em relatar devido à emoção. Para essa situação, o pesquisador terá o cuidado de antes da entrevista, contar com a permissão, a presença e a participação dos familiares do idoso para que o apoiem e o ajudem no momento de responder às perguntas ou de narrar as histórias e o entrevistador agir com calma, discrição e ética dando total liberdade para que o participante se sinta bem e reestabelecido, incentivando-o ao mostrar a

importância da preservação da história do povo alto-paraguaiense para que ela não caia no esquecimento, que futuramente essas histórias servirão de fonte de leitura e pesquisa nas escolas, para os netos, as crianças e jovens de Alto Paraguai.

Nome: _____ RG ou CPF _____

Endereço: _____

Local e data

Assinatura do sujeito participante

Responsável pela Pesquisa